

CENTRO DE TEOLOGIA E FILOSOFIA — C. T. F.

CURITIBA — PR.

FREI EURICO DE MELLO

# A VIDA CONSAGRADA NA SEARA

I VOLUME

História dos anos de Fundação

CURITIBA

1984

*Frei Eurico de Mello*

A VIDA CONSAGRADA NA SEARA

*I volume*

HISTÓRIA DOS ANOS DE FUNDAÇÃO

CURITIBA

1984

*Aqueles  
aos quais  
o Senhor me confiou  
para que  
os conduzisse  
em seu nome!*

## APRESENTAÇÃO

Com este escrito pretendo iniciar uma exposição, explicação, explanação e explicitação do texto da Constituição da SEARA. Neste primeiro volume contarei a história da concepção, gestação e nascimento desta nossa Família. Em seguida, farei uma explicação e explicitação - no II volume - do próprio texto da Constituição, seguindo-o capítulo por capítulo, artigo por artigo.

Minha preocupação constante haverá de ser a de expor com clareza, simplicidade e brevidade, aquilo que constitui a natureza, a finalidade, os propósitos e o sentido desta nossa Fundação.

Falarei aos Arautos da SEARA, isto é, aos meus filhos. Dir-lhes-ei tudo, para que não fiquem dúvidas na mente deles nem perplexidades em seus corações, para que possam permanecer fiéis ao Dom que recebemos.

Que estas minhas palavras sirvam para que se mantenha viva aquela chama que assim está expressa no artigo 17 da Constituição:

*"O principal dever da SEARA é reconhecer sempre de novo a sua vocação em Cristo, na Igreja e no mundo, conservar sempre sua índole peculiar de acordo com o espírito de sua Fundação e perseguir seus objetivos essenciais e fundamentais, levando sempre em consideração as condições dos tempos. O contributo da SEARA à Igreja e ao mundo será tanto mais eficaz quanto mais seus Arautos forem fiéis ao próprio carisma particular e ao espírito desta vida. Apresentem-se, pois, à Igreja e ao mundo, assim como o Senhor os constituiu para dar, com simplicidade de coração, tudo quanto dele receberam. Meditem no próprio Dom para descobrir suas riquezas e captar seu di-*

namismo característico. Procurem sempre relê-lo de maneira original, em função das características do "aqui" e do "agora" em que estiverem envolvidos no presente e no futuro. Descubram em cada época este nosso modo de ler o Evangelho, acentuando este "nosso determinado aspecto conforme as necessidades das gerações que se sucedem, porque só assim sua consagração terá sempre a força fermentadora que a deve caracterizar".

"Meditar no nosso Dom", eis o que pretendemos fazer: meditar na graça, no carisma com que o Senhor quis adornar a Igreja, sua Esposa, mediante o pobre, miserável e desprezível instrumento que somos nós. - Por que meditá-lo? Para descobrir sempre mais as suas riquezas e captar melhor seu dinamismo característico.

O Dom que recebemos precisa ser objeto de contínua meditação: porque este é um Dom que exige ser sempre avivado; do contrário, perde o seu dinamismo característico, sufoca-se nele a "novidade do Espírito". Mas esta meditação precisa ser feita sempre numa profunda disposição de fidelidade. Trata-se de avivar o Dom, ressuscitá-lo, reanimá-lo, despertá-lo, e não de sufocá-lo, mudá-lo ou substituí-lo por outro. O outro, se fôr Dom, será sempre "outro", e não mais este, e um Dom jamais substitui o outro porque cada um é único, e jamais suplanta o outro porque, enquanto Dom do Espírito, não divide nem contrapõe, mas une e enriquece.

Esforçar-me-ei, portanto, por ser claro, muito claro, a fim de que minhas palavras tenham mais força e dêem mais segurança àqueles meus filhos que se esforçam por levar à sério a fidelidade ao nosso dom.

Curitiba, 25 de maio de 1984.

## QUERO CONVERSAR COM OS MEUS FILHOS

"Quero conversar com os meus filhos" - e-  
is outra maneira de declarar o objetivo destas  
páginas. "Conversar com os meus filhos!"... Por  
acaso me é lícito o emprego desta maneira de fa-  
lar? Percebo que eles, a cada dia que passa, sem-  
pre mais me chamam de pai. Mas será verdade que  
realmente me tornei pai? Posso realmente pensar  
que, em verdade, estou me dirigindo a pessoas  
que se tornaram "meus filhos"?

Sim, eu sinto a verdade de me ter tornado  
pai e que, portanto, com estas palavras, realmen-  
te estou me dirigindo aos "meus filhos". Mas sinto  
também outra verdade: não sou digno disso, ou  
melhor, sou um homem profundamente indigno de tu-  
do isso. E não apenas sou indigno: mas sou inca-  
paz de uma missão deste tipo, ao menos por mui-  
tos e muitos aspectos. Esta palavra com a qual  
se dirigem a mim - "pai" - representa um título  
que me enche de alegria e me realiza, mas também  
me confunde, faz com que sinta vergonha de mim  
mesmo. Quando eles se dirigem a mim e me cha-  
mam com este nome, sinto realmente a minha indi-  
gnidade e, por muitos aspectos, também a minha  
incapacidade. Eu não soube ser pai; não sei se  
agora o estou sabendo ser, mas, na verdade, ao  
menos em grande parte dos anos de minha dedica-  
ção a esta Família, eu não soube ser pai. Fui um  
homem governado por muitas fraquezas e contei  
também com muita hurrice.

Entretanto, não posso me furtar à constata-  
ção de outra verdade, tão forte, tão clara, que  
grita e chega a fazer festa dentro de mim: o Deus  
do qual provém toda a paternidade, a mim, indig-  
no e incapaz, escolheu para ser pai. Foi um Dom.  
Foi e continua sendo um Dom. Desconcertante este  
Dom, não por aquilo que o Dom é em si, mas por  
esta pobre argila frágil, mísero homem, indigno  
e incapaz, ao qual este Dom foi confiado. Em to

do o Dom, principalmente nos Dons que vêm do alto, há sempre pura gratuidade. Neste caso não há apenas uma gratuidade pura, mas uma gratuidade desconcertante; eu diria até: uma gratuidade que escandaliza. Sim, se alguém tivesse conhecimento da miséria de homem que fui e continuo a ser, só poderia escandalizar-se da gratuidade deste Dom. Escandalizar-se-ia com aquele Deus que escolhe caminhos deste tipo.

O Deus do qual deriva qualquer tipo de paternidade, a mim, homem miserável, fraco, indigno e incapaz, escolheu para ser pai. - Por que escolheu a mim? Eu também já cheguei a me escandalizar com isso. Depois entendi os motivos dEle, ao ler na primeira Carta aos Coríntios: "As coisas incompetentes segundo o mundo, Deus as escolheu para confundir os sábios, e as coisas fracas segundo o mundo, escolheu-as Deus para confundir os fortes; e Deus escolheu as coisas vis e desprezíveis segundo o mundo, e aquelas que não são para destruir as que são, para que nenhum homem se glorie diante dele" (1Cor 1,27-29).

"Para que nenhum homem se glorie diante de Deus"... "Não a nós, Senhor, não a nós, mas ao teu nome dá a glória"!... Para ser pai de uma nova Família na Igreja, o Senhor escolheu a mim, indigno e incapaz, exatamente para que nenhum homem se glorie. Escolheu a mim, um homem indigno e incapaz para que todos saibam, mais uma vez, que todo o Dom autenticamente celestial e perfeito, não vem da criatura, mas vem de Deus. Por isso escolheu a mim, homem indigno e incapaz. Se tivesse escolhido a um outro, que fosse digno e capaz, haveria o perigo de a criatura gloriar-se do resultado. A obra, com mais facilidade, faria transparcer a glória de Deus. Fazendo o que fez, a criatura não pode gloriar-se da obra que saiu de suas mãos. Sentindo vivamente em sua pele a própria indignidade e incapacidade, a criatura que sou eu sente-se confusa, perplexa, envergonhada; mas, constatando o desígnio segundo o qual o Senhor escolhe de tal maneira que não se dê a outro a sua glória, alegra-se e faz festa,

porque o Senhor "lançou os olhos para a humildade de sua serva" (Lc 1,48).

Várias vezes ouvi de confrades meus, alusões a respeito da SEARA, nestes termos: "O Instituto é bom, mas o fundador não presta". Eles têm razão. Se me conhecessem melhor, saberiam que o fundador desta nova Família de vida consagrada presta muito menos do que o supõem. Mas foi exatamente por isso que o Senhor o escolheu, o chamou e o trabalhou: um homem que "não presta", para que o homem não se glorie da bondade desta obra. Que não se dê nenhuma glória ao homem, em absoluto, mas que só ao nome do Senhor se dê a glória; que se perceba na bondade desta obra tão somente a marca das mãos de Deus que age na Igreja de maneiras admiráveis. Ora, está aí uma obra admirável! Que ao vê-la, todos bendigam ao Pai de todas as luzes e ao Autor de tudo o que é bom!

Quero, então, conversar com os meus filhos e falar-lhes do Dom que recebemos, o Dom do qual todos nascemos e que nos reuniu numa Família, e ligou-nos uns aos outros como irmãos, com um vínculo mais forte que os da carne e do sangue, porque nascido de uma intervenção misteriosa e maravilhosa do Espírito.

### O DOM DO QUAL NASCEMOS

O Dom que o Senhor nos deu, fez-nos nascer para a vida de uma Família. Foi um Dom que nos reuniu na realidade desta Família. E tentou exprimir-se no texto de nossa Constituição: tentou e continua a tentar. É necessário este exprimir-se, porque o Dom precisa adquirir fisionomia humana, social e visível na realidade humana, social e visível da Igreja.

O ideal de nossa vida se delineou aos poucos, ao longo de vários anos, até chegar à sua

formulação clara, no texto de nossa Constituição. Ao terminar a redação do texto da Constituição, na altura em que nossa proposta era acolhida pela autoridade eclesiástica, eu escrevi estas palavras aos Arautos, na apresentação que intitulei como "Nossa Carta de Aliança com o Senhor":

*"Chegou o momento em que a vida suscitada em nós pelo Senhor, e que não pode encerrar-se em nenhuma medida, precisa adquirir direito de cidadania na realidade social e visível da Igreja. Porque o Dom que o Senhor nos fez é um Dom feito à própria Igreja, sua Esposa. A vida consagrada, por sua própria natureza, exige ser vida na Igreja e numa Família aprovada pela Igreja. A própria Igreja recebe o Dom que lhe é feito em nós e a ela compete reconhecê-lo, recebê-lo, respeitá-lo e protegê-lo. Assim sendo, aquilo que não se encerra em nenhuma medida, precisa aceitar o enquadramento de uma estrutura jurídica e espiritual expressa num texto ao qual, de acordo com a norma existente na Igreja, denominamos "Constituição".*

*No momento em que nos apresentamos à Igreja para que receba, reconheça e proteja esta forma de vida, nós tivemos que exprimir o Dom que recebemos do Espírito no texto de uma Constituição. A Constituição explicita um espírito encarnado em determinadas estruturas. Tudo é Dom: Dom principalmente o espírito, mas dom também as estruturas em que o mesmo espírito se encerra. A Igreja recebe o Dom que lhe é feito aprovando a Constituição. Com isso o Dom passa a existir também como realidade social e visível, e a Igreja o conserva por graça de Deus. Porque esta nova forma de vida consagrada prossegue sempre sendo Dom contínuo do Espírito: a fidelidade a esta vocação e a esta Família são também Dom e graça de Deus. Não são esforço humano ou organização social, mas fidelidade e discernimento do Espírito. Normalmente, Dom perpétuo, que só a infidelidade ou a ignorância podem perdê-lo" (Cf. Primeira edição da Constituição da SEARA, Curitiba, 1981, pp. 21-22)*

Foi assim que escrevi eu, há três anos. Não sei até que ponto estas minhas convicções tomaram conta da consciência daqueles que são meus filhos. Eu desejo, porém, e me empenho para que cada um deles ame o texto da Constituição da nossa Família espiritual. Que façam deste texto o objeto constante de um esforço de pesquisa e assimilação vital. Que esta pesquisa e esta assimilação vital sejam animados por um desejo íntimo, uma ânsia espiritual, inclusive até de um tormento interior. É texto para ser lido, relido, meditado, ruminado, saboreado e digerido. Que façam isto animados pelo desejo interior de produzir fatos, apresentar um testemunho típico, fazer surgir uma personalidade marcada por estes traços fisionômicos. Que todos os membros desta nossa querida Família sonhem com este ideal. Que vibrem, insistam e persistam sem esmorecimentos, com dor e alegria, como a mãe quando está para dar à luz.

## O TEXTO DA NOSSA CONSTITUIÇÃO

O texto da Constituição da SEARA exprime uma maneira de entender e querer viver um ideal de vida totalmente consagrada pela profissão dos conselhos evangélicos. Foi o ideal para o qual nos sentimos chamados pelo Senhor. Antes de tudo foi e é o ideal que eu mesmo, pessoalmente, sempre quis viver. Está aí todo o meu sonho. Em seguida foi e é o ideal que algumas pessoas, encontrando-se comigo, descobriram que também era o ideal delas, o sonho que também acalentavam. Assim sentimo-nos chamados no mesmo Dom. E então se confiaram aos meus cuidados: como filhos a um pai, como discípulos a um mestre, como ovelhas a um pastor. E me tornei pai, mestre e pastor destes que, comigo, sentiram-se chamados no mesmo Dom. Na caridade, que é Cristo, eu os assumi co-

mo pai, como mestre e como pastor. E o Senhor preparou-me para isso, através de um itinerário de provas, mais ou menos longo. Foi necessário que a tentação me provasse. Era preciso que eu fosse submetido a um processo de purificação. E o Senhor me submeteu à prova. Permitiu que a tentação batesse à minha porta e que, diante dela, eu sucumbisse, a fim de aprender a detestar o pecado da presunção. Depois tirou-me das suas garras, levantou-me de minhas quedas. Adestrou minhas mãos para o combate. Vestiu-me com sua armadura...

Ao sentir-me livre, percebi que havia morrido em mim a erva daninha da presunção, uma espécie de humildade se apoderara de meu coração, um certo orgulho bobo, infantil e ingênuo, havia desmoronado. Pelo menos desmoronara muito. Pelo menos o suficiente para que eu começasse a me sentir como pertencente ao rol dos que sentem suas fraquezas e se revestem de sentimentos humildes.

No texto da Constituição da SEARA está todo o sonho de minha vida, a minha vocação, o chamado que senti ter recebido do Senhor. Custou-me muito. Tudo aconteceu lentamente. Eu não sabia aonde se podia chegar. Minhas convicções também foram evoluindo: no começo, embora muito irrumpantes, audaciosas e presunçosas, eram fracas. Eu vacilava. Duvidava. Muitas vezes se apoderava de mim a vontade de voltar atrás. Muitas vezes, se não voltei atrás, foi por orgulho que tomava conta de mim e não permitia voltar atrás e sofrer o vexame do homem que começou a construir uma torre e não pôde concluí-la. Então eu desejei que acontecesse alguma desgraça e impusesse, como consequência, o abandono da obra começada: eu poderia assim justificar minha desistência sem que meu orgulho ficasse abalado. Haveria uma explicação plausível e minha consciência ficaria tranquila.

Custou-me muito. Foi duro. Foi tão amargo o itinerário, foi tão insuportável em certos trajetos. Mas fui em frente. Penso que as razões

humanas não explicam, de forma alguma, a razão pela qual me foi possível seguir em frente. Humanamente falando, eu não podia e não devia ter chegado até aqui.

O Senhor me conduziu, esta é a verdade! Apoderou-se de mim, virou-me e revirou-me como pobre argila, sustentou-me, cuidou de mim, esteve comigo na hora da tribulação, não me abandonou e não me rejeitou quando eu, já indigno, me tornava ainda mais indigno pelas minhas prevaricações.

Quantas vezes já me foi dirigida esta pergunta: - Como nasceu a SEARA? De onde lhe veio esta idéia? O que o levou a tomar esta decisão?

Tentarei, antes de iniciar a explicitação do texto da Constituição da SEARA, no segundo volume deste livro, esboçar uma breve história desta Fundação, ou melhor, dos anos de fundação da SEARA. Ao longo dos anos de fundação da SEARA vejo que tudo aconteceu mais ou menos de acordo com o esquema hegeliano: Tese, Antítese, Síntese. Houve um primeiro momento de TESE, houve um segundo momento de ANTÍTESE e seguiu-se um terceiro momento de SÍNTESE. No momento de Tese houve o encantamento e a euforia de uma descoberta maravilhosa, em que eu era tão imaturo, tão ingênuo e tão presunçoso. Seguiu-se o momento da ANTÍTESE, isto é, entrei em crise, sucumbi, estive à beira do abismo, lutei até, para ver se estragava a missão que o Senhor me havia confiado. No momento decisivo da Síntese tudo se afirmou, porque o Senhor, então, já me havia purificado e ajustado à altura da missão que me havia confiado. Foi então que, aos poucos, começamos a navegar em águas tranquilas. A irrupção e a presunção dos inícios ingênuos e imaturos, foram substituídas pela força do Senhor tomando conta de nossa fraqueza. Esta força foi crescendo, e acabou por nos fazer capazes de qualquer ruptura que fosse necessária para levar em frente a obra que nos fora confiada.

Contarei, pois, a história dos anos de fundação da SEARA. Neste primeiro volume, contarei-

mos primeiro os fatos, caminhando passo por passo, na sequência do itinerário percorrido. Em seguida, na segunda parte, Apresentaremos a evolução da idéia na forma como, progressivamente, foi sendo fixada por escrito, até chegar ao atual texto da nossa Constituição.

*Primeira parte:*

BREVE HISTÓRIA DOS ANOS DE FUNDAÇÃO  
DA SEARA

## COMO NASCEU A SEARA?

Eu escrevia, há poucos instantes: "Quantas vezes já me foi dirigida esta pergunta: Como nasceu a SEARA? De onde lhe veio esta idéia? O que o levou a tomar esta decisão?"

Eu sempre respondi dizendo que estas são perguntas difíceis de responder. É claro, eu sei "como" nasceu a SEARA; sei de onde me veio esta idéia e o que me levou a tomar esta decisão. Houve um dia, um momento, em determinado lugar, numa situação concreta e bem definida.

Foi no dia 28 de janeiro de 1969. Eu estava para encerrar a pregação de um retiro de 10 dias a um grupo de religiosas. Era o último dia. Uma daquelas freiras era minha aluna. Eu era seu diretor espiritual. Havia um ano aquela freira lutava por abandonar a vida religiosa. E eu lutava por impedir que o fizesse: para mim, tratava-se de uma alma chamada por Deus que enfrentava um sofrimento normal dentro do mistério da própria vocação.

Eram 10 horas da manhã e eu passeava no pátio do colégio das Irmãs, e meditava. Havia terminado de ministrar uma palestra e preparava-me para outra. Passeava a fim de repousar a cabeça e meditava descontraidamente. Nisto chegou alguém trazendo-me um bilhete: era da freira a quem eu tentava impedir que abandonasse a vida religiosa. Li o bilhete. A freira me dizia desobedientemente: "Vou-me embora porque não aguento mais; e não vou falar pessoalmente com você, porque você é capaz de me convencer a ficar mais tempo nesta..." ... e dizia uma palavra feia!

Doeu-me aquela notícia! E então me aconteceu uma "coisa"... É claro: haviam coisas que me predispunham para aquela "coisa" que então me aconteceu... mas me aconteceu uma "coisa", uma "expe-

periência", uma "luz" brilhou dentro de mim, uma "persuasão" íntima e... de imediato, esta "coisa" que me aconteceu, esta experiência, esta luz e esta persuasão... (estou "tentando" dizer o que foi...) arrancou de mim uma decisão. A decisão tomada causava-me alegria, mas também fazia-me tremer... era sentida, de imediato, como algo de que eu não seria capaz. Sim, foi assim, foi num momento de uma "forte experiência" espiritual como algo que vinha do alto e tomava conta de mim.

Não foi, certamente, apenas por causa do bilhete da freira, minha aluna; haviam muitas coisas que me predispunham - creio eu! - para a experiência desta "coisa" como "algo" que, no meu sentir daquele instante, "vinha do alto" e "tomava conta de mim". Eu era um padre muito novo, contava naquela altura com 33 anos de idade, muito inexperiente, mas um tanto precoce e, certamente, muito entusiasta e entusiasmador. Eu "vibrava" com a vida totalmente consagrada e puramente consagrada. Dedicava-me muito às pessoas consagradas. Se eu não era um bom formador de almas, esforçava-me por sê-lo. Era capaz de sustentar uma alma consagrada na luta pela fidelidade à sua consagração. Dedicava-me quase que em excesso às almas consagradas; muitas e muitas freiras e os jovens religiosos de minha Província, cuja formação para a vida consagrada sempre mais vinha sendo, por meus superiores, confiada aos meus cuidados.

Além disso, também me dedicava muito à pastoral dos jovens membros da Ordem Franciscana Secular, a Juventude Franciscana: tratavam-se de jovens no meio do mundo, vivendo sua realidade cristã em plena vida secular. Visando ministrá-los uma formação franciscano-secular que os conduzisse a se inserir plenamente dentro do espírito da Ordem da Penitência, ou Terceira Ordem Secular de São Francisco de Assis, eu sempre os encarava como possíveis chamados à vida totalmente consagrada pela profissão dos Conselhos. Isto

era como que uma obsessão em mim. Eu não tinha, a esta altura, nenhuma idéia a respeito dos Institutos Seculares. Meus mestres não me deram nenhuma informação a este respeito nem eu, por mim mesmo, jamais tivera a curiosidade em saber do que se tratava. Sabia que eles existiam na Igreja, assim muito por alto, sem que esta ciência superficial chegasse sequer a provocar em mim algum conhecimento. No fundo, parece-me, a idéia que eu tinha dos Institutos Seculares, totalmente preconcebida, é que eles eram uma espécie de vida religiosa adaptada ao mundo. Um modo híbrido de ser religioso. Quem sabe uma segunda ou terceira classe de vida religiosa. Como jamais houvesse tomado contacto com algum escrito do Magistério sobre os Institutos Seculares, para mim o único esquema existente na Igreja, em matéria de consagração total, era o da vida religiosa. E então eu sempre encarava os jovens em preparação para a profissão na Ordem Franciscana Secular como possíveis candidatos à vida religiosa. Dedicava-me à formação franciscana secular deles, mas visava também, neste trabalho, a descoberta e o cultivo de vocações para a vida consagrada religiosa. Não perdia ocasiões para lançar minha pobre rede na esperança de apreender algum peixinho. E comecei a sentir a reação deles, em forma de resistência, de não-aceitação do modelo de vida consagrada próprio dos religiosos. E comecei a questionar-me a respeito desta resistência ao ideal de vida totalmente consagrada. Decepcionava-me, frequentemente, a reação deles. E eu não gostava daquilo. Até raiva sentia: se gostavam de mim e das coisas que eu fazia, se para eles eu era modelo de vida, porque não gostavam da vida que eu vivia? Por que motivos o ideal que me empolgava, pelo qual fui capaz de arrebear com duros laços em minha adolescência, não empolgava também a eles? Por que o meu ideal não era ideal também para eles?

... O contacto com jovens filhos de uma sociedade urbana, que tem à vista todos os atrativos de uma vida de consumo, levava-me a um ques-

tionamento, se não tão explícito, certamente muito intrigante. Havia alguma coisa que não conseguia atingir a sensibilidade deles. Este foi, certamente, um segundo fator que influiu naquela "experiência espiritual" na qual, "por obra do Espírito" - creio! - concebi a SEARA.

Na verdade penso que o fato que influiu em mim e determinou a "concepção" da SEARA foi sempre um só: eu sempre fui um apaixonado pela vida de consagração total. E esta consagração total eu sempre a quis e me apaixonei por ela na sua nudez, na pureza de seus valores centrais, sem acréscimos, sem apoios em outras coisas, como, por exemplo, sem acréscimos de clericalismos, sem os apoios de clericalismos com que então eu achava que estava contaminada. Sempre tive muito forte comigo esta impressão, e ainda a tenho, e está aqui a minha maior queixa da vida religiosa: o homem que procura a vida religiosa, o faz porque de uma maneira ou de outra, deseja ser padre; e a mulher, quando procura ser religiosa, também o faz porque, de uma maneira ou de outra, por certo muito inconsciente, deseja ser algo como uma "feminino" de padre. Acho que é assim que o povo sente. O povo, sem idéias claras, sente que todo o religioso é padre, e todo o padre é religioso; e, por outro lado, toda a freira é um feminino de padre; e dizem: "os padres e as freiras", para designar a universalidade daqueles que se vestem com um traje denominado "hábito" ou "batina" que, para eles, são sinônimos. Por isso eu afirmo que a vida religiosa está "misturada" com outra coisa - certamente muito santa! - e não é apreciada e valorizada a partir de seus valores essenciais, ou ao menos não é apreciada e valorizada unicamente por seus valores essenciais e centrais. Eu sempre fui um entusiasta pela vida consagrada de maneira total, mas escolhida unicamente pelos motivos que emergem da tomada de consciência acerca de seus valores essenciais e centrais. Hoje sinto claramente que Deus me chamou para isso. Hoje descubro de novo que este sempre foi o meu sonho, desde a minha ado-

lescência, um ideal, uma espécie de marca que Deus me imprimiu na alma no curso de um itinerário espiritual que percorri em minha terceira infância e primeiros anos de minha adolescência, e que depois iria tornar-se quase uma loucura, a partir do momento em que deixei minha família para entrar na vida religiosa. Creio que, desde minha infância, recebi daquelas que são chamadas "graças infusas", "toques de alma" por uma ação especificamente divina, que não respeitavam as condições de minha natureza naquela idade e saltavam os parâmetros de uma evolução ordinária. Recebi, creio!, desde minha infância (minhas primeiras experiências "fortes" remontam mais ou menos aos nove anos, e se seguiram de outras, também "muito fortes") - recebi desde minha infância "graças extraordinárias" que se constituíram, finalmente, num chamado divino para amar e seguir a "pura" vida consagrada, isto é, a vida consagrada de maneira total pela profissão dos conselhos escolhida "só" pelos seus valores essenciais, apreciada tão somente a partir de seus motivos centrais, sem "acréscimos" de outras coisas, mesmo que sejam coisas santas, como os valores da clericalidade, sem "apoios" nestas outras coisas, sem "afirmações" de qualquer tipo nestas outras coisas.

Este ideal para mim fulgiu cedo, muito cedo. A partir dos 14 anos comecei, inclusive, a fazer "loucuras" a fim de realizá-lo e vivê-lo. Fiz meu noviciado na Ordem Capuchinha entre os 19 e 20 anos de idade, e "não brinquei em serviço". Levei tudo muito a sério. Se cometi faltas, quase todas foram por excessos. Meus mestres não tinham problemas com "empurrar-me" para frente; preocupavam-se em "segurar-me" ou, quiçá, "puxar-me" para traz. Meus colegas de turma viram tudo isso e penso que ainda hoje disso se recordam. Eu até os aborrecia com meu excessivo fervor e zelo "demasiado" pela perfeição. Na verdade, porém, foram incríveis, imensamente envolventes as experiências de "consagração total" em toda a minha juventude. O Senhor me conduziu, desde a infân-

cia, antes ainda do abandono de minha família, pelos caminhos de uma aventura imensa. De dia Ele era uma nuvem: protegia-me contra os raios do sol; e de noite, era uma tocha ardente: iluminava-me em minha escuridão. Vivi meus primeiros anos de entrega total como quem participa de uma festa: era um imenso banquete. Fiz meus votos temporários em 1957 e, três anos mais tarde, sempre no dia 25 de março, isto é, sempre no dia em que Ela disse "sim" à invasão do Senhor em sua existência, fiz meus votos perpétuos: como foi doce o amplexo que minha alma recebeu de seu Amor! Fui ordenado sacerdote em 1963... todos esses anos foram anos incríveis de estupenda aventura amorosa. Não sei se os mais apaixonados dos amantes deste mundo eram mais ou menos apaixonados do que eu... só sei que minha paixão era muito grande e me tornava capaz de tudo.

... Houve um dia, em determinado momento, na aquele lugar, naquela ocasião em que a SEARA foi concebida. Àquele bilhetezinho daquela minha aluna, seguiu-se aquela "emoção"... não sei se está certo dizer "emoção"... talvez fosse mais correto se eu dissesse: "invasão"... Sim, creio que foi uma "invasão". Algo ou Alguém veio do alto e "me invadiu", quem sabe também a mim "cobriu-me com sua sombra" e eu concebi a SEARA. O que aconteceu naquele dia 28 de janeiro de 1969, mais ou menos às 10 horas, no pátio daquele Colégio de freiras, em Curitiba, não foi um nascimento, - creio! - mas foi uma "concepção". Simplesmente uma "concepção". O "nascimento" do que ali fora "concebido" veio depois... muitos anos depois... não "nove meses" apenas, mas doze anos depois, entre o dia 15 de abril e o dia 8 de dezembro de 1981.

Naquele momento houve uma "concepção", e seguiram-se 12 anos de "gestação". No momento em que passeava naquele pátio do Colégio das freiras para descansar a cabeça entre uma e outra palestra de retiro, e ao receber o bilhete da minha aluna dando-me aquela notícia de maneira des

bocada e até desrespeitosa, "aconteceu comigo uma coisa", disse logo acima, algo como várias outras já haviam acontecido em minha vida, desde os meus 9 anos de idade. Em todas estas "coisas" que aconteceram comigo hoje percebo que sempre havia o mesmo núcleo: "algo ou Alguém vinha, entrava, agarrava-me e tomava conta de mim". Estas experiências sempre deixaram marcas fortíssimas em minha alma, eu as "sinto" ainda hoje, mas foram e continuam sendo "indizíveis", isto é, eu não consigo "dizer" realmente "o que" foram e "como" foram.

Naquele dia 28 de janeiro de 1969 aconteceu-me "de novo" esta "coisa que vem, entra, agarra-me e toma conta de mim". Como acabei de dizer, não consigo exatamente exprimi-la por palavras. O que aconteceu naquele dia talvez seja correto eu "traduzir" com o seguinte conceito: Eu tive, naquele momento, uma "experiência forte" de Deus; tive um "toque" forte da graça, algo que me invadiu em forma de luz, uma suavidade interior que de imediato se fez sentir como persuasão e decisão mais ou menos nestes termos: vou criar um Plano e vou apresentá-lo a pessoas que queiram viver uma vida de consagração total, nua e crua, pela profissão dos conselhos evangélicos, sem sair do mundo, sem entrar num convento, sem adicionar nada, em seu exterior, àquilo que é a realidade quotidiana do comum dos homens que crêem em Cristo e amam a Cristo, sem virar frade ou freira, monge ou monja, religioso ou religiosa, e vou me dedicar com todas as forças de minha alma à formação e sustentação espiritual destas pessoas que queiram viver segundo este Plano de consagração total escolhida e valorizada estritamente em base à apreciação de seus valores essenciais e centrais, sem acréscimos, sem "roupagens" que façam a pessoa ser diferente dos outros cristãos que vivem no mundo e lutam na luta comum de todos os mortais para ganhar o pão com o suor do próprio rosto!

- Expliquei-me?

## UMA COSMOVISÃO TEOLÓGICA DA

### VIDA CONSAGRADA

O que aconteceu foi isso. Sendo eu um apaixonado ou louco pela vida de consagração total, dedicava-me muito ao estudo da teologia, da espiritualidade e da história da vida totalmente consagrada pela profissão dos conselhos. Deliciava-me na "pesquisa" desta matéria. É interessante notar que desde os 15 anos de idade, ainda no primeiro ano do ginásio, eu já fazia isso, sem saber ainda do que se tratava. Lia o que podia sobre a espiritualidade da vida consagrada. Lia e tomava notas, resumia livros, fiz "pilhas" de apontamentos, de todo o jeito... A esta altura, porém, com os primeiros anos do meu ministério sacerdotal e a partir dos estudos que fui fazer em Roma... (... mandaram-me estudar "filosofia", licenciiei-me em "filosofia" mas, naqueles anos, frequentei mais a faculdade de teologia espiritual, do que a de filosofia, e gastei mais tempo com estudos de espiritualidade do que com a minha bem-amada filosofia!...)... e a esta altura os meus estudos sobre teologia... (... o Vaticano II colocava uma "bomba" em minhas mãos...)... com espiritualidade e história da vida totalmente consagrada se tornavam conscientes e "sistemáticos". Era, realmente, a "minha matéria!" E creio que me formei nela, frequentando esta Universidade de minha paixão louca e obcecada pela vida de consagração total. No estudo desta matéria o que por primeiro chamou-me a atenção foi a evolução histórica ou o condicionamento histórico que, ao longo dos séculos, o fenômeno da total consagração pelos conselhos evangélicos esteve sujeito. A vida consagrada religiosa dos conventos e mosteiros, dos monges e das monjas, dos frades e das freiras, dos "religiosos" e "religiosas" tinha

uma história, conhecera evoluções com o correr do tempo, conforme a Igreja passava por este ou aquele tipo de sociedade.

No capítulo VI da "Lumen Gentium" eu encontrava "dois cavalos" para a batalha do meu xadrez; duas afirmações que me chamaram profundamente a minha atenção; a partir delas eu fui construindo a "minha visão" a respeito da vida consagrada:

- Primeira afirmação: por meio daqueles que são totalmente consagrados pela profissão dos conselhos a Igreja quer MANIFESTAR CRISTO, sempre mais perfeitamente e realmente, aos fiéis e aos infiéis (cf. LG 46).

- Segunda afirmação: a vida de consagração total pela profissão dos conselhos evangélicos aparece como um SINAL que pode e deve exercer influência eficaz sobre os membros da Igreja no cumprimento corajoso dos deveres de sua vocação cristã (cf. LG 44).

O Decreto "Perfectae caritatis" (n.1) reforçava esta segunda afirmação com um adjetivo que, no meu modo de ver, era precioso: "signum praeclarum": a consagração total pela profissão dos conselhos é SINAL LUMINOSO do Reino.

Meu estudo e minha pesquisa centralizavam-se, finalmente, sobre estes textos que, no meu modo de ver, dentro da "nova teologia" do Concílio Vaticano II, continham a mais revolucionária novidade. Estava aí uma nova colocação que exigia mudanças em nossa maneira de ver as coisas. Por aí, com estes "dois cavalos", eu jogava o meu xadrez fazendo uma distinção: uma coisa é a PEDRA PRECIOSA do Evangelho pela qual é preciso vender tudo a fim de possuí-la, e outra coisa é o COFRE de madeira perecível dentro do qual, ao longo dos anos, ela vai sendo guardada.

De outra forma: uma coisa é a OBSCURIDADE de um MISTÉRIO que nunca se deixa aferrar nem esgotar completamente, e outra coisa é a obscurida-

de de ANACRONISMOS, expressões humanas forjadas em função de uma época, de uma cultura, de uma sensibilidade para os valores espirituais, de uma civilização que põe em destaque determinados valores em detrimento da apreciação de outros.

Eu concluía, deduzindo-o da maneira como entendia a doutrina conciliar, que a vida totalmente consagrada, como aliás toda a vida cristã, possui duas dimensões, e ambas são essenciais, e uma não vale sem a outra: uma dimensão TEOLÓGICA e uma dimensão SOCIOLÓGICA.

A dimensão teológica consiste em viver de acordo com os valores específicos e definitivos do Reino, e é nisto que consiste a "pedra preciosa" do Evangelho; a dimensão sociológica consiste em viver estes valores específicos e definitivos do Reino encarnando-os de tal modo em nossas vidas que eles, sendo invisíveis e imperceptíveis, se tornem visíveis, perceptíveis e compreensíveis para o homem da sociedade que nos rodeia. Em nossos dias, a vida segundo os valores específicos e definitivos do Reino deve ser encarnada de tal modo em comportamentos, atitudes, gestos e instituições, que aqueles valores, de per si invisíveis e imperceptíveis, se tornem, graças a esta encarnação, de certo modo visíveis, perceptíveis e compreensíveis para o homem da sociedade industrial, que não é mais o homem de uma sociedade tradicional e tem outra sensibilidade e outra abertura para os valores espirituais. Dizemos "visíveis", "perceptíveis" e "compreensíveis", embora não necessariamente "aceitáveis", por que a dificuldade de aceitação "daquilo que vem do alto", em sua realidade interior, é sempre a mesma no homem de qualquer época e qualquer cultura. O que precisamos ver bem é se a obscuridade da vida totalmente consagrada que vivemos é mesmo a obscuridade de um Mistério que aos poucos se revela e nunca se esgota na revelação de sua riqueza interior, ou é a obscuridade de expressões culturais de uma outra cultura diferente da nossa. Não é suficiente que sejamos fiéis à dimensão teológica da vida totalmente consagra

da, mas temos que ser fiéis também à sua dimensão sociológica; isto é, não basta que sejamos fiéis aos valores específicos e definitivos do Reino (= realidade significada pelo SINAL = dimensão teológica da vida consagrada), mas é preciso que sejamos fiéis também à maneira de exprimir e encarnar estes valores em nossa cultura atual (= força significativa do SINAL = dimensão sociológica da vida consagrada).

Dizendo de outra maneira: não basta vigiar sobre nossa fidelidade à realidade significada pelo SINAL (= valores específicos e definitivos do Reino significados pela profissão dos conselhos evangélicos), mas é preciso que vigiemos também sobre as expressões (= força significativa do SINAL) com as quais exprimimos estes valores para os homens de hoje: os fiéis e os infiéis.

- Por que não basta?

- Porque a Igreja deseja MANIFESTAR CRISTO sempre mais perfeitamente e realmente aos fiéis e aos infiéis; porque a vida totalmente consagrada pela profissão dos conselhos deve ser sinal luminoso, sinal significativo, sinal que tem força significativa para os fiéis e os infiéis; porque precisa constituir-se num sinal que pode e deve exercer influência eficaz sobre os membros da Igreja no cumprimento corajoso dos deveres de sua vocação cristã. É por isso que precisamos vigiar não apenas pela fidelidade à realidade significada (= dimensão teológica) mas também pela fidelidade à força significativa do sinal (= dimensão sociológica); devemos vigiar pela nossa fidelidade aos valores específicos e definitivos do Reino (= conselhos evangélicos), mas devemos vigiar também pelas maneiras como encarnamos e exprimimos estes valores para o homem de hoje em sinais que tenham "significação" para o homem de hoje; não em sinais anacrônicos; não em sinais obsoletos; não em sinais que tinham significação em outra cultura, mas em sinais que tenham significação em nossa cultura.

É importante ser fiel à Pedra preciosa do Evangelho. Mas é sinal de muito respeito e verdadeiro amor por esta Pedra preciosa o cuidado de guardá-la num cofre de madeira digna de seu valor. Quando o cofre de madeira envelhece, cuidemos de substituí-lo por outro, de madeira nova, e não nos contentemos com "remendos" da pano novo em roupa velha, isto é, pedaços de madeira nova nos rombos da madeira velha carcomida com os anos.

### A PURA VIDA CONSAGRADA COMO TAL

Eram estas as reflexões que vinham fermentando dentro de mim. E haviam outras, sempre motivadas por afirmações do Vaticano II: o Sinal do Reino devia ser sinal "luminoso"; o sinal devia ser sinal "do Reino", e este Sinal do Reino devia ser "luminoso". Seguindo o fio desta meada, eu ia dar nas influências que, ao longo da história da vida consagrada pela profissão dos conselhos, os "platonismos" e os "néo-platonismos" de várias colorações haviam exercido. Não bastava a troca do cofre de madeira em que a Pedra vinha sendo guardada: muita poeira havia entrado lá dentro daquela caixa e se apegara à Pedra preciosa e tirara muito do seu brilho autêntico, isto é, o Evangelho que se dizia seguir, havia sido conspurcado de "platonismos" e "néo-platonismos". Era necessário "discernir" de novo as coisas. Este discernimento era necessário: confundiam-se apegos humanos com fidelidades ao Evangelho; mas era muito difícil e muito perigoso; podia-se limpar a Pedra de sujeiras platônicas para conspurcá-la de contaminações existencialistas. A Pedra precisava ser limpada e ficar na sua "nudez" originária. Só uma grande docilidade ao Espírito, naqueles que se deixariam purificar pelo sangue

do Cordeiro, é que podia fazer isso...

Bem, para completar a minha história de "como" nasceu a SEARA eu digo isso: naquele dia, naquele momento, naquele lugar e naquela circunstância...naquele toque da graça e naquela iluminação interior que de imediato se fez persuasão e se traduziu em decisão, foi isto que o Senhor operou em mim: escolheu-me, chamou-me, tomou conta de mim e enviou-me dizendo: "Vá e faça um cofre novo, de madeira nova, para guardar a pedra preciosa do Evangelho; toma a pedra preciosa, limpa-a da sujeira que nela se grudou, e guarda-a no cofre novo de madeira nova, guarda-a com seu brilho natural, originário, na sua nudez, na plena e exclusiva aparência de seus valores centrais e essenciais".

Creio, Senhor, que foi só por isso que nasceu a SEARA! Tu me chamaste, me escolheste, tomaste conta de mim e me mandaste! Por isso fizeste com que eu sentisse uma experiência forte, e que estranha suavidade me inundasse a alma; tua luz me invadiu, apoderou-se de minha mente e, por indizível operação do teu Espírito, produziste em mim uma persuasão e uma decisão. E escolheste um homem indigno e incapaz, para que nenhuma criatura se glorie dos resultados desta obra. E eu creio, ó Senhor, que foi só por isso que nasceu a SEARA. E produziste mais: produziste também o meu próprio ato de entrega a esta missão, porque humanamente falando, não posso explicar como fui capaz de me entregar a este trabalho com a tenacidade com que me entreguei: eu não sou, naturalmente, um homem tenaz; sou um homem volúvel, inconstante, que facilmente desanima diante das dificuldades e tem uma tendência doentia para nunca terminar uma obra começada e se entrega ao começo de outra.

"Vá e faça um cofre novo, de madeira nova, para guardar a pedra preciosa do Evangelho; limpa a pedra da sujeira que grudou, e guarda-a no cofre novo de madeira nova, para que apareça nos seus valores centrais e essenciais!"

A SEARA é apenas isso: um cofre novo de madeira nova, feito para guardar a pedra preciosa do Evangelho de todos os tempos; a SEARA é apenas uma maneira nova de viver a vida totalmente consagrada pela profissão dos conselhos na qual, os que são chamados pelo Senhor a esta consagração total da vida precisam motivar-se única e exclusivamente pelos valores essenciais e centrais da vida totalmente consagrada e puramente consagrada, sem acréscimos, sem apoios de qualquer espécie. Os que nascem na SEARA devem ser motivados unicamente pelos valores centrais e essenciais da vida consagrada na sua nudez. Isto é, a SEARA não deve oferecer aos que a procuram nenhuma outra motivação de escolha a não ser os valores essenciais e centrais da pura vida de consagração total pela profissão dos conselhos evangélicos. Ao ser consagrado a Deus pela mediação do ministério da Igreja, o homem e a mulher devem saber claramente que isto não lhes oferece nenhuma vantagem do ponto de vista humano (ainda que seja eclesiástico), nenhuma segurança humana, nenhuma distinção aparente em relação ao quotidiano do homem cristão no mundo, nenhum privilégio, nenhum destaque em determinada atividade, ou por atuação em determinada obra, nenhuma coisa, afinal, que de uma maneira ou de outra possa se constituir num fator de afirmação pessoal. É a opção pela pura vida totalmente consagrada como tal; é um ver o valor das coisas unicamente à partir da consagração, ou seja, da iniciativa de Deus na vida do homem.

Está aí a razão pela qual nasceu a SEARA!

## OS LONGOS ANOS DE "GESTAÇÃO"

Naquele dia, naquele momento e naquele lugar - no pátio do colégio das freiras, no dia 28 de janeiro de 1969 - aconteceu a "concepção". Hoje distingo claramente que, na verdade, ali houve uma "concepção". Escrevo estas palavras quando já se passaram quinze anos desde aquele dia.

E vieram os longos anos de "gestação": o Senhor me havia fecundado, gerara em mim uma nova vida; minha alma se tornara grávida de uma vida; e esta vida, por longos anos, a aconcheguei dentro de mim. Foi uma gestação difícil; foi também perigosa. Porque, na verdade, eu era como uma menina-adolescente que se tornara mãe cedo demais, antes ainda que seu físico estivesse bem pronto para ser mãe; a gravidez fora precoce, e por isso também foi perigosa. Eu sei que foi perigosa. Não só pelo físico mal preparado da mãe adolescente, mas também pela falta de suficiente "juízo" da pobre mãe adolescente. Eu não estava, de modo algum, humanamente falando, à altura daquela missão. Baseando em mim, o que eu decidia, naquela altura, era presunçoso e imprudente. E bem depressa dei provas de que era presunçoso e imprudente. Deus teve que revirar com o humano que há em mim. Tratou-me como um punhado de barro nas mãos de um oleiro; amassou-me como bem lhe aprouve, deu-me a forma que quis.

A etapa de "gestação", iniciada no dia 28 de janeiro de 1969, atravessou toda a década de 70. Alguns dias após àquele 28 de janeiro, isto é, no dia 3 de fevereiro, redigi um primeiro esboço do plano da SEARA e denominei-o "Diretório Espiritual". É interessante notar que escrevi esta primeira norma de vida no mesmo lugar em que,

12 anos mais tarde, celebramos a Assembléia de Fundação da SEARA e assinamos, com todos os membros fundadores, diante do Santíssimo Sacramento exposto, o primeiro texto da nossa Constituição. Hoje, aquele escrito está publicado com o título "Manifesto Espiritual". Naquele primeiro esboço da SEARA não havia nada de jurídico, nada de organizativo, nenhuma estruturação social. Era um escrito, como continua sendo hoje, puramente espiritual. Uma declaração de princípios. Uma profissão de fé. Uma explicitação de convicções a respeito da graça da consagração total desejada e recebida unicamente por causa de seus valores centrais e essenciais.

Nos meses seguintes comecei a dialogar com algumas mulheres que, encontrando-se comigo e conhecendo minha proposta, faziam-se minhas alunas e se confiavam ao ministério de minha direção espiritual. Naqueles começos o ideal de vida era concebido apenas para mulheres. Em 1972 o concebemos também para homens. Mas se tratavam apenas de homens leigos. Não percebíamos ainda de que maneira podia ser válida para clérigos.

Parecia-nos que o nosso era um plano apenas para leigos. Foi mais tarde que concebemos o plano também para sacerdotes e, finalmente, o concebemos também para membros em sentido amplo, isto é, para pessoas casadas. Com isso foram surgindo várias vocações básicas dentro da SEARA: a do homem e a da mulher, a do leigo e a do clérigo; a do consagrado em sentido estrito - no celibato em castidade - e a do consagrado em sentido amplo, isto é, da pessoa casada. Entendíamos que nos era possível formar um Instituto misto dentro do qual estas várias vocações gozavam apenas de uma certa autonomia de vida e governo necessária ao cultivo das características de cada uma. Só no ano passado, isto é, em outubro de 1983, fomos instruídos pela Sagrada Congregação dos Religiosos e Institutos Seculares de que a "Família" pode ser mista, mas não o Instituto, isto é, a SEARA passou a se configurar como sendo uma família que agrupa três Institutos de vida consagra-

da em sentido estrito: o Feminino, o Masculino leigo e o Sacerdotal, plenamente autônomos entre si, sem qualquer dependência do governo de um em relação ao governo do outro em âmbito local, mas ligados por um mesmo governo geral e por intercâmbio espiritual de vida fraterna e colaboração no apostolado. Cada um destes três Institutos pode receber membros em sentido amplo, isto é, pessoas casadas: mulheres casadas no Instituto Feminino; homens casados leigos no Instituto Masculino Leigo e homens casados diáconos no Instituto Sacerdotal.

### AS PRIMEIRAS TENTATIVAS DE ORGANIZAÇÃO

Como disse acima, no começo a SEARA era concebida como proposta só para mulheres. Em fins de 1969 organizamos um primeiro grupo que passou a formar uma primeira fraternidade, com residência em casa alugada à Rua Prudente de Moraes, 282, no bairro das Mercês em Curitiba. Eram quatro membros: Maria de Lourdes Souza, Maria Milani, Aparecida Bressan e Ludovica Szpil. Em 1970 o grupo receberia mais duas irmãs: Vitória Giacomel e Helena Lemes da Silva. Deste primeiro grupo inicial apenas Helena Lemes da Silva chegou a integrar o grupo fundador da SEARA em dezembro de 1981. Integraram ainda aquela primeira turma reunida em Curitiba: Lusinda Maria Boll, Maria De Biaggi e Maria Helena Cardoso.

Mas tudo era tão precário, tão pobre, minhas possibilidades de assistência ao grupo eram tão limitadas (= eu residia em Ponta Grossa!) e, além disso, eu era tão inexperiente e tão bobo para entender as mulheres. Outra limitação muito séria: destas nove mulheres acima mencionadas, cinco tinham sido freiras e haviam deixado a vida religiosa. Ao longo dos anos de fundação fomos

descobrimo dolorosamente o quanto as pessoas que já estiveram em convento só por este fato já se tornam "não idôneas" para esta vida consagrada secular. É claro que encontramos excessões, sobretudo com aquelas que estiveram pouco tempo na vida religiosa e não chegaram a assimilar seus hábitos de vida tipicamente religiosos e, portanto, não perderam ainda o seu substrato secular. Por isso, com o tempo, chegamos a elaborar uma norma de grande cautela e muita prudência quando "ex-religiosas" nos procuram e pedem para ser admitidas na SEARA. Não as excluimos em princípio, mas tratamos caso por caso com muito cuidado e, principalmente, pedimos que primeiro voltem a inserir-se na vida secular.

Aquele primeiro grupo, como disse, encontrava sérias limitações em seus próprios valores intrínsecos que depois, somando-se às minhas limitações de assistência espiritual e capacidade para uma eficaz assistência espiritual, explicaram porque motivo, com o tempo, umas logo e outras bem depois, foram desistindo, e só uma sobrou. Hoje, ao me lembrar disso, sinto dor, muita dor: eu era uma pobre mãe adolescente, e não sabia como fazer para cuidar devidamente da vida que havia concebido. Embora fossem pessoas que revelavam suas limitações, eu tenho certeza de que, se viessem mais tarde, e não naqueles primeiros começos, muitas, se não todas, teriam perseverado, e estariam assentadas à mesa desta festa que hoje é a realidade da vida na SEARA. Por isso esta é uma lembrança que me dói, e sempre terei de senti-la ao recordar os nomes das ovelhas que o Senhor me confiou para apascentá-las em seu nome

Eu visitava aquele grupo tanto quanto me era possível às minhas limitações de frade que deve obediência aos seus superiores e que, até para sair de casa, deve dar razões de sua ausência. Para estar em contacto com aquele grupinho e sustentá-lo, obtive de meus superiores a permissão para lecionar Teologia Espiritual na CRB de Curitiba. Lecionava na CRB uma vez por semana e, no

tempo que sobrava, fazia o que podia e o que não podia para cuidar das minhas filhas. Pobrezinhas! Tudo, entre nós, era tão precário! Estávamos abandonados à nossa própria limitação, à nossa própria inexperiência, à nossa própria ingenuidade. Sim, a mãe-adolescente concebera antes do tempo, antes de ter recebido o necessário preparo mínimo para arcar com tal responsabilidade.

Em fins de 1970 e inícios de 1971 fim um retiro com a turminha. As meninas haviam mudado de casa, mas sem sair do bairro das Mercês. Foi um retiro de "organização" do grupo. Foi aí que tentamos uma primeira organização e estruturação, criando algumas normas de funcionamento. Os arquivos da SEARA conservam esta "documentação". Até então a "criança" não tinha nome. Pudera! Havia apenas sido concebida, estava ainda em gestação, embora muitas vezes ou quase sempre acreditássemos que já havia nascido. E neste retiro inventamos um nome para a criança que acreditávamos já ter nascido: aquela que hoje é a SEARA, denominamos então de "Fraternidade Vem e Segue-me". Um nome bonito! Dizia o que se pretendia ser: seguir o Senhor incondicionadamente, numa nudez, num despojamento de qualquer aparato exterior. Chegamos até a dizer que, no último dia daquele retiro, - 1 de janeiro de 1971 - estávamos fundando oficialmente a SEARA!

Naquele ano de 1971 escrevi uma carta a três Bispos e pedia-lhes para que me aconselhassem no que eu estava fazendo. Desejava que acolhessem a minha proposta, que abençoassem o meu propósito e, quem sabe, o acolhessem e o aprovassem. Era uma carta longa. Apresentava-lhes uma série de razões, descrevia-lhes o que pretendia fazer e lhes apresentava várias candidatas "prontas" para começar a viver aquele ideal.

Suas excelências reverendíssimas não me responderam nada. Que terão pensado? Provavelmente riram-se de mim. Eu devia ser tão ridículo com aquela carta!

## A SITUAÇÃO INGRATA DE UMA MÃE

### SOLTEIRA

A esta altura (= ao longo de 1971), os confrades de minha Província descobriram o meu "plano" e minha dedicação "clandestina" a uma "nova congregação" que estaria fundando. Senti a reação deles de maneira muito desagradável e ingrata. E, dentro desta história, começou um enredo que até hoje ainda não terminou. A reação deles diante de minha dedicação a esta Família se constituiu para mim num itinerário doloroso, irritante, incômodo e enervante que muitas vezes me levou a perder a paciência.

A partir desta reação e atitude deles eu senti configurar-me não apenas como "mãe adolescente" que engravidara cedo demais, mas também como "mãe solteira" que concebeu um filho fora do matrimônio: a SEARA seria, na maneira de ver da reação deles, uma "criança adulterina", filha de "mãe solteira". Diante da reação e da atitude de pelo menos a quase totalidade deles eu senti o que sente em relação aos membros de sua família a pobre mulher adolescente que se torna mãe fora do matrimônio legítimo. A partir daí eu comecei sentir a "concepção" da SEARA como uma "gravidez" reprovada pelos membros de minha família. Vivi o drama da mãe solteira. Eu concebera de maneira ilegítima, fora do matrimônio!

É verdade que, aos poucos, ao menos um bom número deles foram me acolhendo. Mas foi sempre a acolhida de pais e irmãos que, em seguida, "acostumam-se" com a idéia e acolhem em casa a filha que se tornara mãe fora do matrimônio legítimo. Havia certa acolhida mas, no fundo, havia sempre a repulsa, o repúdio, a "vergonha da família". Eu já não era mais membro da família como os outros. Havia em mim, de maneira surda e constante, algo de "errado". E começou o processo de uma solidão

que sempre mais se foi acentuando à medida em que os sintomas da "gravidez" apareciam com mais evidência.

"Mãe adolescente", foi o que me senti diante da missão de conceber a SEARA; "mãe solteira", foi o que passei-me a sentir diante da reação dos meus confrades na Ordem e na Província, quando constataram que eu havia concebido esta família de vida consagrada. Como esta situação era ingrata! Não era uma situação violenta. Não era uma situação dramática. Era uma situação "chata" e ingrata porque colocava à margem a "miserável" criatura, vista agora com outro olhar e com desprezo: ela "estragara" a sua história; o que acontecera, fora uma lâstima!

Foi isso o que senti diante da reação dos meus confrades. Mais tarde eu tive ocasiões para estender a mão e fazer alguma coisa por mães solteiras. Quando fiz isso, sempre o fiz sentindo a situação delas como a minha situação. Nelas eu me espelhava com muita nitidez. Naquela figura estava eu. Naqueles sentimentos e naqueles pensamentos estavam os meus sentimentos e os meus pensamentos.

## DE QUE MANEIRA CUIDEI DA VIDA QUE HAVIA CONCEBIDO

A turminha que se havia organizado no dia 1 de janeiro de 1971, mediante um compromisso firmado e a adoção de um primeiro estatuto, era formado por: Maria de Lourdes Souza, Helena Lemes da Silva, Ludovica Szpil e Lusinda Maria Boll. Lutavam com muita pobreza e sérias dificuldades para se acertar na "convivência" fraterna. Eram pesso

as com pouca afinidade de temperamento.

Procurei alimentá-las na medida que me era possível. Em que consistia este alimento? Penso que posso mostrá-lo transcrevendo aqui uma das cartas que enviei a elas e que ainda conservo. Escreví-lhes em inícios de 1972. Era uma carta circular, mas eu me dirigia a cada uma delas em particular:

"Não é preciso que lhe diga quão grande é minha alegria por constatar que você já escolheu Cristo como seu único Amor nesta Família tão simples e tão humilde que estamos constituindo, mas tão bem dentro da vida moderna em que você vive! Como desejo que Cristo Jesus se torne sempre mais a sua paixão, a loucura de sua vida, como se tornou da minha. Meu desejo, ao criar esta Família, é dedicar-me a um exército de almas enamoradas por Cristo, apaixonadas por Cristo, cheias de loucura por Cristo como foram loucos, por exemplo, São Francisco e Santa Clara.

Que em tudo e em qualquer momento você só procure Cristo, viva Cristo e em Cristo. Que fora de Cristo nenhum outro interesse ocupe o seu espírito. Viva dele, viva com ele, pense nele, cuide dele!

Você aceitou ser namorada de Jesus, noiva de Jesus e esposa de Jesus. Que feliz namorada, noiva e esposa você é! Seu namorado, noivo e esposo não é alguém que só de vez em quando está com você e depois se vai, mas permanece sempre junto de você. É não apenas junto, mas dentro de você, no seu pensamento e no seu afeto, em cada pulsação de seu espírito, no brilho de seu olhar, em sua alma e em seu corpo. Como você é invejável porque tendo chegado para você o tempo de amar e ser amada pelo homem, o Senhor, que é esposo da virgindade e da virgindade filho, veio roubar seu coração!

Que estas minhas palavras a animem muito e a deixem feliz; que possam enchê-la de entusiasmo

pela sua consagração".

Para entender melhor de que maneira, naqueles primeiros tempos, eu alimentava a vida que havia sido concebida, transcrevo um rascunho feito ao longo de 1973, quando já havia reunido ao redor de mim, em Ponta Grossa, um grupo mais bem estruturado. Era um grupo de liderança, e já contávamos com um plano de "ofensiva". Este rascunho foi resultado de uma reunião em que nos havíamos organizado e estabelecemos alguns pontos básicos da nossa vida. Antes da reunião eu preparei um texto para ser discutido, e é o rascunho que agora vou transcrever:

"Meu querido Estado Maior! (Vejam só: eu até já era um Comandante! A esta altura a SEARA já havia sido concebida também como proposta para homens leigos, e este grupo contava com alguns):

1. É imprescindível, absolutamente imprescindível, que todos levantem diariamente às 6 horas. Nosso trabalho tem significado religioso, é liturgia vital da existência: procuramos Deus, nosso Tudo, no claro-escuro das coisas quotidianas. Trabalhemos, então, com alegria, humildade, despreendimento e, tanto quanto possível, com inteligência e competência. O levantar tarde é ponto de partida para a infidelidade aquilo que prometemos e significa desperdiçar o dinheiro que pertence ao "Caixa" do Reino de Deus.

2. É imprescindível que consagrem juntos o trabalho do dia, rezando juntos a oração da Igreja (= Ofício) e meditem juntos a Palavra de Deus e o mistério de nossa consagração batismal e virginal.

3. É também imprescindível, como treinamento e sinal de fraternidade, que todos os afazeres do místico sejam realizados conjuntamente. Neste se-  
tor vale em modo particular a norma: eu sou responsável por todos e todos são responsáveis por mim.

4. Este Estado Maior, no desempenho de sua missão e pelo fato de estar morando na Sede do Quartel General (= a Sede da SEARA), guia-se pela seguinte hierarquia de valores:

a) Estão aã para fazer a experiência de um novo tipo de fraternidade, novo tipo de vida grupal, novo tipo de vida comunitária. Vocês estão fazendo esta experiência para que suas descobertas iluminem os caminhos dos que virão depois ou das "tropas" que atualmente estão espalhadas nas diversas frentes de batalha (= os demais Arautos). Ao fazer esta experiência, devemos andar por lugares aonde não há caminhos traçados. Estamos traçando este caminho. Em empresa deste tipo, são normais e compreensíveis "certas" lutas que poderão custar-nos muitos sofrimentos. E quanto mais amor em nós houver por esta obra, tanto mais lutas e sofrimentos haveremos de enfrentar por sua causa.

b) Em segundo lugar vocês estão aã para fazer novo tipo de experiência, ou melhor, experiência de novo tipo de vivência pessoal, criando nova escola de espiritualidade com seus métodos, agendas, símbolos, valores e crenças específicas. Neste setor, de igual modo, a experiência de um deverã ser aproveitada para que suas descobertas iluminem os caminhos dos que estão para vir e dos que estão espalhados nas diversas frentes de batalha.

c) Em terceiro lugar, vocês estão aã para receber formação filosófico-teológica. Este estudo deverã ser feito "na raça". Não temos uma escola. Estamos formando, "na raça", uma primeira escola, um cérebro para a SEARA, uma equipe com a missão de manter acesa a chama da fidelidade ao chamado que nos foi feito. A formação desta equipe é, atualmente, o nosso compromisso mais grave e o neroso.

5. Napoleão Bonaparte, experiente neste assunto, disse um dia: "Não há maus soldados, o que há são os maus oficiais". Vocês, membros do Quartel General, são um Estado Maior, uma equipe de Ofi

ciais. Os soldados, - Arautos que não pertencem a este grupo - precisam receber de vocês constantemente: diálogo, informações, apelos, estímulos, orientações e idéias. Isto exige que vocês estejam em frequente e variado contacto com todos, e que estejam constantemente ao par de tudo o que se passa com eles. Cada um deles precisa sentir que está sendo objeto de uma solícita atenção de vocês.

6. A Escritura diz: "Hã um tempo de guerra e hã tempo de paz." Nõs devemos dizer assim: "Hã tempo de lavar roupas sujas, e a roupa limpa deve ser usada constantemente, mesmo quando se lavam as roupas sujas". Isto quer dizer: nossa vida fraterna adota a norma segundo a qual deixa-se para dizer as coisas negativas na ocasião convencionalmente estabelecida para isso. Esta ocasião é a revisão de vida que se fará aos domingos. A vida fraterna, habitualmente, exige de nõs a atitude otimista e compreensiva de quem se sente contente, satisfeito e sabe perdoar, fechando ora um, ora outro dos dois olhos.

7. Peço ao meu Estado Maior: cada qual olhe mais para os próprios defeitos do que para os defeitos de seu irmão. Os impasses grupais sã podem ser superados quando cada qual se convence de que deve começar "primeiro". Onde hã amor não hã sofrimento, porque o sofrimento, se aparecer, será amado. Tudo é difícil sã para aquele que não ama. A ignomínia da cruz é agradável para aquele que ama o Crucificado".

NOTA - Este grupo do "Quartel General", em maio de 1973, era formado por: Ubiratan Vieira de Mello, Maria de Lourdes de Paula, Ana Mikoski, Salomão Soares de Oliveira (= hoje sacerdote), Selma Maria Schons, Maria das Graças da Silva, José Jurandir Cardoso, Maria de Lourdes de Souza e Giovanni Batista Paludo.

## SOLIDIFICA-SE A ORGANIZAÇÃO

A partir do segundo semestre de 1972 reuni ao redor de mim, em Ponta Grossa, o pequeno grupo a que me referí há pouco, e que aflorou como sendo o grupo que na verdade seria o "alicerce" sólido da construção. E ter-se-ia tornado, efetivamente, não fossem os pobres limites da pobre, imatura, adolescente e inconsequente mãe adolescente. Inclusive as coisas foram se ajeitando para caminhar a passos rápidos rumo a uma consistência. Tudo, então, já havia conquistado certa definição, já se configurava como verdadeira organização.

Lamentavelmente, porém, aquela "gravidez" se realizara no ventre de uma mãe adolescente. Poderia tivesse acontecido no ventre de uma mulher madura! Mas não foi! E eu sempre chorei o fato de não ter sido, como também sempre constatei que limitações são limitações, isto é, em certas circunstâncias são intransponíveis. Por que, ó meu Deus, por que permitiste tudo aquilo?

Olhando para traz, eu constato duas coisas: o que aconteceu não devia ter acontecido, foi horrível; e, no entanto, o que aconteceu não podia não ter acontecido, foi inevitável! Inevitável não no sentido de uma fatalidade e de um determinismo, mas inevitável levando em conta a situação de imaturidade da pobre mãe adolescente que concebera fora do matrimônio legítimo.

Entretanto, foi a partir do segundo semestre de 1972 que a SEARA teve chances de começar a ganhar consistência em sua organização e em seus dispositivos de crescimento.

Foi a partir de 1972 que recebeu este nome - SEARA - e seus membros, - Arautos! Criamos, naquele ano, o Instituto de Previdência Fraternal, como

entidade civil mantenedora e responsável por nossas necessidades materiais. Projetamos também o C.T.F. como nosso órgão de ensino teológico e filosófico que, no entanto, só agora, isto é, doze anos depois, começa a funcionar. Foi também ao longo de 1972 que começamos a conceber a SEARA como proposta para homens leigos e começamos a cultivar as primeiras vocações. Foi ainda a partir de 1972 que começamos a receber ajuda material da Sra. Cléia Baptista Campos Mello, que se tornaria nossa grande amiga e benfeitora até 1976. Este apoio foi muito importante para o nosso crescimento, pois nos permitiu adquirir um mínimo de recursos indispensável para a formação de um corpo que permitisse a encarnação de um espírito. Graças a esta ajuda material, conseguimos, a partir de 1973, ter uma casa como Sede, à Rua Teixeira Mendes, 315, no bairro de Uvaranas a qual logo se ampliou com a aquisição de outra casa, na mesma rua, nº 474, que recebeu o primeiro grupo de homens. Pudemos contar também, sempre graças a esta ajuda material, com os meios necessários à confecção e impressão de material didático e com alguns salários mensais que permitiam liberar alguns membros da SEARA para o serviço exclusivo da formação e expansão da família. Este auxílio material proveniente da Sra. Cléia nos daria também a possibilidade de construir, a partir de 1975, a "Casa do Caminho", que funcionou como nossa Casa de encontros e estágios até os inícios de 1981. Esta Casa, construída em terreno pertencente à Sra. Cléia, atualmente foi demolida, dada a nossa impossibilidade de frequentá-la e sustentá-la, como decorrência de nossa transferência para Curitiba, a partir do segundo semestre de 1981.

Foi também a partir de 1972 que nosso pensamento começou a se explicitar melhor. Foi naquele ano que escrevi, sobre a SEARA, o meu primeiro livro: "Vem comigo, meu amor", ao qual seguiram-se outros, até 1978, ano em que a "gravidez" foi assumida "prá valer" e, bem adiantada, começaram os preparativos para o "parto". Estes outros escritos meus, sempre aprofundando e aperfeiçoando a

mesma linha de pensamento, foram, por ordem cronológica: "Quando alguém se torna carisma", "Teologia do Homem novo", "SEARA", "Levarei meu Amor à solidão", "Novo projeto para seguir Cristo", "A Vida dos Arautos na SEARA" e "Seguirei teus passos". Uma literatura, percebe-se, até respeitável, pelo menos em volume. Havia uma fecundidade.

Os anos 72-76 foram, ao menos na aparência, os anos de uma certa euforia. Havia a irrupção de um entusiasmo que chegaria ao auge no segundo semestre de 1974, com a perspectiva da construção da Casa do Caminho. Planejamos a obra no segundo semestre de 1974 e a construção, iniciada nos primeiros dias de janeiro de 1975, foi concluída em fins de junho do mesmo ano. No mês de julho dirigi o primeiro estágio: contávamos com um lugar privilegiado para encontros de formação e retiros.

Do ponto de vista material parecia-nos que um bom começo havia sido criado. Contávamos com meios e dispositivos capazes de fazer a obra crescer. E, certamente, teria crescido. Entretanto, um terrível furacão já se vinha anunciando desde os inícios de 1974. Uma tempestade se abateria sobre a frágil construção, não da Casa do Caminho, mas da pobre e pequena família da SEARA. A pobre mãe adolescente que engravidara fora do matrimônio ver-se-ia, de repente, envolvida pela noite escura da prova.

### UM VERME RASTEJA NA NOITE

Por três anos estive à beira de um abismo. Sim, vocês que pelo Senhor me foram confiados como meus filhos, saibam que, para ser o que sou em relação a vocês, tive que viver a existência de um verme que, por três anos, rastejou sozinho na noite. Foi uma noite, foi um vendaval, foi uma

tempestade, foi uma coisa absurda, misteriosa, muito difícil de explicar. Verdadeiramente estive à beira de um abismo e, humanamente falando, a certa altura desta construção, tudo deveria ter-se desmoronado. Não sei explicar porque não sucumbi desastrosamente, vergonhosamente, a não ser apelando para a misericórdia amorosa do Senhor. Espessa névoa começou por envolver minha alma, inesperadamente, com os inícios de 1974 e, aos poucos se foi adensando. Extranhos ventos começaram a soprar. Extranhas vozes soavam aos meus ouvidos. Vi-me perdido, completamente perdido, e me senti sozinho na noite. Tudo morreu para mim, tudo, e, no lugar de tantos sonhos, tanto entusiasmo, tanta fé, tanta certeza e tanta segurança, ficou apenas a tentação de fugir, pôr fim a uma história e gritar a todos que se havia sonhado em vão.

Minha crise foi por dentro, não foi por fora. Por fora até que as coisas andavam bem: 1974, 1975, e 1976 foram os anos de maior euforia exterior em algumas coisas, principalmente no tocante à atitude e à reação de meus confrades diante da SEARA. Foram os anos em que passaram a admirar-me e a aplaudir-me, e me deram inclusive um apoio muito aberto. No meio deles eu era alguém que andava "na crista da onda".

Por isso a noite em que mergulhei era difícil de ser explicada a partir de causas facilmente discerníveis. É verdade, eu vivia com excesso de responsabilidades e começava a mostrar sintomas de cansaço, esgotamento, estafa, stress psicológico. Talvez isto explicasse alguma coisa. Eu estava, em certo sentido, doente. Mas a minha verdadeira doença era da alma. Sim, minha alma adoecera perigosamente e, naquele estado, as coisas mais absurdas aconteceram comigo. E me tornei objeto de escândalo. O ano de 1975 foi o epicentro da crise: penso que foi aí que atravessei pelo vale da morte e tive medo, porque tudo, para mim, indicava que o Senhor não estava comigo. Por que, meu Deus, por que permitiste tudo aquilo? Por que me humilhaste daquele jeito? Por que me abandonas-

te à sanha dos meus inimigos?

Meus inimigos eram unicamente os interiores. Como disse, esta foi a época em que as criaturas me admiravam e aplaudiam, principalmente os meus confrades. Eu não tinha inimigos exteriores, ao menos aparentemente. E, em relação aos encargos que dentro da Província me eram confiados, eu andava "na crista da onda". Confiavam em mim. Esperavam muito de mim. Quem sabe até se orgulhavam de mim. Para os outros eu era força, eu era luz, eu representava uma nova fronteira, radiante de esperanças. Mas, dentro de mim, tudo isso havia morrido e, para a minha impressão daqueles dias, para sempre e definitivamente!

Alguns anos depois, quando tudo já havia passado, eu entendi o motivo daquela crise: a pobre mãe adolescente que engravidara fora do matrimônio precisava tornar-se mulher adulta, séria e responsável. Por isso o meu orgulho teve que ser abatido. E Deus, que "resiste aos soberbos", o abateu impiedosamente, permitindo que eu sucumbisse miseravelmente. Sim, o meu orgulho!... Havia em mim tanto orgulho, tanta vaidade e tanta presunção, um espírito de soberba difícil de ser curado, uma presunção desmedida, o pecado do orgulho. "De onde foi cair, ó Lúcifer, você que de manhã tão radiosamente despontava"?

Para torná-la digna e capaz de dar à luz à vida que concebera, o Senhor precisou intervir na alma da pobre mãe adolescente e torná-la sábia e forte a fim de assumir com eficácia os encargos desta maternidade. Hoje eu sei disso com muita clareza, hoje, depois que tudo passou!

Observo mais uma coisa: minhas "noites" foram duas! A primeira foi aquela que acabei de descrever, e perdurou dos inícios de 1974 até junho de 1976. Ela terminou bruscamente, e eu tive um mês ou mais de experiência espiritual muito intensa, que deixou marcas incacitrizáveis na alma. Mas foi apenas uma breve pausa. Ao longo desta breve pausa, passei em Jundiá, Estado de São Paulo, pa-

ra tratamento de saúde e em repouso. Uma noite havia terminado e uma aurora muito luminosa despontara. Mas, logo em seguida, ao voltar para casa, exatamente ao chegar em casa, começou a outra noite. Foi muito diferente. Não sei qual das duas terá sido a pior. A primeira, certamente, foi uma noite perigosa: passei realmente pelo perigo de me perder. Não sei como isto não aconteceu. Ao contrário, com o advento da segunda, depois que a luz brilhou durante aquele mês em que estive me tratando em Jundiáí, a minha alma se firmou. O que sofri na segunda noite foi duro, muito duro, cruel, crudelíssimo: eu me lembro que às vezes chegava a provocar-me suores frios pelo corpo! Mas, não obstante a noite, dentro de mim firmara-se a minha fé, o Senhor conseguira conquistar-me, e meu orgulho havia sofrido sérios abalos.

Comecei a notar que um sentimento diferente de certeza e segurança se fazia presente em mim, e este sentimento foi crescendo até que, ao meu ver, tomou conta de mim por completo, a partir do segundo semestre de 1977. Foi aí que minha segunda noite terminou, ao menos na sua insistência constante e na sua dor mais aguda. Na verdade eu sinto que minha segunda noite continuou e ainda continua, mas de forma intermitente. Ainda hoje há momentos em que me abate, e é terrível! Por que será? Deus tem suas razões e, "para que a grandeza das revelações não me ensoberbeça, mé dá um anjo de satanaz que me esbofeteie!"

Entretanto, não obstante o perdurar da segunda noite, sinto que me tornei forte de uma força que não é minha. Posso sofrer muito, ver-me envolvido profundamente no mistério da prova, mas a minha certeza e segurança se fizeram sólidas. Aquela prova produziu em mim uma certeza e uma segurança. Esta certeza e esta segurança são "diferentes". Eu sempre tive certeza, sempre fui seguro, mas agora isso é diferente, minha certeza e minha segurança são de outra ordem: sei que são frutos de uma operação do Espírito em minha alma por causa daqueles aos quais o Senhor me confiou para conduzi-los em seu nome!

## COMO CONTEI "MINHA HISTÓRIA"

Assim que minha "primeira noite" terminou, eu fui para Jundiá, para terminar meu tratamento de saúde e repousar. De lá escrevi aos meus filhos e contei-lhes a "história" da noite pela qual havia atravessado. Eu "nadava" na alegria da nova auro-ra que havia despontado. Então "revelei-lhes" algo do que havia acontecido em longa carta que agora transcrevo:

*Jundiá, 6 de maio de 1976.*

*Queridos filhos.*

*Estou nadando na alegria que "supera qualquer sentido", imerso na felicidade que o mundo não conhece, e que eu mesmo, embora nos arrebatamentos e nos êxtases da juventude de outrora, jamais havia experimentado. Eu estava no inferno, lá passei longos meses; este inferno chegou ao auge durante a doença que me atingiu o corpo, mas que me roía muito mais a alma, e a mão do Senhor, misericordiosa e benigna, de lá veio tirar-me, para agora estabelecer-me neste paraíso em que Deus de novo me faz sentar à sua mesa, para saciar-me com a flôr do trigo, locupletar-me e embriagar-me com o vinho de suas delícias.*

*Estou em venturoso repouso, saboreando a paz na imensa região profunda da alma, esta alma que ontem estava solitária, amargurada, confusa e perdidada, mas agora está enfeitada de luz: a luz da certeza, a luz da alegria, o doce sorriso da felicidade aí instalada pela misericórdia de meu Deus! Estou me tratando bem: durmo à vontade, alimto-me com gosto e abundância e, sobretudo, "a minha alma canta e dança de alegria", encontrando no Livro dos Salmos as palavras que exprimem tão bem o que ela sente.*

*Talvez vocês até estejam extranhando o meu modo de falar. Alguma coisa já acenei para vocês antes de sair, ontem de manhã. Eu disse a vocês*

que meu encontro com o Zanini, no dia anterior, foi, talvez, uma das maiores graças com a qual Deus veio enriquecer minha vida. Vocês sabem o porquê?

Vocês nem suspeitaram do tormento indescritível que me triturou a existência de uns tempos para cá! A um ou outro de vocês talvez tenha deixado transparecer alguma coisa em certas ocasiões, mas nunca o suficiente para que pudessem ao menos suspeitar da gravidade do meu tormento. Por longos meses vivi assim, no começo em períodos mais intermitentes, depois de maneira mais contínua, mais contínua, mais contínua, até o abismo dos últimos meses em que estive doente.

O que aconteceu comigo?

Não sei se consigo explicar, mais foi assim ou menos assim: eu cheguei ao mais completo desespero, cheguei ao fundo do sentimento de minha miséria, eu rastejei como um verme, eu gritei de angústia para o céu e o céu continuou fechado para mim. Deus, o Tudo de minha vida, se tornou o meu tormento mais atroz. Eu cheguei a me arrepender amargamente por tudo o que sou e por tudo o que fiz: senti náusea de ser padre, senti náusea de ser religioso, senti vergonha de tudo isso. Senti pesar de ser homem e senti pesar de existir. E, no entanto, paradoxalmente, em meio a tudo isso, eu continuei a falar da beleza de ser padre, na ventura e felicidade de se consagrar a Deus. Continuei a falar de tudo isso e, pior ainda, continuei a entusiasmar vocês por Deus, pelo ideal que desejamos levar em frente. Continuei a mostrar a vocês que estava disposto a morrer por tudo isso, quando, na verdade, o que eu tramava era largar de tudo isso... paradoxalmente!

Cheguei a sentir vergonha de vocês. Vergonha porque, enquanto estes pensamentos me passavam pela cabeça, eu continuava a envolvê-los em outra direção: eu fazia de tudo para que vocês vivessem com alegria e entusiasmo a vida que sentia náuseas de estar vivendo. Eu eu batalhava para

firmar cada um de vocês na crença de um ideal que para mim não passava de uma montanha de absurdos. E esforçava-me para que vocês não desanimassem em suas dificuldades, quando o desânimo havia tomado conta de mim e, no meu modo de ver, para sempre e definitivamente!

E, no entanto, tudo isso era tão misterioso e inexplicável! Inúmeras vezes eu passava da treva mais negra para a luz mais esplendorosa. Inúmeras vezes, inesperadamente, eu "via o rosto luminoso de Deus" e, na claridade de sua face, via o encanto de minha vida, sentia gratidão por ter recebido tanto, e me sentia o homem mais feliz do mundo. Mas, ao mesmo tempo, assim como surgia inesperadamente, inesperadamente também a luz desaparecia, e de novo vinha a treva, sempre a noite em forma de desilusão, incerteza, descrença, fechamento em mim mesmo e náusea. Era difícil enfrentar vocês principalmente quando nos reuníamos para a celebração da Eucaristia. Por que fazer "aquilo"? Eu era um hipócrita!... Hipócrita!... Tantas vezes esta "palavra" exprimia para mim com tanta força o que eu estava sendo! Hipócrita! Hipócrita porque, enquanto pensava, era e tramava uma coisa, continuava a mostrar e a dizer a vocês outra coisa! Hipócrita! Houve momentos em que, andando pelas matas da Casa do Caminho, em lágrimas, eu gritei para Deus, dizendo: "Senhor, tem piedade um hipócrita e fariseu canalha!" Hipócrita!

Queridos filhos, em dados momentos eu estava certo de que, até o final deste ano, eu não estaria mais no meio de vocês! Não sei... mas este pensamento era tão doloroso, tão estraçalhante, dilacerante! Eu chegava a imaginá-los no sentimento de dor e de vergonha por terem sido gerados por um pai que os abandonou, os decepcionou, os deixou sozinhos, com fome, com sede e sem rumo!

E, oxalá, em toda esta minha confusão, eu fosse atraído por outro projeto de vida, por exemplo largar mão de tudo e sair para casar-me e encontrar numa mulher certo lenitivo humano para a vida amargurada e frustrada de um homem que havia

sido um eleito de Deus e que, de qualquer maneira, continuaria sempre com esta marca de ter sido unguído com um sinal indelével. E confesso-lhes: várias vezes tentei cultivar esta idéia, acostumar-me com ela, no intuito de achar uma pausa para a minha dor. Mas não era possível acostumar-me nem com esta idéia. Era um projeto ainda mais absurdo, como todos os demais projetos. Minha tentação era a de afundar-me na minha desilusão de tudo, na minha amargura e tristeza, e deixar que todos estes sentimentos me devorassem, me roessem e destruíssem por completo, de tal forma que não sobrasse nem mesmo a lembrança de minhas últimas ruínas!

Jamais contei isso a quem quer que seja! Só agora posso contar tudo a vocês, porque só agora a mão misericordiosa do Senhor tirou-me do abismo em que minha alma jazia mergulhada!

Tudo começou no último sábado à tarde, na Casa do Caminho, quando alguma coisa da face de Deus começou a ter "certos" vislumbres para mim. Foi um rápido momento, porque logo a noite voltou de novo: no domingo pela manhã, tudo voltou de novo, misteriosamente, enigmaticamente, inexplicavelmente, contraditoriamente, brutalmente. Então já não era mais treva: era uma tempestade como um cataclisma final.

Na segunda feira aconteceram-me duas coisas que fizeram estremecer: por duas vezes eu penso que senti com meus sentidos aquilo que nós, tantas vezes sabemos definir, mas "não sabemos" o que é: o sobrenatural!

Eu estava assentado num poltrona do corredor do Hospital Vicentino esperando pelo médico que não chegava nunca. Estava imerso em minha dor. Fechara os olhos. Tentei rezar. Desde o sábado, aliás, embora em trevas, eu vinha "sentindo" Deus com grande intensidade, mas sem que isso me tirasse do meu tormento. Eu disse, repetindo, muitas vezes, este verso: "Meu Deus, tira-me do cárcere de minha angústia, porque não sou mais que um verme que rasteja na noite!" Essa prece, para mim, era um

grito e um gemido, como o agarrar-se extremo de um náufrago para o qual todas as esperanças haviam desaparecido. Fiquei longamente com os olhos cerrados, enquanto no meu íntimo ia repetindo o mesmo verso. De repente abri os olhos, pousei-os no assoalho do corredor e, aos meus ouvidos, ouvi claramente uma voz, como voz de gente, que me falou assim: "Agarre-se em mim porque nada do que você teme vai acontecer". Eu estremeci! Quase explodi de incrível alegria e felicidade. Mas foi um instante, apenas alguns instantes, e a noite voltou de novo, agora rindo-se de mim e parecendo dizer-me: "Sua destruição já vai tão avançada que você até está ficando doido, ao ponto de ouvir vozes estranhas!" Pronto! Aquilo que acabava de dar-me um parêntesis de felicidade, agora virava tormento do meu espírito! Era a noite de novo, rindo-se de mim, assistindo com prazer ao meu desbarato!

O outro fato: eu estava deitado no meu quarto, na casa de minha mãe. Um pensamento agora dominava o meu espírito: eu sou um iníquo! E dizia isso pensando em vocês, em cada um de vocês! Em um por um de vocês! Um por um de vocês, aos quais me propusera conduzir ao apaixonamento por Cristo e pelo seu Reino. Sentia a cada um de vocês que estão arriscando a vida para crer na minha proposta. Eu era um iníquo, porque envolvia a vocês por um caminho que eu mesmo queria abandonar por achá-lo absurdo. Não! Não! Isso não podia acontecer! Eu não podia jamais abandonar este caminho! Eu não podia jamais deixar de entusiasmar vocês por este caminho! Se não por mim, ao menos por vocês. Se fizesse isso, seria um pai velhaco e bastardo que gera filhos e os põe no mundo, e depois os deixa com fome e com frio, curtindo a imensa vergonha de terem tido uma origem tão humilhante! Eu estava para cometer uma iniquidade! Mas de forma alguma eu podia cometer aquela iniquidade! Foi então que me pus a rezar entre lágrimas, e dessa vez me dirigi num grito de dor àquela a quem sempre gostei de chamar com o doce nome de mãe: a Virgem Maria! Eu me agarrei a ela e dis

se-lhe: "Mãe, cuida dos meus filhos; de todos e de cada um deles. Não sei se vou ou não vou subumbir. Mas, se sucumbir, eu te peço: que nenhum deles sofra demais por minha causa, que se perca ou seja prejudicado por causa dos meus erros. Cuida deles e cuida de mim, porque cheguei ao final das minhas forças, e a tentação tomou conta de minha vida!"

Eu não sei exatamente o que aconteceu, mas, naquele momento, eu senti novamente o sobrenatural. Ouvi, com meus ouvidos de carne, uma voz nítida que, dentro de mim, pronunciou estas palavras: "Não se preocupe, eu cuido deles e cuido de você!"

Estremeci e chorei. Chorei agora de alegria, porque foi um instante indescritível. Mas, tal como acontecera no corredor do Hospital Vicentino, a noite, logo depois, voltou novamente. Eu estava em meio ao vento, ao frio, à tempestade. Realmente, eu estava no fim.

No dia seguinte eu viajaria para Jundiá. Viria para tratar da minha saúde. Mas viria - vocês não sabiam disso! - para nunca mais voltar ao meio de vocês, para jamais vê-los novamente. Esta tentação era o meu pesadelo. Viria para Jundiá, mas uma coisinha no meu íntimo me dizia que eu não devia viajar no dia seguinte. Não sei porque, mas me dizia. O carro estava em Curitiba, e o Bira não sabia que eu ia precisar dele para viajar. À noitinha eu pensava comigo: "Tomara que o Bira não volte hoje, porque assim eu não viajo amanhã". Entretanto, logo depois, o Bira chegou. Pensei: "O carro está aí, e então viajarei amanhã". O Bira teve que sair de novo para o centro da cidade. Ao sair, bateu o fuque. "Bem, agora eu tenho que esperar!". Mas depois não sei quem me deu a idéia de emprestar o carro da Cléia: ela ficaria com o fuque. No dia seguinte, bem cedinho, telefonei para a Cléia e pedi o carro dela. Disse-me que seu carro estava na oficina e só sairia à tarde. "Está certo, então não há jeito mesmo. Só poderei viajar amanhã". Fui para a casa de minha mãe. A Neu-

sa, minha irmã, serviu-me o café. Eu estava no fundo do inferno. Sim, no fundo do inferno! Fui deitar-me. Os versos de um salmo me ecoavam no intimo: "Senhor, sou um verme e não um homem!" E outros versos: "Senhor, estou reduzido à extrema miséria!" "Meus inimigos me dizem e zombam de mim: Onde está o teu Deus?". Como estas palavras eram tão sinceras em meus lábios!

Momentos após ouvi lá fora a voz do Frei Moacir gritando com minhas irmãs. Senti raiva, e tive por ele um sentimento de aversão: desejava que não viesse conversar comigo e me deixasse em paz!

Mas não foi assim: ele veio com o Zanini. O Zanini foi o anjo doce e alviçareiro que Deus mandou para ir ao fundo do meu inferno e me tirar para a luz que agora me embriaga, para a felicidade que agora me transborda, para a liberdade e a certeza que agora canta e dança no meu espírito. Não falei muita coisa com o Zanini. Não houve, entre nós, uma conversa profunda, uma abertura de alma, como se poderia supor. O que me fez sair do inferno não foram as palavras do Zanini, mas simplesmente a presença dele, o ser dele, o contato com ele.

O Zanini não sabe que me tirou do inferno. O Zanini não sabe quanto bem fez a um pobre mortal. E não sabe da gratidão imensa que sinto por ele!

Queridos filhos, tenho impressão de que vocês ainda não sabem o que se passou comigo e o que agora se está passando. Parece-me que isso só pode acontecer a partir de uma certa idade, não é possível na idade mais jovem que vocês ainda estão percorrendo, anterior aos quarenta anos.

Só de uma coisa parece-me estar sentindo falta: que vocês participem do começo ao fim da enorme festa, do jubiloso banquete que o Senhor preparou para mim dentro da minha alma. É a certeza das coisas nas quais creio e que ensino a vocês em minhas palavras e escritos; é a segurança de chegar à meta; é o sabor dos valores pelos quais me decido e pelos quais quero conduzi-los a se e-

namorar completamente.

Estou aqui na casa do meu amigo, o Dr. Carlos. Comecei o tratamento: parte é feito no Hospital, e parte o Dr. Carlos o faz em sua própria residência. Eu passo praticamente o dia todo em sua casa, e passo o tempo todo em meu diálogo interior. Durante o dia fico em casa praticamente sozinho, e isto é bom, porque não desejo conversar. Meu desejo é ficar em silêncio. Porque só a linguagem do silêncio agora me apraz. Então eu gasto o meu tempo a dialogar com Aquele em quem confiei e sei que nele jamais serei confundido. Agora tudo me parece tão longínquo e tão alheio, e admiro-me de ter temido tanto. Há uma festa imensa dentro de mim, uma festa que não termina nunca: "Eu te amo, ó Senhor, minha força, minha rocha: és o meu libertador, o rochedo que me abriga, o baluarte que me salva, meu escudo, minha arma de vitória. E eu te exalto porque me reergueste, não alegraste os meus inimigos por minha causa. Senhor, meu Deus, a ti clamei e me curaste Tiraste-me do abismo e, quando já ia morrendo, fizeste-me reviver. Festejai comigo, vós, os seus fiéis, dai graças invocando do seu santo nome. Pois sua cólera dura apenas um momento, mas sua benevolência é por toda a vida. Ao anoitecer pode vir o choro, mas logo de manhã volta a alegria. Em minha felicidade eu dizia: nada, jamais, me abalará: tua bondade me dava segurança, honrarias e poder. Mas agora converteste o meu pranto numa festa, e minhas vestes de luto em adornos de alegria. Por isso a minha alma te festeja, ao invés de se calar. Senhor, meu Deus, eu te darei graças para sempre!"

Nunca como agora os versos dos salmos se tornaram o meu próprio canto. Agora EU SEI que "o Senhor conduz os passos do homem: são firmes e seu andar lhe agrada; mesmo se cair, não ficará prostrado, porque o Senhor o toma pela mão". Agora EU SEI que "a salvação dos justos vem do Senhor: ele os protege no tempo da angústia!" EU SEI!

Foi assim que contei "minha história" quando terminou a "primeira noite". Eu era tão feliz!

## FERIREI O PASTOR E DISPERSAR-SE-ÃO

### AS OVELHAS

Os anos de minha dura prova interior coincidiram com os anos em que o vento da crise também soprou sobre aquele pequeno grupo que se formava e se preparava para se tornar o grupo fundador da SEARA. Hoje é interessante observar esta coincidência: foi a partir de 1974 que este grupo começou a entrar em profunda crise, primeiro surdamente e, a partir do segundo semestre de 1975, abertamente. Dir-se-ia que a crise deles era projeção ou reflexo da minha, ou melhor, a crise deles era provocada pela minha crise; minha vacilação os fez vacilar; meu desnorteamento os desnor-teou; minha vontade de voltar atrás os fez voltar atrás.

E foi a partir do segundo semestre de 1977 que o grupo começou a sair da crise. Mas isto aconteceu devagarinho, tal como a minha própria crise. De qualquer maneira aconteceu algo parecido com a profecia que diz: "Ferirei o pastor e dispersar-se-ão as ovelhas". Foi isso o que aconteceu, realmente! O pastor foi ferido e houve um transtorno muito grande no meio das ovelhas. E algumas "se perderam", escandalizadas, talvez, com os ferimentos do pastor. Sim, penso que a causa mais profunda que determonou a confusão entre as ovelhas foi o escândalo com os ferimentos do pastor. Foi também a sua incapacidade para conduzir. Sua falta de habilidade. Sua ingenuidade. Sua ignorância a respeito de muitas coisas. Talvez não não tenha sido nunca a sua falta de fé.

Houve divisão no grupo que se preparava para se tornar o grupo fundador. Enfrentamos dois tipos de problemas: por um lado, alguns líderes forçavam as coisas no sentido de uma espiritualidade centralizada no cultivo dos valores humanos, mas

sem acentuar e, finalmente, até quase excluir a força que nos vem da intervenção divina. Por este caminho falava-se menos em Palavra de Deus, graça divina, Igreja e sacramentos. Falava-se preferentemente em dinâmica mental, grupal e social. Era um humanismo pelagiano. Valorizava-se o que o homem pode fazer e, pelo menos, anestesiava-se o que é feito por Deus na obra da sua graça. O grupo dos líderes que forçavam as coisas por este caminho deixava-se influenciar pelas tendências do chamado Movimento de Criatividade Comunitária e pelo Movimento de Pascoalização. Eu conhecia as idéias destes movimentos, conhecia seus fundadores e alguns de seus sustentadores mais importantes. E desde os meus primeiros contactos com estas idéias percebi que, junto com bons valores e boas propostas, misturavam dois tipos de erros. Um era de ordem filosófica: o homem é apenas pessoa (= fim em si mesmo) e não é indivíduo (= parte de um todo); o outro erro era de ordem teológica: o homem não se salva pela força da graça, mas pelo próprio esforço; a graça, se existe, não é decisiva; por isso tais movimentos usavam expressões como "homem novo" e "homem evangélico", mas não se tratava de uma realidade que vinha do "alto" (= o "alto" não era admitido), mas era forjada de "baixo".

Por aí caía-se num naturalismo. Por aí a SEARA se tornaria apenas um Instituto Secular, e não um Instituto de Vida Consagrada. Queria-se, na prática, uma secularidade sem consagração. Infelizmente os que queriam isto eram líderes de grandes capacidades intelectuais e dotados de personalidades fortes e muito ricas. Era difícil enfrentá-los. Sofri tremendo martírio com eles. Alguns desafiavam-me abertamente, com arrogância e petulância, e por causa deles cheguei às vezes até a deformar o sentido do meu ministério. Foi muito duro este golpe. Foi muito nefasta esta influência. Tais pessoas eram líderes de belas qualidades humanas e, por causa de seus grandes valores, eu precisava deles, inclusive até dependia deles em algumas coisas. Mas não eram almas de oração,apai

xonadas pelo Senhor, convictas dos valores que vêm do alto, amantes daquela humildade e modéstia que encontramos na meditação das chagas do crucificado. Eram "gregos" que valorizavam a sabedoria e se escandalizavam com a pregação de um Deus crucificado.

Eu, naquele tempo, não tinha suficiente envergadura para "corrigi-los" e "conduzi-los" pela reta senda da salvação. O que fiz foi cortá-los, dolorosamente, e o fiz à minha maneira e conforme a oportunidade de certas circunstâncias. Tive que fazê-lo. Acertei na maneira de fazê-lo? Talvez não, pelo menos em alguns casos, mas sinto que, naquelas circunstâncias e com aqueles recursos, foi tudo o que me era dado fazer. Erradiquei a erva daninha. Cortei fora o membro doente que punha em perigo a vida do organismo. O organismo, porém, ficou sofrendo muito com o longo processo de cicatrização.

O outro tipo de problemas era criado por líderes que forçavam as coisas pelo extremo oposto. Pessoas devotas, apegadas às práticas de piedade, cheias de "espírito de oração" e "apegos ao evangelho". Mas havia neles o desprezo pela lado humano da nossa formação e o lado social da Igreja em que estamos inseridos. Se o primeiro grupo queria uma secularidade sem consagração, este queria uma consagração sem secularidade. Se o primeiro grupo era formado por "gregos que buscavam sabedoria", o segundo era formado por "judeus que pediam milagres": ambos não aceitavam as consequências concretas da pregação de Cristo, e este crucificado. Distinguiam-se um do outro pelo fato de o primeiro grupo querer e fazer as coisas de maneira descarada e aberta, enquanto que o segundo o queria e fazia de maneira subtil e velada. Mas em ambos havia este fundo comum: a dificuldade por aceitar a "kénose" do mistério cristão, principalmente ao se tratar de aceitar a eclesialidade de nossa vida em seus aspectos humanos, sociais, visíveis e hierárquicos. Se o primeiro grupo poderia ser classificado como "pelagiano", o segundo seria um gru-

po "luterano". É claro que, exprimindo-me assim, estou simplificando demais as coisas; quem sabe até as estou caricaturando um pouco; mas foi isso, mais ou menos, o que aconteceu.

Embora agindo de maneira mais sutil e velada, os líderes deste segundo grupo também me desafiavam e impediam que todas as nossas reflexões se conduzissem de maneira equilibrada e tranquila. Criavam uma atmosfera pesada, dificultavam o entendimento e, o que era pior, buscavam e encontravam apoio em muitos dos meus confrades que também passavam a dificultar enormemente as coisas para nós.

Isto dividiu, confundiu, desorientou e criou um tensionamento muito perigoso. Aos do primeiro grupo, como disse, eu os cortei; aos do segundo, fui neutralizando a ação deles; isolando-os, até que por conta própria se separaram. Foi um alívio, por um lado. Foi, por outro lado, uma grande dor. Hoje eu choro a perda destes filhos, a dispersão destas ovelhas. Penso que jamais deixarei de sentir a dor de não os ter comigo. O que fiz foi preciso fazer, mas oxalá pudera não ter precisado ter feito!

## COMO ENFRETEI A CRISE DO GRUPO

Houve um momento em que enfrentei com energia a aquela crise do grupo. Que fiz?

Fiz uma "revisão crítica" do projeto da SEARA, fixei-o por escrito num "Documento Básico" e "desliguei" taticamente todos os que se haviam filiado ao grupo a fim de propor-lhes um "novo começo". Propus uma "nova SEARA" que exigia uma "nova opção" e, portanto, uma "nova admissão".

Este "Documento Básico" representou uma de-

terminação clara de exigências mínimas: ele "colocava ordem na casa". Representou uma intervenção "dura" e eu senti a "reação" de todos, não só dos que "torciam" a SEARA em sentido "para a esquerda" ou "para a direita", mas também daqueles que sempre se haviam revelado como os "mais dóceis" à maneira como eu conduzia o grupo. Transcrevo a carta que escrevi a eles, comunicando a cada um o "novo começo" da "nova SEARA" que exigia "nova opção" e, portanto, uma "nova admissão" dentro de um prazo determinado. Esta comunicação aconteceu no dia 22 de setembro de 1976, nestes termos:

*"Querido Arauto. Há algum tempo estou ausente de você... A SEARA, enquanto inspiração que nasceu de mim, tem-me preocupado no sentido de submetê-la a uma revisão crítica: muito tenho sofrido, muito tenho pensado, muito tenho estudado no que se refere a esta minha fundação: era-me necessário revisá-la completamente, sob muitos pontos de vista, e um dos preços a pagar, por este trabalho, foi o tempo: longos meses de tensionamento!*

*Tudo isso impediu minha comunicação com você. Aliás, dentro do meu próprio esforço de revisão da SEARA, era necessário se incluísse, como tática de revisão, certo afastamento meu em relação a você. Nossos encantamentos mútuos iniciais, ou, para usar uma expressão mais popular, nosso "amor à primeira vista", precisava ser testado pela realidade mais palpável e cotidiana da vida.*

*Agora, passado este tempo, eu venho a você com SEGURANÇA e CERTEZA, porque venho com um amadurecimento sólido no que se refere a uma série de coisas importantes: exigências, critérios, princípios, metas, meios, etc., etc.*

*Venho INTERPELAR você: a SEARA está profundamente re-estruturada, está profundamente revisada, repensada, reorganizada, re-explicitada. A SEARA, ao que me parece, agora "sabe o que quer" mais detalhadamente. A SEARA agora definiu com muito mais precisão suas exigências em relação aos que desejam aceitar a proposta que procuramos levar à vias de fato.*

Eu lhe peço, então, encarecidamente:

1. Leia com muita atenção esta minha carta: é um APELO. Tome consciência desta interpelação que lhe estou fazendo. Rogo que você faça isso com seriedade.

2. Leia e estude atentamente, muitas vezes, o DOCUMENTO BÁSICO da SEARA que você recebe (nota: na 2ª parte pag. transcrevemos o texto deste Documento Básico). Aí está o fruto de meu longo trabalho de revisão e reelaboração. Aí está a "nova SEARA". Aí está a nossa fundação "começada de novo". Perceba, avalie, situe-se por dentro de todos os detalhes de pensamentos trazidos por este Documento Básico da SEARA.

3. Juntamente com esta carta e o texto do Documento Básico, seguem mais duas folhas: a primeira traz o título "Térmo de Compromisso" e a segunda, "Esquema de Revisão". Leia também com muita atenção o que escrevi nestas duas folhas avulsas, especialmente no "Térmo de compromisso".

4. O "Térmo de compromisso" traz alguns pontos de compromisso que, a partir desta data, são os requisitos mínimos, o "mínimo absolutamente indispensável", a quem do qual, por disposição minha, não existe vida na SEARA e ninguém se constitui como Arauto da SEARA. Portanto, a partir desta data, todo aquele que desejar ser admitido na SEARA precisa, no momento de sua decisão, verificar se está em condições de viver pelo menos dentro deste "mínimo absolutamente indispensável". Caso contrário, deverá esperar para mais tarde, e a SEARA não o aceitará entre seus membros.

5. Entre as "exigências do"mínimo absolutamente indispensável" está o compromisso de gastar pelo menos uma hora por semana para revisão e reflexão sobre o Documento Básico da SEARA e o Manifesto Espiritual do Arauto. Por isso segue para você mais outra folha avulsa, sob o título "Esquema de revisão". Trata-se de um roteiro para ajudá-lo a proceder neste trabalho com mais sistematidade e segurança, evitando perder-se pela falta

de prática neste tipo de exercitação.

6. O grande impasse, ao que me parece, desta nossa "nova SEARA", é a exigência fundamental da "vida em fraternidade": conforme o Documento Básico, em seu número 15, o Arauto só começa a ser Arauto, isto é, começa a ser membro da SEARA, a partir do dia em que passa a "viver em fraternidade" no mesmo domicílio com outros Arautos. Fora desta situação, não existe SEARA, não existe o Arauto. Isto significa que, desta data em diante, ninguém será admitido como Arauto, ninguém será admitido na SEARA, caso não queira ou não possa viver em Fraternidade, no mesmo domicílio, com outros Arautos. Marque bem este ponto!

7. Acontece, porém, que você foi admitido como Arauto na SEARA antes que esta nossa exigência tivesse sido constituída como condição "sine qua non". Neste caso, para você que já é Arauto e pretende continuar como tal, faço algumas adaptações e algumas concessões transitórias e temporárias:

a) você continua sendo Arauto da SEARA desde que se comprometa a quanto antes criar condições para se colocar dentro do "mínimo absolutamente indispensável" do Termo de Compromisso. Este "quanto antes" não poderá ser depois do dia 1 de janeiro de 1978. Se você quiser ser contado como membro da SEARA, mas após o dia 1 de janeiro de 1978 não estiver colocado dentro deste "mínimo absolutamente indispensável", estará "ipso facto" desligado da SEARA;

b) até o dia 1 de janeiro de 1978, concedemos que você continue Arauto da SEARA, mesmo que não viva em fraternidade e não assuma todos os itens do "mínimo absolutamente indispensável".

8. Depois que você leu e tomou consciência de tudo o que lhe estou pedindo, peço que me dê a sua RESPOSTA por escrito. Você pode aceitar esta "nova SEARA" e pode não aceitá-la. Peço que você me dê sua resposta, quer aceite, quer não aceite. Para facilitar seu trabalho, envio-lhe mais duas folha<sup>s</sup> avulsas: a RESPOSTA "SIM" e a RESPOSTA

"NÃO" ou "AGUARDE". Se você aceita, assineme a folha da RESPOSTA "SIM". Se não aceita, ou prefere aguardar para mais tarde a sua decisão, assineme a folha da RESPOSTA "NÃO" ou "AGUARDE".

9. Antes de me dar esta resposta por escrito, eu gostaria que você viesse conversar comigo pessoalmente. Esta resposta "SIM" ou "NÃO" deverá ser enviada a mim o mais tardar até o dia 1 de novembro deste ano de 1976. Se até aquela data eu não receber nenhuma resposta sua, significa que posso registrar seu desligamento da SEARA e que, portanto, respondeu "NÃO" ao meu apelo.

Arauto querido, o que nos propusemos fazer é uma coisa séria e profunda. Não sobra lugar para a superficialidade, as tergiversações, as racionalizações e os compromissos com "meias medidas": ou TUDO ou NADA. Eu o abençoo muito, muito, de todo o coração, na dileção mais pura de Cristo".

Os Arautos que hoje lêem estas minhas palavras, escritas em 22 de setembro de 1976, poderão sentir arrepios. Sim, foi uma intervenção dura. Há pouco tempo eu havia saído daquela minha crise que já descrevi, a "crise da primeira noite", a mais perigosa porque foi uma crise "dentro de mim". Em certo sentido a luz já havia despontado sobre a minha alma. Eu havia conquistado uma "certeza" e uma "segurança" de outra ordem. Eu sofria agora a crise de minha "segunda noite", que se agravou exatamente a partir desta intervenção dura. Qual foi a reação a esta minha intervenção?

Sentí que até os Arautos mais dóceis, mais fiéis e mais afeiçoados, ficaram sentidos comigo, ao menos por alguns instantes. Os que eram vacilantes e distantes, logo responderam "NÃO" ou "AGUARDE". E os líderes dos "dois movimentos" ou "partidos" que se haviam formado dentro da SEARA moveram-me "guerra". Os membros da tendência "pelagiana" não me responderam nem "sim" e nem "não" e nem "aguarde", e o fizeram de maneira despeitosa. Eu não hesitei: a partir do dia 1 de novembro daquele ano, automaticamente foram desligados desta

nossa aventura. Eles, no entanto, por um bom tempo, ainda ficaram rodeando-nos e dificultando-nos. Os outros, os da tendência "luterana", apelaram para os meus "confrades" e, com isso, aquele "certo apoio" que deles vim recebendo desde 1973, me foi totalmente retirado. E eu ouvi esta acusação: "não dou aos membros da SEARA a autonomia que eles merecem e precisam ter". Eu tomo tudo em minhas mãos e conduzo a meu modo, sem respeitar o que pensam os outros. E começou uma "amizade" entre os membros deste grupo, ou, pelo menos, entre seus líderes e meus confrades, e passaram a receber apoio de alguns deles a fim de fazer "resistência" à maneira como eu conduzia a SEARA. Foi muito doloroso para mim. Os meus mais fiéis seguidores, os meus "filhos" mais dóceis sentiam-se confusos e desorientados.

Fui em frente. Dolorosamente, amarguradamente, mas fui em frente e não cedi. A SEARA era um grupo dividido entre facções opostas. É tão difícil conduzir um grupo que perdeu a sua unanimidade de sentimentos. Tudo tendia para o lado polêmico. Eu tinha "segurança" e tinha "certeza", havia conquistado, depois da longa noite, estas duas características, mas era tão duro este ter que ser duro e não transigir! O grupo da tendência "pelagiana" perdeu sua força a partir dos primeiros meses de 1977; o outro, o de tendência "luterana", continuou dividindo a SEARA até fins de 1979. Foi a partir dos primeiros meses de 1980 que a SEARA conseguiu ganhar unanimidade e unidade de sentimentos, e foi tão somente a partir daí que pôde realmente crescer em qualidade e em número. A tempestade de longos anos havia terminado.

Não culpo aos que lideraram e aos que aderiram a estes dois movimentos divisivos da SEARA. Em certo sentido ninguém teve culpa. Todos foram vítimas daquele nosso estado embrionário, e, finalmente, a causa última de tudo acho que foi aquela a que já acenei: a pobre mãe adolescente que era eu, concebera cedo demais. Foi uma concepção prematura. Eu já disse que choro a perda destes filhos e diante de cada um deles eu quisera

poder um dia ajoelhar-me e pedir perdão. Citarei aqui os nomes destes que "me foram dados" para apascentar em nome de Deus, e que "perdi" por fraqueza, ignorância e imbecilidade: Maria de Lourdes de Souza, Teresinha Sandri, Selma Maria Schons, Ubiratan Vieira de Mello, Giovanni Batista Paludo, Mitie Clara Sekita, Maria de Lourdes de Paula, Ana Helena Mikoski e Maria Petel. Cito estes nomes, porque foram pessoas que chegaram a investir muito de si mesmos dentro da SEARA. Vários outros desistiram também naqueles anos, mas foram os que mal e mal haviam sido admitidos e jamais chegaram a se comprometer profundamente conosco.

### AS EXIGÊNCIAS DA "NOVA SEARA"

Em setembro de 1976 teve lugar a minha intervenção "dura", da qual já falei. Teve início uma "nova SEARA", conforme expliquei. Sim, "nova", porque foi aí que começou a nossa preparação mais decisiva e enérgica para a fundação da SEARA. Com a promulgação daquele Documento Básico começamos verdadeiramente a "acertar o passo" e colocamos os pingos nos "ii". Aquele que seria mais tarde o texto definitivo de nossa Constituição tem, neste Documento Básico, o seu primeiro esboço decisivo. É claro que, naquele momento, os Arautos não perceberam isso. Foi dura a reação deles diante da minha dura intervenção. Na verdade, praticamente nem chegaram a tomar conhecimento daquele Documento Básico. Começou uma luta entre nós: no meu modo de ver, começou a luta entre aquilo que o Senhor me confiou para implantar e a vontade humana daqueles que eram chamados a se filiar a mim na obra desta implantação.

Não era fácil, e eu os desafiava. Aquele Documento Básico, formulação jurídico-espiritual da "nova SEARA", aquelas exigências Termo de Compromisso, contendo um "mínimo" absolutamente indispensável e, principalmente, aquela minha intervenção que "desligava" a todos e exigia, dos que quisessem continuar, uma "nova admissão" que supunha a aceitação de novas exigências era, em certo sentido, um verdadeiro transtorno. Eu já disse que mesmo os mais fiéis e mais dóceis se sentiram chocados, num primeiro momento. Os outros, os membros dos "dois partidos" que se haviam formado, o "partido pelagiano" e o "partido luterano", encontraram em mim uma "muralha de bronze". No caminho deles eu levantava uma enorme "pedra de tropeço". E "tropeçaram".

Na segunda parte deste primeiro volume conheceremos detalhadamente os aspectos novos deste Documento Básico e suas consequências, principalmente no Termo de Compromisso Inicial. Mas para que os leitores deste episódio entendam melhor o que foi feito, apresento-lhes o conteúdo do Termo de Compromisso inicial, o "mínimo" absolutamente indispensável a quem do qual não era admissível a vida na SEARA e nem era legítima a existência de alguém como Arauto.

Este Termo de Compromisso abrangia oito pontos, ou oito cláusulas. Aquele que era admitido como Arauto da SEARA declarava ter conhecimento de tudo o que a SEARA crê, propõe, supõe e exige em seu Documento Básico e no Manifesto Espiritual. Dizia, em seguida:

*"Declaro que estou de acordo com o MÍNIMO ABSOLUTAMENTE INDISPENSÁVEL de convivência em fraternidade na SEARA. Se eu, após reiterados apelos dos demais Arautos ou do Monitor de minha fraternidade e, dentro do prazo estabelecido pelo mesmo Monitor, não conseguir ser fiel às cláusulas desse Mínimo Absolutamente Indispensável, declaro que aceito desvincular-me, ou ser desvinculado da fraternidade e, por conseguinte, aceito desvincu*

*lar-me da própria SEARA. Declaro que me sinto devidamente instruído e ter consciência exata do conteúdo deste Mínimo Absolutamente Indispensável.*

Em seguida vinha os ítems deste Mínimo. Tra-  
ziam as seguintes exigências, aquê<sup>m</sup> das quais não  
era possível ser membro da SEARA.

1. A primeira exigência referia-se à vida com Deus: o Arauto se comprometia a gastar com frequência tempos longos de solidão com Deus, e as medidas eram as seguintes: uma hora por dia, quatro horas na semana, um dia no mês e dez a trinta dias no ano.

2. A segunda exigência referia-se à Direção Espiritual: o Arauto se comprometia recorrer com frequência, oralmente ou por escrito, a um sacerdote escolhido como seu Diretor Espiritual, a fim de abrir-lhe sua alma nas vicissitudes de seu itinerário peregrinante na fé.

3. A terceira exigência referia-se à vivência da vida fraterna com os irmãos: o Arauto se comprometia encontrar-se semanalmente com cada um dos membros de sua fraternidade para o diálogo a dois. Naquela época dizíamos "diálogo de afinação fraterna" e consistia em "ouvir tudo" e "falar tudo".

4. A quarta exigência referia-se ao trabalho de reflexão e revisão, com os demais membros da fraternidade e sob a coordenação do Monitor, do Documento Básico e do Manifesto Espiritual. A este tipo de reunião passaríamos chamar, a partir de 1978, de "a chama que arde na lareira".

5. A quinta exigência referia-se ao apostolado na Igreja: o Arauto se comprometia ao trabalho apostólico ao menos em dois períodos por ano. Naquela época pensávamos que os Arautos deviam no mínimo destacar-se num apostolado junto às famílias: casais, pais e filhos.

6. A sexta exigência referia-se ao estudo: o Arauto se comprometia a várias horas semanais de estudo, isto é, à reflexão filosófica e teológica.

7. A sétima exigência referia-se a um aspecto da vida fraterna. Dizia o Têrmo: *Comprometo-me guardar em completo sigilo qualquer confidência, a contecimentos, situações, problemática de vida interna de minha fraternidade, sempre que se tratem de coisas que os membros de minha fraternidade não querem ou não gostariam que os outros saibam.* O compromisso se referia também não permitir que os defeitos ou situações negativas de outras fraternidades entrassem na faixa interna da própria fraterna: Era preciso "não deixar sair", e era preciso "não deixar entrar". Era a guerra contra o espírito de murmuração e fofoca.

8. Finalmente a última exigência se referi a ao cultivo de vocações para a SEARA: o Arauto devia empenhar-se no cultivo de novas vocações, ir radiar sua própria descoberta. A admissão de um novo membro da fraternidade devia sempre ser negociada com o Conselho da SEARA e, enquanto este ainda não estava constituído, com o fundador da SEARA, isto é, comigo.

Estas eram as exigências do "mínimo"aquém do qual se declarava que a vida na SEARA não era admissível e nem era possível. Além disso, no cumprimento da exigência número 4, dei aos Arautos um esquema de revisão para facilitar o trabalho de revisão em grupo. Seguiu-se o método "ver, julgar e agir" e o conteúdo era o Documento Básico, o Manifesto Espiritual e os oito ítems do Compromisso Inicial, isto é, as exigências do "Mínimo absolutamente indispensável".

Foi assim que "enfrentei" a crise do grupo, e foi assim que a casa, embora muito lentamente e muito sofridamente, se foi arrumando para marchar, a partir dos primeiros meses de 1980, para o parto da vida que havia sido concebida, isto é, a fundação da SEARA. Hoje é interessante ler a Constituição da SEARA e conhecer principalmente os elementos básicos de nosso treinamento para a vida com Deus e a vida fraterna, para ver o quanto aquele Documento Básico de 1976 foi realmente o começo da nova e verdadeira SEARA.

## AS COISAS DAS QUAIS NÃO POSSO

### "ABRIR MÃO"

A partir do momento em que saí daquela crise em sua "primeira noite" começou a tomar corpo dentro de mim a consciência de minha missão com relação à SEARA. Esta consciência foi crescendo e se tornando sempre mais nítida. Hoje eu enxergo com nitidez esta fato: a SEARA é um DOM; este Dom por primeiro foi dado a mim: eu o recebi do Senhor. Em seguida vieram aqueles que se encontraram comigo, descobriram o Dom que estava em mim, e descobriram que também eles eram chamados no mesmo dom. E, comigo, começaram a cultivá-lo e a investir no seu desenvolvimento. Por causa deste dom, começaram a se alegrar comigo e a sofrer comigo. Eu não posso e não devo ser infiel ao Dom que recebi e transmiti aos que aceitaram "nascer" do meu espírito. Devo guardá-lo e defendê-lo. E os meus "filhos", que também deram tudo de si para viver este mesmo Dom, também devem guardá-lo e defendê-lo. A Igreja acolheu este Dom e com sua autoridade sancionou a sua validade e utilidade. Não podemos transviá-lo. Ninguém de nós tem este direito. E todos temos o dever de promovê-lo, desenvolvê-lo, amá-lo e conservar sempre bem acesa a sua chama, bem luminosa a sua luz, bem ardente o seu calor. Todos os que vierem a nós precisam discernir cuidadosamente, para ver se em verdade são chamados no mesmo Dom; precisam verificar se são atraídos por este mesmo Dom na sua globalidade e nos seus valores centrais e essenciais, e não apenas por este ou aquele de seus aspectos.

Com aquela intervenção "dura" que fiz no dia 22 de setembro de 1976 eu comecei a agir com esta consciência, e daí o sentido de algumas expressões que usei. Reivindiquei, naquela ocasião, a nossa inspiração primeira, a missão recebida na-

quele dia, e interpelei a todos que me estavam se guindo para que examinassem melhor o que vinham escolhendo.

Veio, em seguida, a reação de alguns, apoiados por vários confrades meus. Eles queriam que a SEARA tomasse outros rumos e fizesse outras opções. Eu estava sendo teimoso e cabeçudo, e me fizera "dono" de uma coisa que não era minha. Realmente eu não devo ser dono de uma coisa que não é minha, principalmente da SEARA, que pertence à Igreja e pertence ao Senhor. Eu não devo e não posso ser "dono", mas devo ser testemunha fiel e guardião do Dom que o Senhor, mediante o instrumento que sou eu, deu à sua Igreja. Foi por isso que me batí. Foi por isso que criei o impasse e levantei diante de todos uma pedra de "tropeço". Eu não podia fazê-lo diferentemente. Foi duro e foi dolorido, mas tive que fazer. É claro que o fiz com as limitações de meu temperamento impulsivo, violento, mas, no conjunto, agi segundo a minha fê, segundo esta convicção e esta consciência: o dom que o Senhor fez à Igreja por meu intermédio e por intermédio daqueles que livremente e alegremente aceitam nascer deste espírito, não deve ser transviado; também não deve ser substituído por outros dons; os outros, que também são dados por Deus, quando aparecerem, ocuparão, cada qual, o seu lugar, e não deverão nunca ocupar o lugar que já está ocupado.

Eu não sou "dono" da SEARA no sentido de recebê-la e guardá-la para mim. Também não sou "dono" da SEARA no sentido de conservar em minhas mãos, o mais possível, as rédeas de seu governo; eu devo gradativamente, sem retardamentos e também sem apressamentos, passar para as mãos dos Arautos o governo da SEARA. O que não posso renunciar é a esta paternidade que o Senhor gerou em mim, não obstante minha incapacidade, incompetência e indignidade. Não posso renunciar à minha situação singular de "testemunha primeira" deste Dom". Por isso houve um momento em que, para quem pedia para nascer nesta família e ser contado entre seus mem-

quele dia, e interpelei a todos que me estavam se guindo para que examinassem melhor o que vinham escolhendo.

Veio, em seguida, a reação de alguns, apoiados por vários confrades meus. Eles queriam que a SEARA tomasse outros rumos e fizesse outras opções. Eu estava sendo teimoso e cabeçudo, e me fizera "dono" de uma coisa que não era minha. Realmente eu não devo ser dono de uma coisa que não é minha, principalmente da SEARA, que pertence à Igreja e pertence ao Senhor. Eu não devo e não posso ser "dono", mas devo ser testemunha fiel e guardião do Dom que o Senhor, mediante o instrumento que sou eu, deu à sua Igreja. Foi por isso que me batí. Foi por isso que criei o impasse e levantei diante de todos uma pedra de "tropeço". Eu não podia fazê-lo diferentemente. Foi duro e foi dolorido, mas tive que fazer. É claro que o fiz com as limitações de meu temperamento impulsivo, violento, mas, no conjunto, agi segundo a minha fê, segundo esta convicção e esta consciência: o dom que o Senhor fez à Igreja por meu intermédio e por intermédio daqueles que livremente e alegremente aceitam nascer deste espírito, não deve ser transviado; também não deve ser substituído por outros dons; os outros, que também são dados por Deus, quando aparecerem, ocuparão, cada qual, o seu lugar, e não deverão nunca ocupar o lugar que já está ocupado.

Eu não sou "dono" da SEARA no sentido de recebê-la e guardá-la para mim. Também não sou "dono" da SEARA no sentido de conservar em minhas mãos, o mais possível, as rédeas de seu governo; eu devo gradativamente, sem retardamentos e também sem apressamentos, passar para as mãos dos Arautos o governo da SEARA. O que não posso renunciar é a esta paternidade que o Senhor gerou em mim, não obstante minha incapacidade, incompetência e indignidade. Não posso renunciar à minha situação singular de "testemunha primeira" deste Dom". Por isso houve um momento em que, para quem pedia para nascer nesta família e ser contado entre seus mem-

bro, era imprescindível o sentir-se chamado no mesmo Dom que estava em mim e se sentisse ligado a mim por esta ligação misteriosa que vem do Espírito. E, num segundo momento, à medida em que o encontro pessoal comigo se tornar distante no tempo ou no espaço, é imprescindível que se sintonizem com aqueles que se sintonizaram comigo e se sintam chamados no Dom daqueles que se sentiram no Dom que descobriram em mim...

... E assim por diante! Para entrar na SEARA, como em qualquer Instituto de Vida Consagrada que há na Igreja, existe um colo, existe um clima, existe um ninho quente, existe um ser acolhido pelo pai e pela mãe, existe um aprender a caminhar e a falar com o pai, com a mãe e com os irmãos mais velhos. O Dom de Deus dado à Igreja, que é cada Instituto de Vida Consagrada, é um Dom que sempre precisa ser transmitido por "geração" espiritual: o Senhor gerou em mim este Dom, e eu o gerei em você, e você o gerou em outros, e os outros haverão de gerá-lo em outros e assim por diante. Para lá dos aspectos jurídicos de admissão de alguém na SEARA deve sempre ser colocado com muito vigor e consciência clara, este aspecto espiritual e misterioso profundo. A SEARA não é um caminho obrigatório para os fiéis: é um entre inúmeros caminhos livres, um entre os inúmeros que já foram descobertos na Igreja e um entre os inúmeros que ainda não foram descobertos. Quem vem a nós numa disposição de verdade, vem porque o Senhor livremente no-lo enviou, e porque livremente, na alegria e simplicidade de seu coração, aceitou este chamado divino. Ao se encontrar conosco e com a nossa descoberta, ou seja, o nosso Dom, outra coisa não encontrou senão aquele que é o objeto concreto de suas procuras sob a moção do Espírito Santo.

A Igreja quer que seja assim: que cada família espiritual gerada em seu seio conserve sua fisionomia própria, seja fiel ao seu patrimônio espiritual, cultive seus traços fisionômicos característicos sendo fiel ao espírito de sua fundação ou de seus fundadores e às suas tradições. Por

"tradição" aqui se entende exatamente este passar de um para o outro, por via de geração espiritual, este espírito que recebeu de outro e do qual nascem sempre por via de uma "geração" espiritual. O Código de Direito Canônico, no cânon 578, diz:

*"A intensão e os objetivos dos fundadores, aprovados pela competente autoridade eclesiástica, no que se refere à natureza, à finalidade, ao espírito e à índole do instituto, bem como suas sãs tradições, tudo isso constitui o patrimônio deste instituto e seja fielmente conservado por todos."*

Foi a partir de 1976 que esta consciência começou a tomar conta de mim. Por isso, em momentos de crise em que nosso espírito era forçado a mudar de rumos, eu intervim e reivindiquei esta paternidade, e exigí e me impús. Foi duro, mas era necessário. Eu precisava ser testemunha fiel. Por isso, naquele 22 de setembro de 1976, interpelei aquele grupo que então formava o grupo da SEARA. Como consequência, muitos se retiraram porque viram que não eram chamados; outros se retiraram não obstante também ter sido chamados, porque não entenderam que as coisas, finalmente, ou deviam nascer de mim, ou então a SEARA, como Dom, estaria sendo suplantada e substituída por outro dom, a partir de outros fundadores.

## OUVIMOS A VOZ DA ROLA EM NOSSA TERRA

Após os anos de tempestade que se abateu sobre mim e sobre o pequeno grupo, a bonança, devagarinho, começou a se fazer presente. Começou devagarinho, aos poucos um tempo bom foi se firmando. Este tempo de serenidade começou com os primeiros meses de 1978. Com a prova, eu havia muda-

do. Ao menos dentro de mim as coisas haviam mudado. Fora, ainda não: ainda haviam lideranças na SEARA que dividiam o grupinho e a partir desta data comecei sentir de maneira ainda mais forte a oposição dos meus confrades. Mas, dentro de mim, as coisas haviam mudado. Eu já não era mais o mesmo. A mãe adolescente, que engravidara fora do matrimônio, começou a se tornar adulta. A prova continuou como hostilidade proveniente dos outros, mas dentro de mim aquela noite tão dura e tão escura havia despontado na aurora.

Foi a partir desta época que começamos a pensar "conscientemente" no "parto": a vida que concebemos agora precisa ser dada à luz, e a criança começou a ser esperada com a alegria de intensa expectativa. E começamos conscientemente os preparativos para o parto. Na verdade ainda havia pela frente muito tempo, alguns anos, até 1981, mas começamos os preparativos porque "sentíamos" que era chegada a nossa hora.

Dentro de mim a decisão foi tomada ainda em agosto de 1977. Pedi ao Provincial que me licenciasse de meus compromissos como formador dos jovens estudantes de nossa Província. Eu precisava me retirar para descansar, tratar de minha saúde, e refletir. Eu sentia o peso da oposição deles: não importa! Diante desta oposição eu tomo esta decisão... e tomei!

Retirei-me para Itanhaém, no Estado de São Paulo, para repousar. Lá fiz nova revisão da proposta da SEARA. De lá voltei como um homem que se tornara sereno. Meus confrades se opunham, dificultavam as coisas, procuravam marginalizar-me no meio deles: mas eu me havia tornado um homem incapaz de magoar-se e ficar ressentido. Eu aceitava que o fizessem. Afinal de contas não era fácil acreditar numa coisa tão inovadora e eu havia dado a eles muitas provas de que engravidara como mãe adolescente e não devidamente preparada para ser mãe daquele jeito. Em certo sentido, eles tinham razão: não era fácil acreditar numa utopia, porque ainda não haviam provas certas de que não se

do. Ao menos dentro de mim as coisas haviam mudado. Fora, ainda não: ainda haviam lideranças na SEARA que dividiam o grupinho e a partir desta data comecei sentir de maneira ainda mais forte a oposição dos meus confrades. Mas, dentro de mim, as coisas haviam mudado. Eu já não era mais o mesmo. A mãe adolescente, que engravidara fora do matrimônio, começou a se tornar adulta. A prova continuou como hostilidade proveniente dos outros, mas dentro de mim aquela noite tão dura e tão escura havia despontado na aurora.

Foi a partir desta época que começamos a pensar "conscientemente" no "parto": a vida que concebemos agora precisa ser dada à luz, e a criança começou a ser esperada com a alegria de intensa expectativa. E começamos conscientemente os preparativos para o parto. Na verdade ainda havia pela frente muito tempo, alguns anos, até 1981, mas começamos os preparativos porque "sentíamos" que era chegada a nossa hora.

Dentro de mim a decisão foi tomada ainda em agosto de 1977. Pedi ao Provincial que me licenciasse de meus compromissos como formador dos jovens estudantes de nossa Província. Eu precisava me retirar para descansar, tratar de minha saúde, e refletir. Eu sentia o peso da oposição deles: não importa! Diante desta oposição eu tomo esta decisão... e tomei!

Retirei-me para Itanhaém, no Estado de São Paulo, para repousar. Lá fiz nova revisão da proposta da SEARA. De lá voltei como um homem que se tornara sereno. Meus confrades se opunham, dificultavam as coisas, procuravam marginalizar-me no meio deles: mas eu me havia tornado um homem incapaz de magoar-se e ficar ressentido. Eu aceitava que o fizessem. Afinal de contas não era fácil acreditar numa coisa tão inovadora e eu havia dado a eles muitas provas de que engravidara como mãe adolescente e não devidamente preparada para ser mãe daquele jeito. Em certo sentido, eles tinham razão: não era fácil acreditar numa utopia, porque ainda não haviam provas certas de que não se

tratava de uma quimera.

Como resultado de meu longo retiro em Itanhaém e de meu esforço de revisão da SEARA, publiqui, em janeiro de 1978, três escritos: "Seguirei teus passos", "Novo projeto para seguir Cristo" e "A vida dos Arautos na SEARA".

Do conteúdo destes três escritos elaborei uma "Síntese", que intitulei: "Síntese de uma nova proposta de vida consagrada no celibato pelo Reino". Sim, naqueles primeiros meses de 1978 eu tinha a impressão de que "minha luz havia surgido como a aurora" porque "Deus havia curado minhas feridas". Já haviam transcorrido 9 anos, desde aquele 28 de janeiro de 1969. O dia estava amanhecendo! Na verdade, porém, a prova ainda haveria de continuar. Lá dentro despontara a luz, mas aqui fora, ainda não.

Publicados estes três escritos, saí para o diálogo com a Igreja, apresentando-lhe a minha descoberta, o tesouro que, no meu modo de ver, encontrara escondido num campo e pelo qual estava disposto a tudo. Dialogar com a Igreja, para mim, significava duas coisas: abrir-me com os confrades de minha Província e abrir-me com alguns Bispos, na esperança de que algum deles aceitasse ser meu pai. Foi o que fiz. E redigi duas longas mensagens, uma aos meus confrades, no dia 20 de janeiro de 1978, e outra a 23 bispos, datada do dia 23 de janeiro de 1978. Transcrevo agora o texto destas duas cartas.

## CARTA AOS MEUS SUPERIORES E CONFRADES

20 - 01 - 1978

*Caríssimos superiores e confrades. A vocês, de modo geral, irmãos de hábito nesta Província, e, em especial, aos meus Superiores, dirijo-me por meio desta carta, solicitando-lhes a caridade*

para me ouvir e, tanto quanto possível, também a benevolência em acolher-me nos desejos que tenho para expor, na abertura de coração que é meu intento fazer. É muito importante para mim que, não apenas os meus Superiores, mas todos vocês, meus confrades, tenham conhecimento dos propósitos, desejos e ideais que me animam. Esta atitude de me revelar assim, publicamente, através da palavra escrita, pode parecer estranha, mas acredito que devo fazer assim, uma vez que me encontro num momento muito importante dentro da história que me propus construir, em resposta a um apelo que, na pobreza de minha fé, acredito ter recebido do Senhor. Por mais inusitada e estranha que esta maneira de proceder apareça, peço que aceitem de boa mente meu modo de proceder e, pela acolhida que sei poder encontrar em todos vocês, guardarei imensa gratidão.

Meu assunto, resumidamente: Eu tenho uma nova proposta de vida consagrada no celibato pelo Reino! Eu a venho articulando desde o mês de janeiro de 1969. Vocês já conhecem o fato. Alguns o conhecem muito por alto. Outros estão mais por dentro. Mas poucos, ou quase ninguém de vocês conhecem minha proposta agora, na maturidade e consciência que adquiriu, na certeza e segurança que passou, finalmente, a caracterizá-la, na clareza de objetivos e de caminhos que conseguiu.

Para que vocês possam conhecê-la envio-lhes, juntamente com esta, um fascículo contendo a síntese desta proposta. Gastando pouco tempo com uma leitura, vocês poderão perceber, pelo exame de algumas páginas, o que realmente estamos querendo e estamos fazendo. Se, em seguida, esta breve leitura de uma síntese geral despertar interesse em vocês e julgarem, assim, que valerá à pena gastar mais tempo com o exame desta matéria, o conhecimento real do que estamos querendo - aprofundado e detalhado, e teologicamente fundamentado - só pode ser adquirido com a leitura e o exame de três livros meus, a saber: "Seguirei teus passos," "Novo projeto para seguir Cristo" e "A vida dos

- 72 -

## "Arautos na SEARA".

... Aqueles que sentirem interesse por este assunto e desejarem examinar a fundo esta matéria, e, principalmente, aqueles que quiserem colaborar comigo nesta fundação, ajudando-me a concebê-la e dá-la à luz, e cuidar do seu crescimento, revelem-se, e lhes enviarei os três livros e irei visitá-los pessoalmente para dialogar juntos e, quem sabe, juntos negociar um plano de trabalho conjugado para concretizar este ideal de vida que há nove anos vim concebendo, na alegria de inúmeras descobertas cheias de encanto, e também no sofrimento de longas procuras, cheias de ambivalências, erros e tateamentos.

Vocês têm aí o meu assunto: apresento "nova proposta de vida consagrada a Deus no celibato pelo Reino. Esta proposta superou sua fase de imaturidade, constituída por nove anos de fermentação. Para levá-la a vias de fato, temos agora, pela frente, três etapas:

1. Etapa de ANTE-PROJETO, a que agora se inicia;
2. Etapa de PROJETO, dentro de algum tempo, mais ou menos longo;
3. Etapa de FUNDAÇÃO, durante um tempo mais longo ainda.

Até hoje trabalhei na fase de fermentação. Para tanto, vocês me deram certa cobertura, pela qual muito sou grato. Meus superiores, em especial o atual Superior Provincial, procurou facilitar as coisas para mim, permitindo-me certa liberdade de movimentação. Mas agora preciso entrar na fase de ANTE-PROJETO e passar, em seguida, para as outras duas, até a aprovação eclesiástica de nossa proposta, se Deus quiser. Isto vai exigir de mim mais disponibilidade de tempo e liberdade de movimentação, e é exatamente isso que tenho para expor e negociar com vocês.

... Está aí o pedido que tenho para fazer-lhes, expresso com um mínimo de palavras. Eu reconheço que não tenho direito de ser atendido. A

Província tem suas metas, tem seu campo de atividades, tem seus compromissos, e luta com dificuldades quanto ao número de elementos disponíveis para atendê-los. Tem direito de recusar que outros compromissos sejam assumidos. Eu faço este pedido não como quem está exigindo por ser atendido, mas como quem roga um favor, uma benevolência, uma condescendência. Entretanto, ao fazer isso, eu não posso deixar de fazer o mais vivo apelo e a mais fraterna insistência. Nesta obra está toda a minha vida. Sinto algo dentro de mim, sobretudo agora, depois que a mão de Deus trabalhou de maneira misteriosa e vigorosa em meu íntimo, que está é a minha vocação, o chamado pessoal que recebi de Deus. Explícitamente eu só comecei a pensar na SEARA a partir do dia 28 de janeiro de 1969. Mas, implicitamente, analisando o meu passado, a SEARA já nasceu em mim em inúmeras experiências que tive, algumas das quais na minha própria infância. Hoje eu não posso mais deixar de ver nelas um sinal de Deus, e me deixaram marcas incicatrizáveis na alma. Principalmente nos últimos anos, eu fui trabalhado por um período, o mais enigmático de minha vida, o mais cheio de absurdos. Acho que nunca deixei transparecer para vocês o suficiente para perceber a angústia de uma escuridão que se fez dentro e ao redor de mim. Hoje eu sei que foi o tempo em que a mão de Deus me golpeou de maneira a mais misteriosa. Eu passei meses à fio no fundo do inferno, em companhia de maus espíritos, debaixo do rabo de satanás. Enquanto isso eu continuei sendo, para os outros, luz, força, entusiasmo, vontade de lutar, fê num ideal. Mas tudo isso havia morrido dentro de mim. Eu conheci a angústia e o desespero, a náusea e a solidão, o absurdo da luta, a falta de fê e a inconsistência de tudo aquilo pelo qual o viver vale à pena. A maneira como aquela mão misteriosa para lá me conduziu sem que eu soubesse como, mas que também depois de lá me tirou de maneira indizível, deixou marcas as mais indelêveis em minha vida. Acho que me tornei um homem que não pode mais duvidar de certas coisas. Eu precisei de tudo aquilo: pre-

cisei experimentar o fundo de minha miséria para chegar à certeza e segurança que hoje me animam. Hoje é grato recordar que a misericórdia de Deus é um abismo insondável, mas, quem ainda não o experimentou, nem queira saber o que acontece com a gente quando se mora no inferno. Mas agora... "os ventos não sopram mais, as chuvas cessaram, desabrocharam as flores...e ouvi a voz da rola em minha terra".

Estou diante de vocês como um irmão que pede, que suplica, que apela, que insiste...Por certo, se vocês não puderem acolher ao que estou pedindo por razões sejam lá quais forem - e vocês têm o direito de não acolher! - eu terei pela minha frente um impasse muito doloroso para ser superado. Estou me dirigindo a vocês para que, por meio de meu Superior Provincial e seu Definitório, me respondam "sim". Eu lhes rogo, na caridade de Cristo, para que me respondam "sim". Acreditem no que estou para fazer.Creio que não irei decepcioná-los.E o sacrifício que isso lhes puder custar, será por Deus recompensado.

Mas eu não peço que apenas me respondam"sim" Eu peço que ao menos alguns de vocês se disponham a trabalhar comigo nesta obra. Esta fundação, para ser feita, não é uma coisa que custará apenas um trabalho de estudo, ou uma técnica. É preciso "gerá-la" do íntimo de nós mesmos.É preciso "concebê-la" na própria interioridade. Conceber de quem e gerar de quem? Do Espírito de Deus!Aos padres e bispos que estão acolhendo esta minha proposta e que estão se dispondo a comprar comigo esta briga, eu estou pedindo que, inicialmente, o mínimo que devemos fazer é reunir-nos por um tempo mais ou menos longo para o estudo, a reflexão e, principalmente, para rezarmos juntos e juntos nos colocar-mos em sintonia com o Espírito de Deus. O mesmo proponho a vocês que desejarem dialogar comigo.

... Estou pronto para ser questionado por vocês, em tudo o que lhes disse neste escrito. Pela atenção em me ouvir, aceitem minha gratidão".

23 - 01 - 1978

Escrevi também uma carta a 23 bispos, esperança de encontrar ao menos um que assumisse comigo a paternidade desta obra, que aceitasse ser o meu pai. Dirigi-me com as seguintes palavras:

*"Quem se dirige a V. Excia. Revma. é um sacerdote e religioso da Ordem de São Francisco, e rogo sua caridade e benevolência para me ouvir em assunto cuja apresentação é de grande importância para mim e que poderá interessá-lo, uma vez que, segundo creio, se trata de algo oportuno à Igreja da qual V. Excia. Revma. é Mestre e Pastor.*

*Embora convicto de que V. Excia. é alguém sempre pronto a acolher e ouvir, seja lá quem for, permita-me, contudo, que, respeitosamente, eu formule antes de mais nada, uma insistência: no assunto que tenho para expor, é de muita importância para mim o ser ouvido por aqueles que, na Igreja, são pastores para ensinar, santificar e governar o povo de Deus. Eu coloco neste apelo toda a carga de uma vida, o sonho de uma esperança, a firmeza de uma fé e a intensidade de uma oração e de um trabalho que, durante anos, vim realizando de maneira silenciosa e que agora chegou àquela maturidade e consistência em base às quais penso que é chegado o momento de me apresentar à Igreja por meio de sua hierarquia.*

*Juntamente com esta carta, envio-lhe um fascículo de 16 páginas contendo a síntese da proposta que estou para fazer... Rogo sua caridade para que leia e examine estas poucas linhas. Elas lhe darão uma visão geral, mas bastante completa. Após a leitura e o exame destas poucas páginas, se V. Excia. perceber e sentir que se trata de algo*

oportuno à Igreja e, principalmente, se perceber e sentir que se trata de algo suscitado pelo Espírito de Deus, então eu rogo que conheça uma explanação mais ampla, contida em três livros prô-manuscritos de minha autoria os quais, em seguimento a esta carta, lhe despacharei pelo correio.

... Estou pronto para me entregar publicamente a esta fundação. Estou negociando com meus superiores religiosos a liberação de tempo e a liberdade de movimentação para este trabalho. Estou pronto para me apresentar ao povo com esta proposta... A proposta com a qual agora começo a me apresentar publicamente na Igreja, iniciando este contacto, antes de tudo, com seus Pastores, conhece várias etapas de realização:

1. Etapa de fermentação, descoberta e aprendizagem: foi a etapa que, em seus elementos fundamentais, já terminou. Iniciei este trabalho, de maneira explícita e formal, no dia 28 de janeiro de 1969. Eu a chamo "etapa de fermentação, descoberta e aprendizagem", porque ela se constituiu exatamente de um trabalho feito por mim e por um grupo de pessoas: concentramo-nos para a oração, a pesquisa, a confrontação entre o ideal e a vida. Nesta etapa preliminar de fermentação, descoberta e aprendizagem, vibramos com a alegria de inúmeras descobertas, cheias de encanto, mas também sofremos com os sofrimentos das longas procuras cheias de ambivalências, tacteamentos, imaturidades e erros.

2. Etapa de ANTE-PROJETO: é a etapa que agora se inicia quando, após nove anos de trabalho, constatamos duas coisas: a) que esta proposta corresponde a uma necessidade dos homens de hoje; b) que algumas pessoas descobriram esta proposta e mostram que "compram esta briga" pelo resto de seus dias.

3. Etapa de PROJETO: será a etapa seguinte. Terá início, em nosso modo de ver, a partir do momento em que se verificarem as seguintes condições: a) o grupo fundador da SEARA deverá estar demonstrando um nível bastante consistente de for

mação para a vida no celibato pelo Reino; b) alguns sacerdotes deverão estar preparados para atuar como cultivadores e animadores daqueles que desejarem viver este tipo de consagração no meio do mundo; alguns bispos demonstram que acolhem e aprovam este trabalho.

4. Etapa de FUNDAÇÃO: no nosso modo de ver, levará ainda alguns anos; sempre segundo o nosso modo de ver, terá início a partir do momento em que alguns bispos, efetivamente, julgarem oportuno pedir a Santa Sê o "nihil obstat" para a nossa existência na Igreja, como Arautos da SEARA.

... Quem sou eu? ... não tenho outras credenciais a não ser o amor com o qual me uno a Cristo, ao qual hoje quero pertencer mais do que o fiz ontem, e amanhã, mais do que o fiz hoje, e assim por diante, até o ocaso de minha vida. Desde que comecei esta obra, e agora, mais que nunca, ao sair com ela em público, todos os dias, ao Autor de todos os dons, de meu coração brota uma prece: "Dá-me, Senhor, por intermédio da obra que me confiaste para realizar, um exército de almas armadas com a força do teu Espírito!". E lembro-me, constantemente, das palavras pronunciadas por Gamaliel, diante do Sinédrio: "Se este intento ou esta obra vem dos homens, destruir-se-á por si mesma; mas, se, ao invés, verdadeiramente vem de Deus, ninguém conseguirá arruiná-la!".

## AS RESPOSTAS ÀS MINHAS CARTAS

Enviei as duas cartas esperando outra reação diante das mesmas, principalmente dos meus confrades e Superiores. Dos Bispos recebi algumas mensagens de "bênçãos" e alguns "encorajamentos". De

um ou outro recebi apenas um "acusado ter recebido". De vários não recebi nada. Um deles me escreveu assim: "Agradeço a confiança de se abrir comigo no assunto da planejada fundação que o Senhor parece inspirar-lhe".

Houve um bispo que vibrou comigo: foi o Bispo de Jacarezinho, D. Pedro Filipak. Disse-me: "Meu amigo, o que você propõe é um ideal de vida que o próprio Cristo viveu e aconselhou. Portanto, é uma coisa boa o que propõe organizar ou reunir em organismo os que se propõem seguir este ideal segundo N.S. Jesus Cristo. Trata-se de levar os conselhos evangélicos ao mundo, hoje, imundo. Para este mundo "imundo" a SEARA será um sinal do Reino, uma mensagem profética, o sal, o fermento, e a luz. Bastam estes poucos conceitos para lhe dizer o que penso e o que sinto a respeito".

Houve outro Bispo que nada nos deu por escrito, mas nos acolheu em sua casa, ouviu-nos com paterna atenção, e nos abençoou num gesto em que sentimos estar aprovando o que pretendíamos fazer. Foi o Bispo de Lages, SC., D. Honorato Piazzera.

De um só Bispo, - D. Geraldo Pellanda, de Ponta Grossa - ouvimos recusa e não aceitação. Ele nos escreveu assim: "Em resposta à sua carta e de mais anexos, de 23 de janeiro, na qual nos pede autorização para tornar pública a sua obra, a "SEARA", e depois de muito estudar, refletir, rezar e nos aconselhar com pessoas de reconhecida capacidade: vimos comunicar-lhe que não podemos aprovar a sua iniciativa à "SEARA", nem permiti-la em nossa Diocese. Estamos certos de que saberá acatar esta nossa decisão, como V. Revma. afirma em sua carta, com espírito de fé, vendo nela a vontade de Deus, e por isso não se deixará magoar nem ficar ressentido".

Neste diálogo com os Bispos houve, em inícios de 1979, um capítulo que se apresentou cheio de esperanças. Foi o diálogo que estabelecemos com D. Agostinho José Sartori, Bispo de Palmas, no Paraná. Num primeiro momento pareceu-me ter

encontrado em D. Agostinho o homem de que precisa va: eu me sentia pai de uma pequena e pobre família, mas eu mesmo não tinha pai; pensei ter encontrado em D. Agostinho o meu pai. Tentamos, inclusive, passar o assunto para vias de fato, instalando um grupo de Arautos em sua Diocese, residindo, inclusive, em sua "casa episcopal" e assumindo os cuidados da mesma. Mas bem depressa o Senhor nos mostrou que não estava ali a pedra fundamental sobre a qual se apoiaria o novo edifício, e nossas esperanças se desvaneceram e tivemos que engolir com grande amargura a gota de saliva que se nos tinha pegado na garganta.

Como se percebe, até o presente momento, - já estamos ao longo de 1979 - a reação dos Pastores da Igreja diante do que lhes propúnhamos, era para nós - exceto em dois casos - como um "ducha fria" jorrando sobre o nosso entusiasmo. Em nossa garganta formava-se um nó: tomava conta de nós a impressão de que nossa proposta não seria aceita pelos Pastores da Igreja embora esta fosse, naquela momento, uma constatação que não queríamos admitir.

Novas tentativas iríamos fazer, - no ano seguinte, isto é, em 1980, - com os Bispos de Casca vel (D. Armando Círio), de Ponta Grossa (D. Geraldo Pellanda) e de Lages (D. Honorato Piazzera), mas destas falaremos logo mais.

Entretanto, a maior reação contra a nossa proposta nós a fomos encontrar em meus confrades e nos Superiores de minha Província. A carta que lhes enviei, deram-me a resposta mais amarga e de cepcionante que eu poderia esperar. Diante da reação deles, a esta altura, mais que nunca eu senti a dureza de situação de uma pobre mãe solteira que trazia uma criança em seu ventre já vistosamente avolumado. A pobre mãe solteira, a esta altura, sentia profundamente a sua alegria de ser mãe. Era já uma experiência indizível. E com imensa felicidade se preparava para o parto, articulando as três fases futuras de ante-projeto, projeto e fundação. Mas a família, os meus "pais" e

os meus "irmãos", ao constatar tudo isso, mais que nunca expressaram sua vergonha e repulsa diante do meu estado. A minha "prova" que "ainda continuou", agora consistiu exatamente nisso: na repulsa, no repúdio e na rejeição por parte de meus "pais" e "irmãos", inclusive em tentativas de desmoralização por parte de alguns, principalmente dos que residiam comigo na mesma casa. Eles fizeram de tudo para dizer que aquela "gravidez" era inoportuna e até ignominiosa.

A partir do segundo semestre de 1977, meus confrades passaram a cismar de tudo a meu respeito. Na verdade, eu era muito mais pecador e muito mais indigno do que eles o supunham, mas a esta altura o Senhor já havia mandado do céu o seu anjo para purificar meus lábios e toda a minha vida com o fogo aceso de um carvão em brasa. Eles não percebiam isso. Eles não sabiam disso. E, por isso, eles não tinham culpa, e não tinham obrigação de acreditar em minhas palavras. Eu não era digno e nem capaz, mas o Senhor me havia escolhido exatamente a mim, homem indigno e incapaz, porque esta é sua maneira de proceder: para fazer certas coisas nas quais é preciso que brilhe sua glória e a manifestação do seu poder, escolhe criaturas vis, desprezíveis e fracas. Por isso escolheu a mim. Eu não me apoiava sobre a minha "dignidade" (?) ou sobre a minha "capacidade" (?), mas sobre a "escolha gratuita" (!) de que fora objeto. Sim, para "gerar" esta família - peço que todos acreditem nisso e jamais se esqueçam disso! - o Senhor escolheu um homem indigno e incapaz. Eu afirmo isso com a mais viva convicção que se fixou no meu espírito.

A reação de meus confrades foi principalmente por gestos e atitudes: eu me tornara a vergonha da família por haver concebido fora do matrimônio. Eu era digno de censura. Eu me tornara diferente dos outros. Era "filho", era "membro" daquela família, mas se tratava de um filho e de um membro visto com desprezo e desconfiança. Eu não estava dentro da lei. As coisas que eu fazia tinham uma aparência de "ilegitimidade". Eu estava

à margem das coisas normais, das situações normais. A minha, era uma situação viciada. Foi assim que senti a atitude e a reação dos meus confrades, sobretudo dos que residiam comigo na mesma casa. Não sei até que ponto eles perceberam ou percebem que isso foi assim, mas foi exatamente isso o que eu senti, e isto batia às portas do meu coração com muita força.

Meu Superior Provincial abordou comigo o assunto de minha carta em tom repreensivo e cheio de desconfiança. Ele estava no final de seu triênio: dentro de poucos meses seria substituído por outro. Eu esperei por este "outro", ao longo daqueles "pesados" meses de 1978. Em novembro já tínhamos o "outro": apresentei-me a ele, reunido com os seus novos Definidores. Eles tinham à sua frente um "frade-problema". E ouvi dos lábios de um deles, quase que estas mesmas palavras: "Nós não acreditamos na SEARA, isso é problema seu". E outras palavras: não queremos dar nenhum apoio a esta coisa a que você chama SEARA!

A minha mensagem foi interpretada pelo lado avesso. É o que mostram as palavras de uma das cartas que, como resposta, recebi de um dos meus confrades mais respeitáveis na Província:

*"Li atentamente sua carta, meditei sobre ela, e rezei, para lhe dar um parecer, como você pediu. Não sei se está de acordo com os seus ideais. Mas, uma vez que você pediu, acho que é dever de um irmão responder-lhe.*

*Será que são mesmo de Deus as 'movimentações que o Espírito de Deus' pode estar fazendo? Se pelos frutos se conhece a árvore, eu, pessoalmente, duvido bastante. Tenho um pressentimento que o movimento não é totalmente de Deus. Há nele muito de humano. Vejo nele mais uma preocupação em aparecer do que em ser humilde. Parece-me que o homem está tomando o lugar de Deus. É possível que você tenha ouvido a voz da rola em sua terra. Mas veja bem de que rola se trata. Se o movimento é de Deus, será acompanhado de obediência e humildade.*

*de. Caro frei, desculpe-me a franqueza: se quiser mesmo o conselho de um irmão, volte à obediência aos seus superiores. Se Deus quer esta "SEARA", terá os meios de se manifestar mais claramente".*

Entre meus confrades, porém, houve um que me fez um aceno de conforto e apoio. Foi Frei Moacir Busarello que, naquela ocasião, achava-se em Roma, cursando Direito Canônico. Não enviou uma resposta "sua" à minha carta, mas tomou a liberdade de apresentá-la a um especialista que temos em nossa Ordem, Frei Lázaro Iriarte Aspurz, juntamente com outros escritos meus. Frei Lázaro fez uma apreciação de minha carta e do fascículo "Síntese de uma nova proposta". Frei Moacir enviou-nos esta apreciação por escrito, indicando-nos assim toda a sua disponibilidade para nos ajudar, compreender-nos, como aliás sempre o fizera, e sempre continuou a fazer. As poucas linhas redigidas por Frei Lázaro foram muito preciosas para nós e ajudaram-nos a refletir. Infelizmente, com nossas frequentes transferências destes últimos anos, aquele texto extraviou-se dos nossos arquivos e por isso não nos é possível transcrever aqui aquelas palavras. Frei Lázaro nos animou a prosseguir em nossas buscas, viu nelas o Espírito de Deus que nos conduzia, e nos deu algumas sugestões para resolver nossos impasses. Isso aconteceu em fins de 1978. Ao citar aqui o nome de Frei Moacir, que fique registrado em nossa história este nosso reconhecimento, o nosso afeto e a nossa gratidão por este irmão que sempre nos compreendeu, acompanhou e acreditou em nós, mesmo nas horas mais incertas.

Não obstante a "segurança" e a "certeza" com que começamos os preparativos para o "parto", ao longo dos anos 1978 e 1979, a crise interna de divisão no grupo da SEARA prosseguia: não tão grave, tão aguda e perigosa como havia sido entre 1974 e 1977, mas ainda muito dolorosa para a pobre "mãe". Pesavam muito as consequências de meus erros passados. Aquele grupo de tendência "pelagiana" se desfizera porque eu os "cortara", mas o outro de

tendência "luterana" ainda se fazia presente e dividia a turma entre os que estavam do "meu lado" e os que "não estavam" do meu lado.

A crise terminou logo nos inícios de 1980. Terminou realmente e profundamente! Mas, o que sobrou? Do longo vendaval, sobrou apenas uma pequena e pobre família. Sobraram os mais humildes. Alguns deles haviam resistido comigo, lado a lado, na mesma dor, ao fogo terrível da prova, e não se escandalizaram de mim por causa de minhas fraquezas e ignorâncias; pelo contrário, sustentaram-me, ajudaram-me a refletir, mostraram meus erros, advertiram-me de minhas incongruências, numa palavra "estiveram comigo nas minhas provas". Penso que, se não fossem eles, a SEARA não existiria mais, eu não teria tido forças para seguir.

Mesmo assim, o "finzinho" da crise foi assinalado por uma última investida forte do furacão. Nesta última investida, em certo momento, em fevereiro de 1980, eu me ví com apenas três ao redor de mim. Sofri muito. Chorei amargamente. Mas era o grão de trigo que havia caído na terra e havia morrido para produzir mais. Ví naqueles três a autêntica criança que devia nascer em breve. Era a dor do parto iminente. Na verdade, porém, num segundo momento, percebi que não eram apenas três. Passada a última investida do vendaval, percebi que eram mais do que três. Eram: Maria Lacerda Marques, Maria das Graças da Silva, Helena Lemes da Silva, Pe. Salomão Soares de Oliveira, Helena Paludo, Noelí Lourdes Kolling, Valdelíria Martins de Souza, Ivone Dallabrida, Ivone Gonçalves, Lídia Novosad, Moacir Aparecido dos Santos e Angelina Alano de Souza. Alguns meses mais tarde, nasceria mais uma: Erci Maria de Oliveira. Ao partir para Roma, em novembro daquele ano, eram 12. Um número significativo!

Passada a última rajada do último vendaval, recomeçamos nossos encontros. Então tudo apareceu tão diferente, quando antes era sempre tão difícil. Eu tinha, verdadeiramente, à minha frente, naquele verdadeiro começo, uma turminha de discí-

pulos, minha pequenina família. Eles traziam aquelas características do "resto de Israel", dos "pobres de Javé". Eu havia perdido os "seguidores" capazes, intelectualizados, eficientes e faladores. Foi duro para mim a aceitação daquela perda, porque confiava neles e me apoiava neles. Os que ficaram eram menos "faladores" e "intelectualizados", mas, além de inteligentes, eram dotados de ânimo reto, simples, fervoroso, dócil e equilibrado. Eles entregavam ao Senhor as suas vidas na alegria e simplicidade de seus corações. Sobraram aqueles que não fazem "barulho", não impressionam e não "aparecem", mas são discretos e modestos por reta formação de personalidade. A criança, no seio materno, após 12 anos de gestação, estava pronta para nascer. Foram os meses decisivos de 1980 e 1981. Sim, somente agora, em verdade, a nossa luz "surgia como a aurora" porque somente agora, em verdade, "o Senhor havia curado as nossas feridas".

### RUMO AO TEXTO DA CONSTITUIÇÃO

Em setembro de 1979, constituímos a Assembleia de fundação da SEARA, isto é, constituímos aquele dispositivo mediante o qual, aos poucos, eu iria passando o governo da SEARA, até então exercido só por mim. Fizemos, para tanto, uma reunião em setembro daquele ano e, em outubro, assim comunicava eu esta decisão a todos os Arautos, com estas palavras:

*"Queridos Arautos! Desejo que todos vocês estejam passando bem, e cada qual, embora na precariedade e na pobreza da assistência espiritual que estamos vivendo, esteja lutando com tudo o que pode para viver a vida que cada qual quis dar a Cristo e ao seu Evangelho. Temos que nos empe-*

nhar por tornar as coisas simples, o mais simples possível, isto é, simplesmente temos que aceitar viver a vida que todo o mundo vive, mas animá-la por um amor ao Senhor, uma busca contínua do olhar do Senhor, de um esforço por pensar nele o mais frequentemente possível, a fim de amá-lo e ser dele, para fixar nele o nosso coração. Que cada um de nós leve a sério o programa de vida espiritual que assumiu pelo compromisso inicial. Isso é vida consagrada, isto é, em particular, a vida consagrada do Arauto na SEARA.

Nem todos vocês participaram de nossa última reunião, realizada em setembro. Por isso aqui estou para lhes comunicar uma coisa importante; naquela ocasião constituímos a Assembléia de Fundação da SEARA. Este é um passo importante. Vocês sabem que a Assembléia deverá se constituir no governo legislativo da SEARA, nossa suprema instância de deliberação. Esta é a Assembléia de Fundação, isto é, a Assembléia que terá a missão de fundar a SEARA, em sentido jurídico e definitivo.

O trabalho desta Assembléia recém-constituída é duplo: a) transformar o ante-projeto por mim elaborado em projeto e, finalmente, em Fundação; b) treinar-se, preparar-se, exercitar-se para governar a SEARA de maneira autônoma quando, logo mais, as coisas saírem de minhas mãos. O governo da SEARA deverá ser um governo fraterno, isto é, não um governo onde este ou aquele manda, mas onde "os irmãos" mandam. Para que consigamos isso, precisamos nos exercitar, aprender a governar fraternalmente a nós mesmos.

Na escolha dos membros desta Assembléia, por enquanto, ficamos apenas por aqueles dentre vocês que já fizeram pelo menos o compromisso de fraternidade. Assim sendo, declaramos que, a partir desta data (= 6 de outubro de 1979), a Assembléia de Fundação da SEARA está constituída pelos seguintes Arautos: Maria de Lourdes Souza, Helena Lemes da Silva, Maria Lacerda Marques, Maria das Graças da Silva, Pe. Salomão Soares de Oliveira, Selma Maria Schons, Angelina Alano de Souza, Tere

sinha Sandri, Helena Paludo, Lídia Novosad, Noeli Lourdes Kolling Valdelíria Martins e Maria Petel.

A vocês que compõem esta lista, a partir deste momento, conferimos o poder deliberativo sobre a SEARA, desde que "qualquer deliberação tomada seja sempre feita de maneira fraterna", a única maneira válida e legal de influir na SEARA. Mas, para que vocês exerçam este trabalho fraternalmente, apelamos para que se preparem, se exercitem, se treinem e se categorizem, aprendendo assim a prestar este tipo de serviço.

... Quanto aos demais Arautos que fizeram apenas o Compromisso Inicial, à medida em que forem crescendo, se consolidando e adquirindo experiência na SEARA, serão associados ao quadro oficial dos membros da Assembléia. Entretanto, como parte do trabalho da Assembléia consistirá em estudos e treinamentos, estes mesmos Arautos também serão convocados a fim de participarem das sessões de estudos e treinamentos. Não participarão, porém, das reuniões de deliberação".

Foi mais um passo decisivo na preparação para o "parto". Não sabíamos ainda em que momento exato chegaria a nossa "hora", mas intuíamos que tudo já se encaminhava para o seu desfecho. Um grupo de doze era constituído em Assembléia de Fundação, e esta Assembléia iria se prolongar até o dia em que efetivamente se realizasse a Fundação da SEARA.

Mas, nesta altura, este grupo de doze ainda não estava unificado e não conseguira ainda aquela unanimidade de sentimentos que o tornaria apto para ser o grupo fundador. Por isso tivemos a última rajada do vendaval da crise nos últimos dias de 1979 e primeiros de 1980. Em consequência desta última rajada de vento, aquele número de doze ficou reduzido para oito mas receberia, em 1980, mais quatro membros: Ivone Dallabrida, Ivone Gonçalves e Ercia Maria Oliveira de Siqueira.

Foi com este grupinho de 12 que começamos a

elaboração do texto da Constituição da SEARA. A partir de fevereiro de 1980 a Assembléia de Fundação, constituída por mim e por estes doze, começou a elaboração deste texto.

Até aquele momento não sabíamos que era necessário elaborar o texto de uma Constituição. Também não sabíamos que estávamos fazendo nascer um Instituto Secular, que a SEARA se configurava como um Instituto Secular. Como foi que descobrimos isso?

Mais uma vez entrou em cena a ajuda de Frei Moacir: no último ano de seus estudos em Roma, tomou a iniciativa de apresentar o nosso caso e os nossos escritos ao Pe. Jean Beyer, SJ, Professor de Direito Canônico na Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma e Decano da Faculdade de Direito Canônico daquela mesma Universidade. Em resposta à consulta de Frei Moacir, o Pe. Beyer enviou-nos um bilhete, escrito de seu próprio punho, dizendo-nos que era necessário elaborar um mínimo de normas e codificá-las no texto de uma Constituição. E deu-nos um "esquema" dos pontos que deviam ser elaborados. Estes pontos eram como que os títulos dos vários capítulos que deviam formar o texto da nossa Constituição.

Este rascunho do Pe. Beyer, trazido por Frei Moacir, foi nosso ponto de partida. Motivou-nos a conhecer os escritos do Pe. Beyer e outros sobre Institutos Seculares. Com isso o grupinho que restou da longa prova começou a se alimentar de uma doutrina jurídica e teológica já existente e que não conhecíamos. A esta doutrina jurídica e teológica já existente ajuntamos os nossos já decorridos doze anos de buscas e tateamentos, de descoberta e aprendizagem, de dor e alegria, e esta união foi um conúbio de estupenda fecundidade! Foi uma de nossas mais belas experiências e mais felizes descobertas: já tínhamos na vida o que se encontrava na doutrina dos juristas e dos teólogos; havia na Igreja uma doutrina que traçava pistas claras diante de nossas buscas tantas vezes tateadas antes. Mas não só: na doutrina já existente que

descobríamos pela primeira vez, também haviam interrogativos para os quais nós, em nossa insignificância e fraqueza, guiados pelo Espírito, já havíamos encontrado respostas. Era tão gratificante o descortinar-se destas descobertas!

Foi assim que superamos todas as nossas maneiras anteriores de fixação por escrito da proposta da SEARA e elaboramos o texto de nossa Constituição. Descobríamos claramente a nossa secularidade. Tomávamos consciência nítida de que a nossa era uma consagração secular. E, nesta clareza de consciência, assumíamos o nosso papel de Instituto Secular. A SEARA nasceria como um Instituto de Vida Consagrada Secular em sentido estrito. Sentíamos-nos ricos de tantas experiências, acumuladas ao longo daqueles doze anos e com a maravilhosa doutrina que então descobríamos pronta nos escritos do Pe. Beyer e nos Documentos do Magistério da Igreja. A hora do "parto", efetivamente, se anunciava bem próxima!

É verdade que, do ponto de vista material, a esta altura, havíamos ficado muito pobres. A partir do segundo semestre de 1976 havíamos começado a ter sérios problemas materiais: a Sra. Cléia, nossa benfeitora que mensalmente doava-nos certa quantia de dinheiro, de um momento para outro viu-se na impossibilidade de continuar nos ajudando. E começamos a roer o pequenino capital que havíamos conseguido montar, e a roê-lo sem retornos! Em 1978 fizemos uma tentativa para nos recuperar, e criamos na Sede da SEARA o Jardim da Infância "Cinderela": a experiência fracassou totalmente, prejudicando-nos mais ainda. Em 1979 fomos obrigados a alienar a Casa da Sede por preço abaixo de seu custo real. E gastamos logo o dinheiro obtido com este negócio. Tivemos que alojar nossos poucos móveis e apetrechos ora numa, ora noutra das casas dos Arautos que residiam em Ponta Grossa. Na altura de 1980 restava-nos pouco, muito pouco, além do carro - a Brasília! - que nos servia em nossas andanças, indispensável para que nos pudéssemos servir da Casa do Caminho, único lugar de que dispúnhamos para as nossas reuniões.

Como ajuda material, valeu-nos até certo ponto o uso de uma casa no bairro de Santa Felicidade, em Curitiba, que nos foi doado por Frei Ovídio Zanini, ao dissolver a Obra Social "D. Camilo", de sua fundação. Segundo a doação de uso da casa, feito por Frei Zanini, poderíamos dispor do imóvel até o dia 20 de maio de 1983. Entretanto, em 1980 a minha Província adquiriu o terreno em que estava edificada a casa, e meus Superiores não aceitaram que a SEARA nela continuasse se instalando. Assim perdemos, a partir do segundo semestre de 1981, o uso que nos fora doado até 20 de maio de 1983.

### MINHA VIAGEM A ROMA

Entretanto, no final do primeiro semestre de 1980, começou a se delinear um acontecimento decisivo: a possibilidade de eu ir a Roma. Aparentemente os motivos de minha ida a Roma eram outros: aprofundar-me e atualizar-me na matéria que por mim era lecionada no Instituto de Filosofia da Província. Com este objetivo, meus superiores garantiam-me a "licença" para viajar. Eu, porém, devia conseguir por mim mesmo os recursos financeiros para custear as despesas de viagem e de estadia em Roma. Foi o que fiz, e comecei a bater em várias portas. Não era fácil conseguir. Fiz várias tentativas e em agosto de 1980 eu recebia do Provincial Capuchinho da Província de Veneza, Itália, todo o dinheiro necessário para o pagamento das despesas.

A esta altura já havíamos elaborado uma primeira redação do texto da Constituição. Eu já tinha garantida a possibilidade de minha ida a Roma e de permanecer lá por quatro meses. Faltava-me u-

ma coisa: eu precisava que um Bispo se dispusesse a acolher e aprovar nossa proposta de vida consagrada secular com o texto de nossa Constituição; que aceitasse ser meu "pai". E fiz este pedido a quatro Bispos: D. Armando Círio, de Cascavel; D. Agostinho Sartori, de Palmas; D. Geraldo Pellanda, de Ponta Grossa e D. Honorato Piazzera, de Lages. Minha carta ia acompanhada por cópia do texto recém-elaborado de nossa Constituição.

Escrevi também aos Superiores de minha Província: pedi-lhes que me dessem um documento escrito com o qual me fosse possível apresentar-me aos Bispos e às autoridades eclesiásticas em Roma. Eu precisava também ir à Alemanha e pleitear auxílio financeiro junto à ADVENIAT, e este documento devia servir-me também para esta finalidade.

A esta altura percebia-se que, dentro de minha Província, ao menos os Superiores maiores começavam a acreditar em nós e na nossa proposta. Por isso, em resposta ao pedido que fizera, meu Provincial deu-me uma "Carta de apresentação", em nome de seu Definitório, nestes termos:

*"O Definitório Provincial, reunido hoje em Curitiba, acaba de analisar a Constituição da SEARA. Há doze anos estamos acompanhando o nascimento e o crescimento da SEARA. Vemos que agora tem estrutura suficiente, sólida base e se recomenda. Conhecemos todo o esquema de formação e concordamos que tem todos os requisitos para ser reconhecido como Instituto Secular de vida consagrada. F. Eurico, você está abençoado pelos Superiores ao se dedicar a este trabalho. Tem, além da nossa aprovação, nossa bênção e o estímulo para zelar com amor desta obra que julgamos ser de Deus. Desejo que o Espírito do Senhor sempre o acompanhe!"*

Foi um Documento importante: traduzia não apenas a necessidade de me dar respaldo diante das autoridades eclesiásticas, mas a mudança de meus Superiores em sua maneira de encarar a SEARA. Comecei a sentir apoio, admiração e o carinho deles.

Como se vê, tudo estava acontecendo conforme vínhamos prevendo desde os inícios de 1978. Já estávamos nos últimos meses de 1980, e realmente a aurora se anunciava com luzes abundantes e cheias de esperanças. Realmente "os ventos e as chuvas agora haviam terminado, e as flores apareceram e ouvimos a voz da rola em nossa terra". Encontrávamos a alegria e a serenidade depois de longas procuras e amargas derrotas.

Parti para Roma em novembro de 1980. Eu sentia que, com aquela viagem, uma grande guinada estava sendo realizada. Não sabia como, mas tinha certeza de que, voltando de lá, tudo tomaria outro rumo, e eu me entregaria com total disponibilidade de serviço unicamente ao cuidado da SEARA. Eu não iria mais tratar os meus filhos apenas com migalhas, como o fizera até então, ligado como estava com outros vínculos. Eu daria a eles do bom e do melhor, e com muita abundância. As migalhas que sobrassem, seriam dadas aos outros, se é que ao menos migalhas iriam sobrar! Tudo isso era certo dentro de mim. Pressentia que tudo teria novo começo, decisivo começo, definitivo começo!

Com a pobre mãe adolescente, tudo havia amadurecido. Sua própria situação de "ilegitimidade", em sua maternidade, estava para ser regularizada.

Parti para Roma! Aqui ficou minha pequena e pobre família, composta por 12 membros aos quais, um por um, eu os levava "concebidos" no mais íntimo de minha alma: Helena Lemes, Angelina, Maria Marques, Graça, Pe. Salomão, Helena Paludo, Ivone e Ivoninha, Lídia, Noeli, Erci, Valdelíria Martins. Ao redor deles haviam três candidatos em fase de "paquera": Valdomiro, Antônio e Moacir. Foram os que sobraram da prova, o "resto de Israel" na SEARA, os "pobres de Javé" na versão de nossa família espiritual.

Parece ridículo, mas foi isso mesmo que aconteceu. A SEARA nasceu assim: um grupo se reuniu, um grupo se acrisolou, um grupo se purificou, um grupo sofreu, um grupo pequeno se preparou, a-

cumulou muita energia espiritual. Em grupo pequenino, como pequenino era o grupo de Jesus e com o qual deu início à sua Igreja una, santa, católica e apostólica. Foi esta a pedra fundamental da SEARA. Outros estiveram com eles nos anos passados, e já citamos os seus nomes. Daqueles, alguns pelo menos, talvez ainda estivessem integrando este grupinho agora, na hora do parto, se não fossem as limitações da pobre mãe adolescente que engravidara fora do matrimônio. Em Assis, no fevereiro de 1981, eu escreveria estas palavras:

*"Estes doze anos foram os anos de nossa purificação. Ao longo dos mesmos, suavemente, mas também misteriosamente, o Senhor nos conduziu por um itinerário em que nos ensinou aquelas verdades que não se aprendem em livros nem se descobrem às voltas com raciocínios intelectuais, mas que são formadas em nosso espírito por indizível operação do Espírito do Senhor, porque só Ele verdadeiramente nos ensina, conduzindo-nos a uma verdade que é tão simples, mas que nos transcende totalmente em nossas capacidades humanas. Tivemos nosso Calvário. Fomos submetidos à prova da escuridão e da incerteza. Durante esta subida, vários de nossos companheiros de primeira hora não aguentaram continuar conosco. Terão sucumbido à tentação da incerteza, terão se decepcionado com nossas pobres limitações humanas, - especialmente as minhas! - e com a precariedade e insuficiência de nossos recursos. Mas temos a alegria de constatar bom número daqueles que, desde o começo, permaneceram comigo nas minhas enfermidades, e não se escandalizaram de mim nos momentos em que a adversidade parecia assumir o comando dos nossos destinos. Aceitaram comigo a prova da escuridão. Comigo, na mesma angústia, ergueram ao céu o próprio grito. O Senhor conhece a gratidão que sinto pelos que resistiram à prova da incerteza, como conhece o quanto sinto a ausência dos que desistiram e o quanto os compreendo verdadeiramente na sua desistência. Pudera ter sido para todos o pai forte, o irmão sábio que sempre precisara ter sido! Mas es-*

ta paternidade, infelizmente, não pôde ser improvisada e foi uma conquista lenta, palmo à palmo, construída pela graça e misericórdia do Senhor também através de acontecimentos assaz desconcertantes!"

Parti para Roma. Vivíamos intensamente aqueles momentos. A SEARA se tornara para mim verdadeiramente a minha família, pequena e pobre, mas amada, muito amada. Era, - como continua a ser - o meu mundo neste mundo, tudo o que, verdadeiramente, eu tenho neste mundo.

Chegando em roma no dia 18 de novembro de 1980, logo nos primeiros dias assim escrevi aos meus filhos:

"Vocês sabem que aqui venho num momento muito decisivo da história de minha vida e, por conseguinte, da história da SEARA, a nossa história. Será por um breve período, de três ou quatro meses, mas, neste curto espaço de tempo, estaremos jogando uma cartada decisiva. Vivo intensamente, momento por momento, os dias que estou passando e passarei aqui. Tudo, para mim, é como um colossal retiro, situação de risco e opção difícil que revira tudo. Comparado a este instante de minha vida, talvez só aquele, há 31 anos atrás, quando deixei minha família de sangue, deixei um mundo e parti para outro. Todo o meu passado e todo o meu futuro se concentram neste curto espaço de tempo. Mais que nunca preciso colocar-me nas mãos dAquele que tudo sabe, tudo dispõe, tudo governa e conduz com força e suavidade, de acordo com um plano e um desígnio misterioso. Sinto intensamente o peso da responsabilidade deste momento histórico. Tudo me leva a mergulhar em profundos e intermináveis pensamentos, apreensões, trepidações, temores e esperanças. E vocês estão no centro de tudo isso. Faço isto por vocês, meus filhos, que já vieram, e por aqueles que hão de vir. Aqui posso rezar profundamente, constantemente, veementemente. Irei aos túmulos dos mártires, prostrar-me-ei nas

**Basílicas** onde repousam os restos mortais dos Apóstolos Pedro e Paulo, irei a Assis, onde repousam os restos mortais de Francisco e Clara... ajoelhar-me-ei muitas e muitas vezes nos mesmos lugares em que eles viveram, lutaram, deram a vida a Cristo e morreram deixando as marcas indelévels de sua santidade de vida e de sua doutrina e exemplos cheios de luz e pedirei... pedirei com todas as forças de minha alma, para que ajudem no salto que estou para dar, na constituição da família que já nasceu, que são vocês, mas que, em certo sentido, ainda está para nascer.

Sei que todos vocês, com o coração na mão, com ânsia e esperança, me acompanham nesta trajetória em que o risco da fé se misturava com a alegria da esperança e também com o medo proveniente de nossas pobres limitações humanas. Rezem por mim, muito, muito, muito; rezem por todos nós, pela nova família que somos. Esforcem-se por estreitar o mais possível os laços que os une entre si no amor fraterno e busquem a intimidade com Cristo, nossa vida, nosso amor e nosso tudo, o mais intensamente possível. De agora em diante vocês são, para mim, o meu único mundo neste mundo. Não estarei mais dando a vocês apenas alguma coisa, aquilo que "sobra". Eu pertencço, de agora em diante, só a vocês, e vocês terão o tudo de mim, quando os outros só poderão valer-se do que "sobra", se é que vai sobrar alguma coisa! Sinto-me profundamente feliz com isso, e isso me liberta imensamente. Sofro demais com saudades de vocês, mas, ao mesmo tempo, sou a criatura mais feliz do mundo!"

Escrevi estas palavras no dia 21 de novembro, antes ainda que "certas coisas decisivas" acontecessem: isto mostra como eu tinha dentro de mim uma espécie de conhecimento antecipado do que iria acontecer.

E comecei, em Roma, as minhas movimentações. Aparentemente eu lá estava para ver como andava o "ensino da filosofia" nas Universidades Pontifícias. Este era o motivo "oficial". Por este motivo

recebi de meus Superiores a "obediência" a fim de viajar e estagiar na Cidade Eterna. De fato, eu procurei ver como andava o "ensino da Filosofia", atualizei-me! Mas, com este assunto, gastei no máximo uma semana de trabalho: e não haviam grandes novidades! Em algumas coisas, inclusive, lutando e sofrendo sozinho, eu havia me tornado até mais "concreto"!

### MINHAS "MOVIMENTAÇÕES" EM ROMA

Em Roma, minhas movimentações, na verdade, foram "todas" feitas em função da SEARA. Que fiz?

- Comecei por frequentar aulas do Pe. Beyer na Faculdade de Direito Canônico da Pontifícia Universidade Gregoriana. Eram lições que versavam explicitamente sobre "Institutos de Vida Consagrada" e o Pe. Beyer, que já havíamos convertido em nosso "doutor", através de seus escritos trazidos por Frei Moacir, desde os primeiros meses de 1980, não perdia a ocasião para dar ênfase à "vida consagrada secular", demonstrando seu imenso amor e interesse por esta nova forma de consagração suscitada pelo Espírito na Igreja dos nossos dias. Foram três meses de lições. Eu me deliciava com as informações, aprofundamentos e embasamentos que a cada lição iam aumentando.

E entreguei-me profundamente ao estudo da matéria. A partir das aulas do Pe. Beyer, tive acesso aos vários esquemas do Novo Código de Direito Canônico que então estava sendo elaborado, e pude adquirir toda a bibliografia existente em Roma a respeito de Institutos Seculares e Vida Consagrada em geral, e consagrada secular em especial. Li tudo, examinei tudo, avaliei tudo, confrontei tudo concentrando-me, de maneira especial, sobre to-

dos os Documentos do Magistério a respeito dos Institutos Seculares. E fazia uma verdadeira festa! Era um lauto e gostoso banquete! Minhas novas descobertas aconteciam a cada passo, e eram riquíssimas! Era incrível a experiência da coincidência das coisas: por anos e anos viemos lutando na elaboração de nossa proposta sem jamais ler um livro sobre o assunto, sem jamais consultar um autor que tratasse deste assunto, sem conhecer absolutamente nada da outrina do Magistério já formulada na "Provida Mater", no "Primo Feliciter", no "Cum Sanctíssimus" e nos Discursos de Paulo VI, sem mesmo saber que estávamos elaborando uma proposta de vida consagrada denominada "secular"; e, no entanto, as coisas que "ainda" estávamos procurando já tinham suas respostas em escritos e documentos eclesiásticos; mas, ao mesmo tempo, naqueles escritos e documentos, notávamos a presença de um certo número de interrogativos cujas respostas "ainda" estavam sendo procuradas quando nós, em nossa fraqueza, pobreza e ignorância, já as havíamos encontrado. Para nós era o encontro jubiloso e festivo de uma vida com uma doutrina e de uma doutrina com uma vida, um encontro que não era fortuito e casual, mas tinha todo o sabor de um encontro "preparado" de propósito por Alguém. Uma doutrina iluminava e esclarecia uma vida, e uma vida iluminava e esclarecia uma doutrina; uma dava respostas aos questionamentos da outra! Foi tão cheio de júbilo e gratidão este "encontro", firmando-nos na alma ainda mais profundamente aquela convicção viva de que o Senhor "nos conduzia" com sua mão misericordiosa e cuidadosa, e que realmente "pedia" de nós aquilo que desde anos vínhamos projetando, articulando, fixando em escritos, exprimindo em palavras, organizando e fazendo acontecer.

Aprofundei-me na matéria. Tornei-me dono da matéria e, com isso, foi-me possível limar e aperfeiçoar o texto da nossa Constituição que, a esta altura, ganhava muita densidade e novas perspectivas.

Outra coisa que fiz em Roma foi intensificar o diálogo com aqueles quatro Bispos aos quais antes de partir, havia enviado aquela carta, com a apresentação de meu Provincial, pedindo para que aprovassem a SEARA não apenas assumindo em relação a ela uma atitude de fato, mas dando-nos, inclusive, um documento formal de aprovação. Em Roma eu queria dialogar com a Igreja. Mas sabia que, para entrar na Sagrada Congregação, eu precisava ter o respaldo de pelo menos um Bispo. Daqueles quatro Bispos aos quais havia escrito antes de partir, minhas esperanças eram depositadas principalmente nos Bispos de Cascavel e Lages. Principalmente no Bispo de Lages: estava lá em Lages o "pai" de que eu precisava, era esta a minha convicção. E houve um fato que parecia combinar providencialmente os acontecimentos: D. Honorato também viajou para Roma e desenhou-se a possibilidade de me encontrar com ele e tratar deste assunto precisamente lá em Roma: nós entraríamos juntos na Sagrada Congregação. Por isso viajei com muita confiança: encontrar-me-ia com D. Honorato em Roma e lá acertaríamos as coisas. Mas, ao chegar, tive a primeira das decepções que iria sofrer na Cidade Eterna: D. Honorato se antecipara em seu regresso ao Brasil. Teria feito de propósito, com o objetivo de não se encontrar comigo?

Mas não desisti de continuar batendo à porta do Bispo de Lages: escrevi-lhe, no dia 28 de novembro:

*"V. Excia. já conhece o meu assunto pela carta que lhe escrevi em outubro, acompanhada pelo texto da Constituição da SEARA. Compreendo que devo estar solicitando de V. Excia. algo que não é fácil para um Bispo decidir. Faço-o, creio eu, com humildade, com temor e tremor, apoiado em minha fé, na convicção de ser levado, neste caso, por uma vocação pessoal que recebi de Deus, que Ele mesmo, ao longo destes anos, se encarregou de purificar de motivações humanas, e ainda continua a fazê-lo. Nesta obra que creio que o Espírito de*

*Deus quis fazer a partir de mim, vai toda a minha vida, minha alegria e meu sofrimento de longos anos feitos de buscas, num itinerário misterioso em que a mão de Deus virou-me e revirou-me como pobre argila. O fato é que me vejo a esta altura com uma família ao redor de mim, que tem em mim o seu pai, mas eu mesmo não tenho pai, e procuro um, na pessoa de um Bispo porque eu... não sou suficiente para fundamentar esta opção na fé, esta constituição de uma família. Creio na Igreja, na sacramentalidade de sua hierarquia, e por isso busco aquele que possui a plenitude do sacerdócio, para ligar-me a ele e assim alicerçar este trabalho ... Para ser fundamento completo desta obra que o Senhor (creio!) fez nascer de mim, eu preciso de um pai. Estou à procura deste pai. Pensei em encontrá-lo em V. Excia!"*

No mesmo dia em que coloquei no correio esta carta ao Bispo de Lages (= 28-11-1980), fui bisbilhotar lá no Vaticano; rodeei o edifício da Sagrada Congregação dos Religiosos e Institutos Seculares, e entrei como quem queria tratar de "outras coisas". Na verdade, eu tinha um nó na garganta, e queria tratar da SEARA!

### MEU ENCONTRO COM MONS. DORRONSORO

Entreí "de ratão" pelas portas do Edifício em que está instalada a Sagrada Congregação dos Religiosos e Institutos Seculares, junto à Piazza Pio XII. Sim, "de ratão"! Entreí como quem estava à procura de "outra coisa"! Entreí dizendo que estava à procura de "informações" sobre Institutos Seculares. Na verdade eu esperava apenas fazer uma "sondagem" do terreno: eu era um "espião". Fui perguntando aqui e ali. E foram-me remetendo de

porta em porta, a procura de "alguém" que pudesse responder às minhas "perguntas". E neste "bate aqui" e "bate ali", fui bater à porta do gabinete de um dos Sub-Secretários da Secção para os Institutos Seculares: Mons. Juan J. Dorrnsoro.

O Monsenhor me abriu a porta (= monsenhor, em italiano, é um Bispo). Quando Mons. Dorrnsoro me abriu a porta, tive "subitamente" uma daquelas "experiências" que sempre tenho: entre eu e aquele homem que me acolhia com um sorriso, com profunda disposição de simpatia e abertura, havia algo em comum; algo como uma sintonia; um pressentimento de que ele "adivinava" que dentro de mim havia alguma coisa que a Igreja precisava ouvir e acolher.

Sentei-me. Apresentei-me. Dissê quem eu era e o que estava procurando. Sentia-me tão à vontade. Era a primeira vez que falava com um homem que, lá na Santa Sê, trata os assuntos como um homem da Santa Sê, mas sentia-me tão à vontade. Mons. Dorrnsoro prestou-me as informações de que precisava. Na verdade eu "fingia" que precisava de informações; o que eu fazia era uma "sondagem", queria sentir a firmeza do terreno, eu era um espião. Eu estava no lugar em que estas coisas, em última instância, são avaliadas, examinadas, pesadas e decididas. Ali estavam aqueles que, na Igreja, "mandam" neste assunto. Finalmente a última palavra cabe ser dada por eles. Eu queria pelo menos "sentir" como era o ar que se respirava lá dentro, queria sentir o "cheiro" do Decastério Romano responsável pela Vida Consagrada em geral, e pelos Institutos Seculares em particular.

Mas tudo já estava marcado por Alguém, e eu não ficaria apenas uma "sondagem". Obtidas as informações de que "precisava" (!), perguntei ao Monsenhor se podia fazer o favor de me ouvir por mais alguns instantes a respeito de um "assunto" que me "doía" aqui dentro (= e apontei com o dedo na direção do peito). Mons. Dorrnsoro, de imediato, sempre com a mesma cortesia e simpatia, respondeu-me:

- Como não, Padre, fiquei inteiramente à vontade! Fale!

E eu falei: botei tudo prá fora, desabafei, derramei minha alma diante dele. E sentia que aquele homem me "compreendia", me "acolhia" e "aceitava" o que eu dizia. E foi isso o que aconteceu.

Na verdade um assunto destes só entra na Sagrada Congregação por intermédio de um Bispo que acolhe e aprova a proposta. Eu devia procurar e encontrar um Bispo, como já o estava fazendo, desde muito tempo. Tudo precisava começar a partir de um Bispo. E o Monsenhor instruiu-me, após várias perguntas, sobre como eu devia conseguir isso. Mas, ao mesmo tempo, dispôs-e a examinar a minha proposta explicitada no texto da Constituição, dar o seu parecer, corrigi-la, emendá-la etc. Eu devia entregar-lhe um texto traduzido em italiano. E o fiz. Após duas semanas entreguei-lhe o texto da nossa Constituição traduzido em língua italiana, a esta altura já bem mais atualizado em consequência dos estudos que com intensidade eu fazia em Roma.

Mons. Dorrnsoro recebeu minha papelada e pediu que eu aguardasse por algum tempo. Um Censor examinaria minha proposta e, quando o tivesse feito, eu seria chamado para conversar sobre o assunto. Fiquei satisfeito. Era no dia 10 de dezembro.

Enquanto isso eu prosseguia meus estudos, ouvindo as lições do Pe. Beyer e pesquisando escritos, "todos" os que encontrava em Roma sobre este assunto, nas livrarias e nas bibliotecas, nas monografias e nos artigos em revistas. Em meu coração havia muita esperança, mas também muita apreensão: minha proposta estava sendo examinada por homens peritos lá na Sagrada Congregação. Que diriam eles? Um Bispo precisava responder afirmativamente e aceitar ser meu "pai" e pedra fundamental da construção que o Senhor me encarregara de levar a t<sup>er</sup>mo: quem deles? Eu estava quase certo

de que D. Honorato, Bispo de Lages, responderia afirmativamente. Ele "não podia" dizer "não". Dele, eu só podia esperar um "sim"... e se passou o mês de dezembro e, com ele, o ano de 1980... e eu não recebia nenhuma resposta, nenhum comunicado, nem da Sagrada Congregação e nem dos Bispos aos quais havia escrito.

## NUVENS CÔR-DE-CHUMBO NOS CÉUS DE ROMA

Com os primeiros dias de janeiro de 1981, um nó começou a se formar e a apertar em minha garganta. Comecei a extranhar a demora de Mons. Dorrnsoro em me chamar para conversar sobre o "assunto", conforme estabelecera. Que estariam achando de minha proposta lá no Vaticano? Era inviável? Impraticável? Fora daquilo que a Igreja espera de um Instituto Secular? O texto da nossa Constituição era inaceitável? Mas em que pontos seria ele inaceitável? Por acaso não era naqueles pontos que, para nós, eram os mais importantes?

Enquanto isso eu procurava dialogar com outros homens peritos em espiritualidade franciscana. Estes homens foram dois, e prestaram-me valiosos auxílios para o enriquecimento dos aspectos franciscanos do texto da Constituição. Foram eles: Lázaro Iriarte Aspurz, do qual já falamos e que em 1978 nos enviou um pequeno pronunciamento por intermédio de Frei Moacir, e Optato Van Assen donck, ambos confrades meus que residiam no Colégio internacional em que eu estava hospedado.

Mas a comunicação de Mons. Dorrnsoro para falar sobre o "assunto", demorava, e aquele nó se formava e apertava na garganta. E foi apertando sempre mais. Um sentimento de pessimismo profundo tomava conta de minha alma e eu sofria. Passei o

Natal de 1980 em Veneza, atendendo confissões do dia 24 ao dia 26, e sofrendo. Mas meu sofrimento com aquele nó na garganta apertou duramente quando, nos primeiros dias de janeiro recebi do Bispo de Ponta Grossa a resposta à carta que lhe escrevera em outubro. Eu não esperava muito do Bispo D. Geraldo. Aliás, naquela altura, eu nem desejava mais que fosse ele o meu pai, devido às suas reiteradas recusas nos anos anteriores. Em outubro eu lhe havia enviado aquela carta, fazendo o mesmo pedido que fazia a outros três Bispos, mais por condescendência, uma vez que se tratava do Bispo da Diocese em que residia e onde residiam alguns membros da SEARA. Eu já sabia que provavelmente D. Geraldo iria me responder com a recusa de sempre, lacônica, sêca, sem qualquer vontade de diálogo. Sua carta, enviada para o Convento Bom Jesus de minha residência, em Ponta Grossa, fora redespachada por meus confrades para Roma, e eu a recebi nos primeiros dias de janeiro e, embora nada esperasse daquele Bispo, foi mais um golpe duro, que me atingiu profundamente, porque, naqueles dias, eu estava predisposto para ver as coisas com côres foscas. D. Geraldo assim me respondeu, datando sua carta de 14 de novembro de 1980:

*"Depois de considerar atentamente o Documento apresentado e pedir o parecer de pessoas capacitadas, depois de invocar as luzes de Deus e considerar a oportunidade prática e as possibilidades pessoais e as da Diocese, e considerando que já temos sob a nossa responsabilidade direta, por ordem da Santa Sé, dois Institutos Religiosos, comunicamos a V. Revma. não nos ser possível assumir mais este encargo, e por isso não podemos aprovar o Instituto SEARA e suas Constituições, e nem permiti-lo em nossa Diocese".*

Como disse acima, eu não esperava nada de D. Geraldo Pellanda, e até nem queria nada dele, porque, mais do que ele, eu mesmo, naquela altura, via a impraticabilidade da SEARA estabelecer em

Ponta Grossa a sua pedra fundamental, mas estas palavras que D. Geraldo me dirigiu machucaram-me profundamente. Elas não doíam apenas pelos sons das palavras atuais, mas também e muito mais pelo som de outras palavras que já havia recebido e, principalmente, pelas machucaduras de outros fatos ao longo da dura década de 70. Porque a pobre mãe "adolescente" e "solteira", exatamente por ser adolescente e por ter concebido fora do matrimônio, sofreu a censura de seu estado não apenas de seus "pais" e "irmãos" dentro da Província, mas também de seu "pai" dentro da Diocese. Por isso as breves e lacônicas palavras de D. Geraldo Pellanda, embora corteses, me machucaram tanto, neste exato momento em que as coisas haviam ficado demasiado tensas e sensíveis para mim. A estas palavras de D. Geraldo eu iria responder com uma carta datada do dia 20 de fevereiro de 1981, nestes termos:

*"Exmo. Sr. Bispo. Recebi aqui em roma sua resposta ao pedido que lhe havia feito a respeito da pobre e pequena família que acredito que o Senhor quis que nascesse de mim, embora eu não passe de um pobre homem, indigno e incapaz. Recorri à V. Paternidade porque estou precisando de um pai que comigo assuma a paternidade" jurídica desta obra que penso ter-se consolidado. Sei que V. Excia. fez tudo o que pôde fazer a fim de me aceitar: considerou atentamente o Documento que lhe apresentei, pediu o parecer de pessoas capacitadas, pediu as luzes de Deus e considerou a oportunidade prática e as possibilidades suas e as da Diocese. Por isso venho agradecer-lhe de todo o coração pela atenção que dispensou, pelo carinho que teve em examinar o meu pedido. Que o Senhor o recompense por tudo.*

*Foi-me dada maravilhosa chance para vir passar quatro meses aqui em Roma, exatamente para estudar e meditar neste assunto, no qual vai toda a minha vida. Fiz isso, creio, com bastante profundidade. Ouvi mestres sobre este assunto. Consultei peritos. Tive boa assessoria, inclusive na Sa-*

grada Congregação dos Religiosos e Institutos Se-  
culares, que com atenção examinaram o meu pedido  
e me deram as devidas orientações sobre correções  
e emendas a fazer. Sou imensamente grato por tudo.  
Penso que, do ponto de vista espiritual, aprisio-  
namos uma energia intensa que pede para se expan-  
dir publicamente, e do ponto de vista jurídico as  
coisas parecem estar devidamente formuladas, orga-  
nizadas e determinadas.

Mas sô isto não basta. Há uma família ao re-  
dor de mim, que tem em mim o seu pai, tende a  
crescer razoavelmente, mas eu mesmo não tenho pai.  
Procuro um, na pessoa de um Bispo. Gostaria imen-  
samente que este pai fosse V. Excia. Inclusive,  
precisaria muito que este pai fosse V. Excia. Mas,  
deixo-me levar em paz pela mão do Senhor que me  
conduz também através de sinais que eu, na minha  
fraqueza, não posso compreender.

Como V. Excia. não pode assumir comigo a pa-  
ternidade "jurídica" desta família, eu terei que  
partir para outra diocese. Assin sendo, voltando  
para o Brasil no próximo dia 15 de março, deverei  
pedir aos meus Superiores que me transfiram para  
outra Diocese. Por este motivo, com estas linhas,  
venho também me despedir de V. Excia., e pedir-  
-lhe perdão se às vezes o aborreci ou causei-lhe  
qualquer desgosto. Sei que há anos V. Excia. ter-  
-se-á aborrecido comigo. Eu jamais consegui conhe-  
cer o motivo, e sua atitude comigo foi, certamen-  
te, um dos acontecimentos mais doloridos que tive  
em minha vida. Custou-me imensamente aceitá-lo.  
Foi, para mim, um motivo de tentação que bateu  
com força às portas de minha alma, e quis derru-  
bar-me. Creio que venci, depois de receber muitos  
ferimentos, mas se isto aconteceu, foi tão somen-  
te pela misericórdia dAquele que com sua graça  
sustenta os fracos. Penso que, ao menos em pensa-  
mento, pequei contra V. Excia. Peço-lhe perdão.  
Sei que as coisas não são assim. Nenhuma pessoa  
faz as coisas por mal, em modo particular um ho-  
mem como V. Excia., cheio de zelo pelo bem da I-  
greja. Minha alma precisava desta prova.

Gostaria, porém, de consignar por escrito, dizendo que, se alguma coisa houve de minha parte que levou V. Excia. a ficar sentido comigo, terá sido única e exclusivamente por ignorância minha ou por inadvertência, e jamais por má vontade ou por uma questão de critério meu, ou princípio de conduta contrastante com a maneira correta como um sacerdote e um religioso deve se comportar na Igreja. Creio que V. Excia. pode acreditar na verdade do que estou dizendo. E que tenha em mim alguém que, sempre que puder, está disposto a ajudá-lo, a compreendê-lo, a defendê-lo e a obedecer-lhe de todo o coração. Por isso peço que me abençoe".

Quando escrevi estas palavras, lá em Poma as coisas já se haviam esclarecido plenamente, conforme direi em breve. Entretanto, conforme já disse, nos primeiros dias de janeiro eu sofria muito. A carta de D. Geraldo fôra uma gôta d'água num copo cheio. Sentia a impressão de ter sido rejeitado. Comecei a ter um pressentimento de que lá na Sagrada Congregação a minha proposta também se ria rejeitada. Era um pesadelo que me atacava.

Poucos dias depois de ter recebido a carta de D. Geraldo, recebi também a resposta de D. Honorato. Era no dia 10 de janeiro. D. Honorato não me rejeitava, mas se desculpava dizendo que não estava à altura para dar-me o apoio que pedia por razões alheias à sua vontade. Disse-me, em carta datada do dia 31 de dezembro de 1980:

"Confesso, Frei Eurico, que fiquei até confuso e preocupado com o teor de sua carta. Jamais teria esperado o que V. Revma. pensa a meu respeito. Vai muito além do que eu poderia imaginar. Nada fiz e nada tenho para merecer tal confiança de sua parte. É muita bondade e caridade sua. Li e reli suas cartas. Não cheguei a ler o texto da Constituição por absoluta falta de tempo. Pretendo fazê-lo mais tarde. Admiro seu entusiasmo e seu empenho pelo Instituto SEARA que está fundan-

*do, ou ao menos está colocando os alicerces do mesmo há vários anos. V. Revma. precisa de uma resposta minha. Sei que, talvez, vou decepcioná-lo ao dar uma resposta negativa. Contudo, tenho consciência de minha situação atual. Poderia alegar várias razões que me impedem aceitar sua bondosa proposta... Compreenda, Frei Eurico. Reze por mim que rezarei por sua obra. Deus o abençoe, e faça crescer e produzir muitos frutos!"*

Compreendi as razões de D. Honorato. Mas, a esta altura eu me senti profundamente arrasado. E pensei em agarrar-me a qualquer outro Bispo, o primeiro que me aparecesse pela frente, sem me importar quem fosse e com o lugar de sua residência. Os céus de Roma, para mim, estavam cobertos de nuvens côm-de-chumbo, nuvens baixas, espessas, escuras, que me oprimiam a alma.

Dos quatro Bispos aos quais havia recorrido, dois acabavam de responder negativamente, e os outros dois mantiveram-se calados. E Mons. Dorronso-ro não me dava nenhum sinal de vida. Pensei em agarrar-me ao primeiro Bispo que me aparecesse pela frente. É claro, tinha que ser um Bispo brasileiro. E lá em Roma sempre há Bispos brasileiros tratando seus assuntos com a Santa Sé. Eles se hospedam, ordinariamente, no Colégio Pio Brasileiro, na Via Aurélia.

Telefonei para o Colégio Pio Brasileiro. Pedi informações sobre Bispos que por ventura estivessem ali hospedados. Não havia nenhum, mas informaram-me que dentro de dois ou três dias devia chegar o Presidente da CNBB, D. Ivo Lorscheiter. Tive um sussulto dentro de mim, e disse comigo mesmo: pois é com D. Ivo que vou me agarrar! Pedi que me informassem assim que D. Ivo chegasse.

E D. Ivo chegou no dia 13 de janeiro. Ao meio dia telefonei-lhe e pedi que me desse um tempo para falar comigo. Marcou ele o horário das dezesseis horas. E na hora marcada bati à porta do quarto em que estava hospedado no Colégio Pio Brasileiro.

## SERENIDADE AZUL NOS CÉUS DE ROMA

Era a primeira vez em minha vida que me encontrava com D. Ivo. Não o conhecia e ele também não me conhecia. Ao vê-lo surgir à minha frente, tive subitamente aquela mesma "experiência" de tantas vezes, e que tivera também no encontro com Mons. Dorronsoró na Sagrada Congregação: entre eu e aquele homem - o Bispo D. Ivo - havia algo em comum; alguma coisa já nos sintonizava previamente; havia um terreno comum em que ambos, antes de qualquer acerto, já estávamos juntos. Como sempre, como doutras vezes, "tocou-me" esta "experiência", e ficou gravada ao lado das "outras". É uma "experiência" estranha: alguém "já" me entende, alguém "já sabe", já me acolhe, já diz "sim" antes ainda que eu lhe diga qualquer coisa, antes ainda de saber quem sou eu e o que estou buscando. Naquele mesmo estágio de 4 meses em Roma eu tive uma terceira destas "famosas" experiências: foi com o Pe. Jean Beyer, SJ., quando me recebeu em seu apartamento, no prédio da Pontifícia Universidade de Roma. Era a mesma sintonia, o mesmo "sentir-juntos" a mesma coisa. Naquelas três experiências eu ví três sinais do Senhor, três acenos de sua bondade, tão delicados, tão singelos, tão cheios de condescendência diante dos meus medos e a preensões.

Falei longamente com D. Ivo. Abri-me profundamente. E ele me ouviu o tempo todo com muita calma e segurança. Apresentei-lhe minha proposta no texto da Constituição. Apresentei-lhe toda uma documentação ampla como embasamento para o meu assunto. Disse, finalmente, a D. Ivo que estava à procura de um "Pai". E D. Ivo me respondeu mais ou menos assim: "Se ninguém quiser ser seu pai, fi que tranquilo que eu serei seu pai. Mas não será

preciso que se desloque até Santa Maria (= cidade sede de sua Diocese, no Rio Grande do Sul) para encontrar o pai que procura". Queria dizer: você encontrará certamente o seu pai no lugar em que melhor lhe convier! E falou-me de D. João Batista Przyklenk, Bispo de Januária (MG) que, dentro da CNBB, é o que responde pelos Institutos Seculares no Brasil. Que eu recorresse a ele, e teria dele todas as orientações e o apoio que fossem necessários. Ele mesmo, D. Ivo, iria recomendar-me a D. João Batista.

Respirei aliviado. Encontrarei meu pai, certamente, ou em D. Ivo, ou em D. João Batista, ou em algum outro que um dos dois me dariam. E escrevi a D. João Batista no dia 26 de janeiro:

*"Há doze anos começou a surgir ao redor de meu ministério um grupo de pessoas que se consagraram por voto privado e que a esta altura, depois de testar, refletir e rezar, parece ter-se consolidado. A esta pequena e pobre família, nascida de nossa alegria e de nosso sofrimento, mas também - creio! - de nosso esforço para ouvir uma voz que nos chamou, denominamos SEARA. Até hoje vivemos em "laboratório", cultivando-nos silenciosamente, numa existência privada. Cremos que o próprio Espírito nos fecundou para que nascesse esta família e que, por isso, devemos apresentá-la à hierarquia da Igreja. Tornando-se pública, pensamos que crescerá, pelo menos razoavelmente. Ao voltar de Roma, no próximo dia 15 de março, meu desejo é entregar-me totalmente ao trabalho desta fundação e formação de seus membros. Para tanto, a fim de vir à lume com este trabalho pastoral, estou à procura de um pai, na pessoa de um Bispo.*

*Pensei em buscar este pai na própria CNBB. Por isso procurei D. Ivo. Então vim saber que V. Excia. é um Bispo que, dentro da CNBB, assiste de modo particular aos Institutos Seculares do Brasil. Disse-me que ia recomendar-me à V. Excia. Escrevo-lhe para me apresentar. Juntamente com esta carta, despachei o texto da Constituição da SEARA,*

*ainda em elaboração. É uma minuta que aguarda ser corrigida, emendada, aperfeiçoada.*

*Venho bater à sua porta com esta proposta. Um grupo de almas generosas está formado ao redor de mim. Quer viver no mundo uma vida plenamente consagrada. Parece que lançamos sólidas bases. Já testamos bastante. Este grupo tem em mim o seu pai, mas eu mesmo não tenho pai. Quem sabe V. Excia. possa ser meu pai, colocando este meu trabalho sob o patrocínio da CNBB. Sinto-me um homem solto. Apresentando-me a V. Excia., apresento-me à Igreja. Ao voltar para o Brasil, poderei me deslocar a qualquer momento, e ir aonde fôr preciso. Se V. Excia. sentir que pode aceitar o meu pedido, irei até à sua casa, para que possamos conversar calmamente e rezar juntos. Todo o resto de minha vida eu desejaria entregá-la ao unicamente ao trabalho desta fundação e formação de seus membros".*

D. João Batista respondeu-me a esta carta no dia 12 de fevereiro de 1981 e disse-me, entre outras coisas:

*"Alegra-me ver como, pelo que parece, o Espírito do Senhor esteja agindo em V. Revma. e através de sua pessoa para criar algo de novo nas filiais dos Institutos Seculares, com a aprovação de seu competente Superior Religioso (= referia-se à Carta de Apresentação de meu Provincial, cuja cópia lhe enviara). Para realizar bem o seu intento, V. Revma. precisa de um Bispo benévolo que, com V. Revma., queira aceitar a paternidade jurídica do movimento que idealizou. É muito importante a escolha do lugar em que deseja lançar a semente da SEARA. A história prova que a escolha do lugar conveniente para a fundação é de suma importância. A escolha supõe o exame da situação do pessoal envolvido, da tarefa visada etc. Receio que o pobre norte de Minas (= a cidade de Januária) seja a área mais indicada para uma tal fundação".*

D. João Batista chamou a atenção para um par

ricular que até então eu não levava em conta: a escolha de um "lugar"...eu ficava mais pela escolha de um Bispo... em vez era preciso pensar mais na importância que o "lugar" de irradiação desempenha. Foi um conselho precioso. E ele "batia" perfeitamente com certas indicações que me eram dadas pelo Pe. Beyer, um pouco antes de receber a resposta de D. João Batista. E não tive dúvidas naquele momento: o "lugar" era Curitiba. Lá eu encontraria, certamente, o meu pai, na pessoa do seu atual Arcebispo, D. Pedro Fedalto. O "parto" da SEARA aconteceria na mesma cidade e Diocese em cujo território, no dia 28 de janeiro de 1969, a SEARA havia sido concebida.

Despedi-me de D. Ivo naquele dia 13 de janeiro, lá no Colégio Pio Brasileiro com a alma aliviada e em festa. Lá fora o céu não estava mais com a cor do chumbo: fizera-se sereno e límpido; já era noite e no seu azul profundo cintilavam as estrelas. Sentia-me seguro. Nenhuma comunicação havia ainda recebido de Mons. Dorrnsoro, mas sentia-me seguro. Era-me mais decisivo, num primeiro momento, o apoio de um Bispo do que as palavras de um homem dentro da própria Sagrada Congregação.

Mas veio o dia 24 de janeiro e minha festa chegaria ao auge: Mons. Dorrnsoro telefonou-me, e eu devia apresentar-me na Sagrada Congregação na terça-feira, dia 27 de janeiro, às nove horas da manhã. Meu coração bateu com muita força. Ainda sentia alguns receios. Que dirão de minha proposta? Que irei eu ouvir dos lábios daqueles que, lá no Vaticano, mandam neste assunto, mais que os próprios Bispos que poderão e queiram dar-me apoio?

E no mesmo dia 24 de janeiro recebi outro comunicado de um amigo meu da Alemanha, dizendo-me que no dia 29, às 10 horas, fora marcada na ADVENIAT uma audiência para tratar dos auxílios financeiros que eu estava solicitando. Entre aquelas duas datas, isto é, no dia 28, às 10 horas, a SEARA

estaria completando exatamente doze anos de concepção. Tudo se acumulou de um momento para outro. Eu estava no dia 24, e era sábado. Era-me possível estar em Roma para uma audiência às 9 horas do dia 27 e depois viajar para a Alemanha e estar em Essen para outra audiência no dia 29 às 10 horas? Verifiquei os horários de trens: sim, era possível! Graças a Deus!

Chegou terça feira, dia 27 de janeiro de 1981. Faltavam cinco minutos para as nove horas da manhã, e eu já estava lá na Sagrada Congregação em frente à porta de Mons. Dorrnsoro. Batí à porta. Mons. Dorrnsoro apareceu e, com um sorriso e muita simpatia me recebeu. Logo entrou no "asunto". Pediu que me sentasse e fosse lendo pronunciamento sobre a Constituição da SEARA enquanto ele ia chamar o Censor para conversarmos à viva voz. Entregou-me quatro folhas dactilografadas, texto em língua italiana. Comecei a leitura todo trêmulo, com ânsia e esperança, e logo as primeiras linhas provocaram-me uma emoção e incrível alegria tomou conta de minha alma. Eu li:

*"Não há dúvida que se trata de uma proposta séria e empenhativa que acentua de maneira muito linda: o espírito contemplativo, com forte vida de oração; um profundo senso de Igreja; marcante inspiração franciscana; sensibilidade exata do mundo (= secularidade). Esta orientação "secular" encontra nesta proposta uma das melhores expressões que já encontrei. É notável que também a promessa de obediência significa 'envolver-se na vida social (= citava o texto da Constituição) e na profissão civil na qual todo o relacionamento de submissão e qualquer ato executado não é mais um fato humano (= de empregado para empregador), mas um fato divino de filho que acolhe ao menor aceno da vontade do Pai".*

Eu não queria mais nada! A festa tomava conta da minha alma!

E Mons. Dorrnsoro chegou com um Censor, um

Carmelita. As palavras supracitadas que eu acabava de ler e as coisas que de imediato começaram ambos a dizer-me, a satisfação que manifestavam como reação do que pensavam a respeito da minha proposta deixavam-me perplexo e confuso. Eu recebia dos lábios daqueles dois homens um elogio: a nossa era uma proposta com "exata sensibilidade do mundo"; nós acertávamos muito bem na secularidade. Percebi que, segundo eles, este acertar na secularidade não é fácil. E nós havíamos acertado. E conseguíramos acertar exatamente por causa daquele nosso longo tactear no escuro, ao longo de muitos anos, sem nos inspirar e sem buscar apoios em respostas já existentes, mas unicamente a partir de nosso próprio conferir com a realidade nua e crua da vida que vivíamos. Neste ponto, estávamos apresentando à Igreja um contributo válido. E os dois não paravam de citar este ponto!

É claro, naquela proposta havia muita coisa a ser corrigida, emendada, acrescentada. Advertiram-me sobre vários aspectos que exigiam definição mais clara. E, principalmente, instruíram-me sobre como eu devia proceder daí em diante e que, em qualquer dificuldade, que recorresse a eles, pois sentiam-se interessados em proteger e apoiar esta nossa proposta.

Eu me sentia coberto com todas as bênçãos do Pai do céu! Eu estava seguro! Minha alma cantava de alegria. Delirava, até! O azul dos céus de Roma agora tornava-se plenamente sereno. À tarde peguei o trem para a Alemanha e tudo, na minha alma, era festa, muita festa!

No dia 29, às 10 horas, um dia após ao se completar 12 anos desde a concepção da SEARA, fui recebido na ADVENIAT, em Essen, e recebi promessa de ajuda financeira para custear algumas de nossas necessidades mais vitais naquele momento, sobretudo o aluguel de nossa Casa-Sede. Naquela altura eu já tinha "certeza" de que a Sede da SEARA seria instalada em Curitiba e que estava em Curitiba o Pai a quem eu procurava e que iria, certamente, assumir comigo a paternidade desta obra. Tu

do, dentro de mim, já estava decidido: eu voltaria em março, dirigir-me-ia aos Bispos de Curitiba e pediria para que aprovassem a SEARA e assumissem comigo a paternidade jurídica de minha pobre e pequena família; os Bispos de Curitiba, sem mais, diriam "sim" e instalaríamos em Curitiba a nossa Sede e eu iria morar naquela Sede, depois de negociar o assunto com os Superiores de minha Província que não iriam negar o que eu pedia! Eu tinha tanta certeza de que tudo isso iria acontecer, como de fato aconteceu ao pé da lêtra, timtim por timtim, com a mais absoluta precisão!

Fiquei alguns dias na Alemanha, repousando em Heessen, na Casa da Irmã Marilda Deckers, minha mãe, minha irmã e minha filha espiritual, que desde 1969 sempre me acompanhou com o apoio que lhe era dado dar. De volta a Roma, passei por Lissieux, aonde fiquei três dias em oração, e depois por Lourdes, aonde passei um dia. Chegando em Roma, encontrei-me com o Pe. Beyer para ouvir o seu parecer a respeito de minha proposta. Ao acolher-me, senti que Pe. Beyer estava "vitorioso". Estava radiante. E percebi logo o seu motivo: estava satisfeito pela maneira como nós conseguíamos articular uma proposta de vida plenamente consagrada e plenamente secular. Deu-me por escrito um pronunciamento rápido. Disse:

*"Caro padre, li com atenção a Constituição da SEARA... e também com grande alegria. O espírito é plenamente secular; as estruturas são plenamente seculares. Dessa forma existe grande unidade de vida neste conjunto. algumas coisas podem ser aperfeiçoadas... são poucas! Estou sempre ao seu dispor. Este Instituto deve ser criado só por esta razão: a sua sincera e plena secularidade. Esta, até hoje, é bem rara".*

Eram palavras de ouro, escritas por uma grande autoridade neste assunto. E, por falar em "palavras de ouro", aproveito aqui para transcrever outro parecer sobre a nossa Constituição escrito por outro homem que, em meados de 1980, leu o pri

meiro esboço do nosso texto; este homem foi Frei Inácio Larrañaga, meu confrade ao qual fui visitar em Itaicí (SP), durante um retiro que pregava. Frei Inácio leu e releu demoradamente o nosso esboço e enviou-nos o seguinte pronunciamento:

*"Querido Frei Eurico, graça e paz! Demorei bastante em te escrever, porque desejei fazer uma coisa bem pensada. Esperei amadurecer um julgamento para fazer uma avaliação a mais objetiva possível. Li várias vezes o Documento (= Constituição), e muito lentamente. Tenho a impressão de que se trata de uma coisa sólida, vertebrada e ao mesmo tempo nova ou diferenciada em muitos aspectos. O Documento é muito franciscano. Embora você não cite muitas vezes São Francisco, todo o projeto parece ser uma nova encarnação da vida primitiva dos franciscanos.*

*Chama-me a atenção - e acho isto muito positivo! - que em lugar de obediência, você fale em fraternidade: positivo! O fato de que você insista do princípio ao fim, sobre profunda vida com Deus, inclusive com caráter contemplativo, dá ao projeto muito segurança e densidade. O Documento, repito, é extraordinariamente orgânico, coerente e vertebrado tanto teológica como pragmaticamente. Impressiona muito positivamente a insistência permanente do fator fraterno: é a grande melodia que ocorre e sustenta todo o texto.*

*Positivo que não se tenha atividade específica de apostolado! Em suma, é a versão moderna do franciscanismo primitivo. Chama a atenção a insistência e a prolongação do noviciado do Arauto. Você precisa tomar cuidado contra a tentação do número: para viver a vida da SEARA, o candidato deve ter qualidades especiais: generosidade, idealismo, equilíbrio, sensibilidade congênita por Deus. Sempre o recordo com amor e carinho. Frei Inácio."*

## FINALMENTE, TUDO PRONTO PARA O PARTO!

Fiz, em inícios de fevereiro de 1981, seguindo agora as instruções que recebera do Pe. Beyer e de Mons. Dorronsoro, uma nova redação do texto da nossa Constituição. Foi a redação definitiva, o texto que trazia aquela SEARA que efetivamente devia nascer e que estava pronta para o parto. Foi o texto que apresentamos ao Arcebispo de Curitiba. Foi o texto que publicamos no final do ano e que, na Assembléia Conclusiva de Fundação, em dezembro, recebeu a assinatura de todos os membros do grupo fundador reunido.

Redigi também uma longa carta de apresentação deste texto definitivo aos meus filhos, isto é, aos Arautos. Esta carta trouxe um título: "Nossa Carta de Aliança com o Senhor". Tudo pronto, fui a Assis. Fiquei lá por alguns dias. E, no dia 27 de fevereiro, na Igrejinha de São Damião, assinei diante do altar a Carta de Apresentação e o Texto da Constituição da SEARA. Escrevi na Carta de Apresentação:

*"Nossa Constituição está pronta. Eu a apresento a vocês, queridos Arautos, com estas palavras, que intitulei como "Palavras aos Arautos". Talvez ficasse melhor se eu escrevesse "Palavras aos meus irmãos", ou, mais exatamente, "Palavras aos meus filhos", porque sinto finalmente que esta expressão se tornou verdadeira. Vocês nasceram do meu espírito, e no espírito de cada um de vocês eu começo a discernir os traços de minha própria fisionomia, muito mais belos do que em mim se podem verificar. E a apresento nesta data em que estou em Assis (Itália), aonde vim propositalmente para apor minha assinatura a estas palavras no lugar em que repousam os restos mortais de São Francisco e Santa Clara. Depois de*

*permanecer em silêncio e oração, eu firmo o que escrevi, diante das relíquias preciosíssimas daquele Seráfico Patriarca e sua Plantinha predileta, a quem consideramos como os verdadeiros fundadores desta família que nasce conosco, porque também nós nascemos de seu maravilhoso espírito, tendo ido a Eles não como quem foi a um Arquivo, mas como quem bebeu numa fonte capaz de suscitar sempre novas modalidades de acesso às riquezas inexgotáveis do Evangelho. Estas modalidades, não obstante serem novas, continuam sendo a modalidade "deles". Ontem como hoje, o acesso à verdade que Eles descobriram se torna possível exatamente porque somos levados a encontrar "de novo" aquilo que Eles procuraram".*

Tudo estava pronto para o parto e eu, antes de regressar ao Brasil, tive a graça de fazer uma peregrinação à Terra Santa. Isso aconteceu nos primeiros onze dias de março e no dia 14 de março eu já estava de novo com minha pobre e pequena família que me aguardava no aeroporto de Curitiba. Eles já sabiam de tudo porque eu, lá de longe, já os informara de tudo. Já tinham em mãos o texto da Constituição com seus retoques definitivos e a Carta de Apresentação, porque tudo já lhes havia enviado de Assis, logo após a assinatura na Igreja de São Damião.

Eu também já vinha pronto para me apresentar ao Arcebispo de Curitiba e seus Bispos Auxiliares. Apresentei-me a eles logo nos primeiros dias em que chegara em casa. Falei pessoalmente com D. Albano, D. Ladislau e D. Pedro. No final da conversa com D. Pedro, o Arcebispo, e ao pedir-lhe que não recusasse, de forma alguma, a este meu pedido, chorei.

E enquanto fiquei aguardando a resposta dos Bispos de Curitiba, coloquei minha "turminha" ao par da decisão que havia tomado, resolutamente: de agora em diante em me dedicaria com o tudo e o melhor de mim mesmo tão somente à SEARA e a todas as pessoas chamadas pelo Senhor à vida consagrada

secular; negociaria isso com os superiores religiosos de minha Província; não sabia de que forma iriam eles conceder-me esta graça, mas sabia que haveria de consegui-lo a qualquer preço, ainda que fosse através de um recurso à Igreja para me desligar da Ordem Religiosa da qual sou membro. Eu não tinha mais nenhuma dúvida, e também não tinha mais nem um pingo de medo. E todos concordavam comigo. Cuidariam de mim, de minha própria subsistência material. Passaríamos privações, quem sabe até humilhações, mas nada mais importava.

Meu desejo era o de chegar em casa e imediatamente recorrer ao meu Provincial com este pedido, mas, ao voltar, o mesmo estava ausente e se achava em Roma: eu vim e ele foi. Tive que esperar até junho. Enquanto isso, as minhas relações com os confrades de minha residência, especialmente seus dirigentes, eram estranhas. Sentia-me, mais que nunca, marginalizado. No meio deles o meu, era um assunto "proibido".

Eu sofria com isso, havia um frio ao redor de mim, mas nada mais me abalava. O Senhor me venceu, o meu orgulho havia desmoronado, ou pelo menos desmoronara muito. E eu até nem tinha mais condições para me sentir magoado e ofendido. Havia recebido muitas graças, e isto impedia que me sentisse magoado ou ofendido. Não me era possível guardar mágoas. Fizera-me incapaz de me magoar. O Senhor me amava, e me dava seu apoio, e por isso eu podia compreender e perdoar, fosse lá o que fosse.

No dia 20 de abril (= 1981) era Sábado Santo e recebi a carta do Bispo Auxiliar de Curitiba, D. Ladislau, carta escrita também em nome do Arcebispo, D. Pedro, e do outro Auxiliar, D. Albano, escrita no dia 15, e dizia:

*"No encontro quinzenal dos três Bispos, analisamos o seu pedido para que a Arquidiocese de Curitiba acolha o seu Instituto Secular de Vida consagrada, a SEARA. O seu pedido foi estudado*

*com muita simpatia e visto como um apelo do Senhor para enriquecer a Igreja que está em Curitiba, de modo particular. Os Bispos de Curitiba, acolhem com alegria esta nova forma de vida consagrada e concordam que sua Sede seja instalada nesta Arquidiocese, conforme as razões expostas. Ao mesmo tempo, a pedido do Sr. Arcebispo e de D. Albano, fui designado para acompanhar esta nova obra, que cremos ser da vontade de Deus. Portanto, ponho-me ao seu dispor, no que lhe puder ser útil".*

Eu havia conseguido o meu "Pai". A SEARA, como edifício, casa e morada santa, acabava de ser alicerçada sobre a "rocha". O Senhor sabe o quanto esta notícia nos enchia de um júbilo repassado da mais viva gratidão. Era, para mim, um imenso triunfo. Mas foi tão dura, naquele dia, no momento em que no Convento Bom Jesus se soube desta notícia, a reação que senti em alguns dos meus confrades, e mais precisamente naqueles que, naquela época, eram os responsáveis pela casa. Entre nós, naquela como em outras casas, qualquer acontecimento é festejado, comemorado de alguma forma, geralmente à mesa, ao menos com algumas palavras de congratulações. O assunto é, pelo menos, lembrado e anunciado: aconteceu algo! A aprovação eclesiástica da SEARA, o resultado final de minhas longas buscas, de doze anos de alegrias e sofrimentos, não foi comemorado por meus confrades. O que eu ví no rosto deles, ou de algum deles, foi antes uma reação de desgosto. Aquela notícia não os deixou felizes: afinal eu não passava de uma "mãe solteira", e "concebera fora do matrimônio" legítimo. Uma mãe solteira não pode ser festejada por seus pais e irmãos quando nasce o seu bebê: ela, afinal, se tornou a "vergonha" de sua família, e aquele bebê recém-nascido é exatamente o selo que sela esta "vergonha". Por isso ninguém disse nada. Não se anunciou nada. Não se comemorou nada. Eles não podiam "alegrar-se" comigo!

## O ACERTO COM MINHA "CASA PATERNA"

Esperei até fins de maio para tratar do meu assunto com meus Superiores provinciais. Eu precisava me entregar com total disponibilidade ao cuidado da nova família que estava nascendo; eu precisava, inclusive, ir residir com eles; eu devia ficar perto deles, também fisicamente, e viver do jeito que eles viviam. E isto atingia a obrigação grave que um religioso tem de viver em comum com os seus confrades: morar nas casas em que moram os seus confrades, ter com eles as mesmas coisas e não fazer outra coisa a não ser as coisas assumidas pelo seu grupo religioso, do seu grupo religioso, sob a responsabilidade do seu grupo religioso.

Primeiro fui falar pessoalmente com o meu Provincial. Expus-lhe à viva voz o meu assunto. Sei que ele não gostou. Talvez lhe tenha sido duro ouvir de mim aquilo, mais do que eu o tenha imaginado. Mas eu não podia fazer de outra forma. Eu já tinha partido para Roma com esta convicção: ao voltar "não mais tratarei a vocês (= disse eu aos Arautos) com migalhas, conforme fui obrigado a fazer até agora, mas vocês terão o tudo de mim, do bom e do melhor, e as migalhas ficarão para os outros, se é que até migalhas irão sobrar". E lá em Roma tudo se esclareceu e se consolidou. Senti clara a voz do Senhor. Eu falei ao meu Superior Provincial apoiado na graça deste chamado. Sei que ele sentiu o que eu disse. Ele, Frei Adelino Frigo, de qualquer forma, sempre foi um homem que, entre todos os meus confrades, mais me compreendeu e colaborou comigo, fazendo o que era possível, tanto quanto fosse possível. Por isso também me doía causar-lhe aquele desgosto. Mas era o preço de uma ruptura que decorre de um chamado. Eu também não podia fazer de outra forma. Disse-me

poucas palavras. O que eu pedia era um assunto ao qual não podia responder sem primeiro ouvir o parecer de seu Definitório e ter dele o voto deliberativo. Ora, seu Definitório só se reuniria com ele em fins de junho. Até lá era necessário que eu ficasse aonde estava, sem qualquer mudança. E fi quei. Enquanto isso preparei por escrito a minha petição e encaminhei a ele e aos seus quatro Definidores, datando-a do dia 6 de junho de 1981:

*"Dirijo-me a V. Revmas. com este escrito importunando-os com meu assunto de sempre: a SEARA! Por este motivo o meu primeiro impulso é o de pedir-lhes que me perdoem por mais este tempo que os induzo a gastar comigo. Entretanto, rogo-lhes, agora mais que nunca, para que tenham a caridade e a paciência de OUVIR o que tenho para dizer e, tanto quanto possível, ATENDER ao pedido que venho fazer.*

*Venho solicitar que me seja concedido entre-  
gar-me com mais disponibilidade de serviço ao novo Instituto de Vida Consagrada que Deus - creio! - suscitou por meu intermédio, e que a competente autoridade da Igreja acaba de acolher, endossar e aprovar. Em relação a esta nova família que nasce de um Dom do Espírito, eu contraí um vínculo de paternidade e responsabilidade do qual não posso me subtrair sem me tornar infiel a um apelo divino que, para mim, a esta altura, se tornou certo e seguro. Este novo Instituto precisa de mim para que sua fundação seja completada e consolidada, e seus membros sejam devidamente formados para a vida consagrada secular. A dedicação ao mesmo tornou-se um trabalho que exige de mim uma entrega que não deixa sobras de espaços em minha disponibilidade para outros serviços. Exige também que eu conviva ordinariamente com os membros do novo Instituto, residindo com eles. Não posso continuar a tratá-los com "migalhas": diante de Deus e de minha consciência sinto-me no dever de dar a esta fundação e à formação de seus membros o TUDO e o MELHOR de mim mesmo! É impossível que eu não faça isso..., inclusive que não comece a fazê-lo o quanto antes.*

Para fazer isso, suplico que a Ordem e a Igreja, por intermédio de V. Revmas., me concedam uma SOLUÇÃO LEGAL. Que esta solução legal seja aquela que a mesma Ordem e Igreja, por intermédio de V. Revmas., julgarem a mais oportuna segundo Deus e o verdadeiro bem das almas:

a) aceito que seja uma LICENÇA especial, dentro das condições que pudermos negociar, ressalvados os interesses da Província e o proveito espiritual dos membros do novo Instituto;

b) se essa não fôr possível, aceito que seja uma EXCLAUSTRAÇÃO pelo tempo que fôr conveniente ou necessário conforme as normas que, neste caso, estiverem em vigor na Igreja e na Ordem;

c) e se mesmo essa solução não fôr aceitável, por quaisquer motivos, aceito, inclusive, que seja uma SEPARAÇÃO da Ordem, sendo-me permitido, neste caso, passar a ser membro do Instituto que nasceu de mim.

Declaro que, antes de formular esta súplica, percorri longo e doloroso itinerário de procura, feita de muita meditação, oração, purificação de minha alma e aconselhamento com diversas pessoas prudentes, competentes e neutras. Declaro também que, seja lá qual fôr a solução legal que a Igreja e a Ordem, por intermédio de V. Revmas., quiserem conceder-me, estou disponível para garantir, em favor da Província, duas coisas:

a) prosseguir lecionando em nosso Instituto, com uma condição: só posso fazê-lo em cursos intensivos, ou lecionando em uma semana-sim e uma semana-não. Neste segundo caso disponho-me a lecionar em horário duplo, perfazendo o mesmo número de lições;

b) ficar numa Casa de Oração ao longo de quatro meses ao ano (= julho, dezembro, janeiro e fevereiro). Esta é uma exigência espiritual da assistência que desejo prestar aos membros do novo Instituto, mas este trabalho é de tal natureza que me permite ficar disponível também aos confrades

des que quiserem frequentar esta Casa e fazer experiência de oração. Estou preparado e equipado para prestar este tipo de serviço. De minha parte, a não ser que intervenha alguma dificuldade impedi-diente, tudo está pronto para começar a partir do próximo mês de dezembro. Aceito que outros confrades venham formar fraternidade comigo nesta Casa de Oração.

Se V. Revmas. não puderem definir ou decidir de imediato qual a solução legal que me convém conceder, peço que, provisoriamente, a partir do próximo mês de julho, eu possa deixar a fraternida-de do Bom Jesus Em Ponta Grossa e passar a resi-dir na SEDE da SEARA em Curitiba, ficando com a obrigação de voltar a Ponta Grossa apenas para le-cionar, e ficar aí apenas o tempo estritamente ne-cessário para ministrar as aulas que me forem con-fiadas. Permitam-me insistir, dizendo que preciso fazer isso sem falta, a partir do mês de julho.

Se por acaso a Igreja e a Ordem, por intermê-dio de V. Revmas., julgarem que a única solução viável para mim é SEPARAR-ME da Ordem, ou mesmo excluir-me por algum tempo, declaro que o úni-co motivo para fazer isso, da minha parte, é o a-pêlo claro que sinto de Deus em favor do novo Ins-tituto. Se eu tiver que deixar a minha Ordem reli-giosa e a minha Província, o que eu faço, da mi-nha parte, outra coisa não é senão deixar a "casa de meu pai e da minha mãe" para me unir à "minha esposa". A Ordem e a Província, da minha parte, continuam sendo sempre a minha "casa paterna" da qual, em certo sentido, jamais me seja dado sepa-rar-me.

Concluo dizendo que firmo esta súplica dian-te de Deus e minha consciência, ratificando com juramento, se fôr preciso, a razão aduzida. Peço perdão aos meus irmãos pelos aborrecimentos que lhes causei em consequência de meu envolvimento nesta obra. Creiam que as faltas por mim cometi-das em razão deste envolvimento foram quase sem-pre devidas à minha fraqueza, ignorância, limita-ções próprias de um determinado tipo de tempera-

mento, e quase nunca por má vontade ou intensão não reta. Peço que me abençoem!"

O Provincial e seu Definitório examinaram esta minha súplica no dia 30 de junho. Mas já no dia 24 um de seus Definidores me escrevia assim:

"Caríssimo Eurico, eu tentando perfeitamente sua situação existencial dentro da Província, e acho que você está agindo segundo as exigências do Espírito. Não sei qual será a solução do Definitório. Você sabe que Deus é comunidade, e que as nossas decisões são e devem ser comunitárias. Todavia, desde já você pode contar com a minha compreensão e o meu apoio. Acho não ser necessário que você se desligue da Província, com soluções "legais", nem "licenças", nem "exclacões", e muito menos com "separação" da Ordem. Eu acho que você pode ser liberado para cultivar o seu carisma, como membro de nossa Província. Não são muitos os "ministérios" que os frades da Província estão exercendo? Por que não o seu? O meu conselho é que você seja fiel ao Espírito e fiel à sua vocação capuchinha. Espero que os superiores encontrem uma solução para o melhor. Eu, pessoalmente, acho que você deve permanecer e ser um dos "nossos" e "cultivar o seu carisma", e "ser liberado" para isso. A sua presença é uma presença "qualificante", por isso acho-a tão necessária à nossa Província e aos nossos jovens. Escrevi-lhe para que você saiba o que eu, pessoalmente, penso".

Recebi à viva voz do meu Provincial o Comunicado "oficial", dado em nome de seu Definitório, de que me era facultado transferir-me para Curitiba nos primeiros dias do mês de julho, tão logo terminassem meus compromissos com o magistério em Ponta Grossa.

No dia 2 de julho transferi-me para Curitiba. Fui morar na SEDE da SEARA, à Rua Giacomino Mylla, no Bairro Bom Retiro. No dia 5 de julho o Provincial veio ao meu encontro, e me deu por escri-

to a resposta à minha súplica. Entregou-me duas cartas, datadas do mesmo dia 5 de julho. Na primeira dizia-me lacônicamente:

*"Estimado Frei, em resposta à sua carta de 6 de junho de 1981, o Definitório Provincial, reunido em Curitiba nos dias 29 e 30 de junho, liberou você para atender à formação espiritual da SEARA e para ministrar retiros e cursos franciscanos, cuja demanda é hoje tão grande. Juridicamente você fica ligado à Fraternidade de Butiatuba".*

Na outra carta dava-me uma série de preceitos: coisas às quais eu devia obedecer em minha situação de excessão, como religioso que reside fora de sua "casa religiosa":

*"Conforme orientações do Rescrito Pontifício "cum admotae" que regula a "absentia a domo religiosa" (= ausência da casa religiosa), indico-lhe o seguinte:*

1. *Você permanece ligado à Província "cum omnibus juribus et obligationibus" (= com todos os direitos e deveres);*

2. *O Provincial continua com todas as suas obrigações com o religioso que é você;*

3. *Você está inscrito juridicamente à Fraternidade de Butiatuba;*

4. *Deverã informar-se das reuniões daquela Fraternidade e participar das mesmas, quando houver;*

5. *Você deverã marcar presença física em todas as reuniões de Setores, no Retiro anual da Província, no Curso de Formação Permanente da Província, nas Assembléias a que fôr convocado;*

6. *Você deverã ser solítico em atender aos pedidos do Provincial quando fôr solicitado para Cursos, Retiros, Encontros, sobretudo com os nossos formandos;*

7. *Você não deverã administrar os bens da*

SEARA; estes devem ser administrados por Diretoria ou entidade própria. Caso queira administrar os bens da SEARA deverá entrar em negociação com o Superior Provincial que designará nosso Ecônomo Provincial ou outra pessoa para acompanhar tal contabilidade;

8. Você poderá administrar dinheiro para o uso pessoal de gastos comuns, como viagens, livros, roupas, saúde, manutenção;

9. Pessoalmente você não poderá contrair dívidas ou contratar empréstimos. Qualquer necessidade neste setor deverá ser satisfeita pelo órgão competente. Nota: não é preciso que você tenha um quarto na casa de Butiatuba, pois sua residência fica suficientemente perto".

Foi esta a "solução legal" que me foi concedida. Servia-me, mas deixava oculta em suas dobras alguma coisa, algo como uma "reticência", um "vazio", uma "ausência". Tive a impressão de que, diante da minha súplica, viram-se na alternativa de ter que escolher entre dois males: e como eram homens sensatos, escolheram o "mal menor". Mas, na verdade, tratava-se de um "mal"; lamentavelmente, o que se fez, foi escolher um "mal"; escolheram o "menor", certamente, mas tiveram que escolher um "mal". Quem sabe, que atraz disso ficava uma sensação de alívio, mas também ficava uma "amargura", uma "decepção" e um "desencanto". E eu continuei sofrendo, embora "feliz".

No final daquele ano (1981), houve Capítulo Provincial e troca de governo na Província. O mesmo Provincial foi re-eleito. Fui chamado perante o Definitório: quiseram saber de mim o que pedia eu para o meu caso: pedi que, se fosse possível, continuasse a valer a mesma solução que me havia sido dada. E continuou a valer.

Ao formular minha súplica, eu me dispunha continuar prestando serviços de magistério em Ponta Grossa, inclusive com particular situação de sãcrifícios. Mas os dirigentes da Casa de Estudos, ao tomar conhecimento das negociações que estavam

sendo realizadas com os Superiores da Província a pressaram-se em declarar que não era preciso preocupar-me com aulas. "Eu tinha nas mãos - diziam - a faca e o queijo": que me entregasse tranquilamente aos cuidados da SEARA, que me sentisse livre para a minha missão!

Na verdade, porém, minha presença em meio aos estudantes da Província se tornara um perigo. Eu era um incendiário. E, a esta altura, eu não estava mais disposto a calar-me. Em fins de 1978 recebi de meu Provincial, ordem expressa de "calar a boca": eu não podia falar em SEARA, principalmente diante dos estudantes de Ponta Grossa, no ambiente do Convento Bom Jesus. E calei-me. Era difícil: um professor não pode tratar de sua matéria, seja lá qual fôr, e não falar de "sua" experiência. Calei-me. Fiquei sem falar de minha "experiência. Agora, porém, após meu estágio em Roma, eu não estava mais disposto a calar-me: há na Igreja um caminho e uma vocação (= a vida consagrada secular) que todos os batizados, especialmente os jovens, têm direito de conhecer, e o Senhor me chamou para servir à Igreja dando a conhecer este caminho e formando pessoas chamadas a viver o carisma desta vocação. Ora, o conhecimento deste caminho, de maneira mais ou menos surda e velada, era tido como um "perigo" para os formandos da Província.

Por isso os dirigentes da Casa de Estudos, diante do meu pedido, aproveitaram a ocasião para se desfazer de mim por completo. Assim o perigo de "contágio" estaria afastado. Eu conhecia a "manobra". No fundo, porém, gostei que tenham pensado e agido assim. Estava disposto a me sacrificar com aulas no Instituto, mas sabia que, em minha dedicação à SEARA, dificilmente poderiam sobrar espaços em minha disponibilidade para outros serviços.

## HAVÍAMOS FICADO POBRES, MUITO POBRES!

Transferindo-me para Curitiba e passando a residir com os "meus filhos" na Sede Oficial da SEARA, estabelecíamos, em certo sentido, um novo começo. Realizava-se o que me propusera fazer havia já algum tempo: dar aos "meus filhos" o tudo e o melhor de mim mesmo. Eu havia dito e escrito que não aceitaria mais tratá-los com "migalhas". Agora, finalmente, cumpria-se o que havia proposto cumprir. Eu não estava mais "dividido" entre tarefas e incumbências opostas, difíceis de ser harmonizadas no seu desempenho. Eu era só da SEARA e me entregava "inteiro" à minha pobre e pequena família.

A esta altura, porém, do ponto de vista material, chegáramos à estaca-zero. Havíamos ficado pobres, muito pobres! Praticamente estávamos sem nada. O pequenino patrimônio que nos fôra dado montar em Ponta Grossa durante os anos da "gestação", a partir de 1977 começou a ser devorado impiedosamente, até não sobrar mais nada no momento de minha transferência para Curitiba. Naqueles dias tivemos que alienar o único bem de certo valor, o "volks Brasília", a fim de pagar algumas dívidas que sobravam. E ficamos praticamente sem nada. Sentíamos duramente aquela situação. Para mim, era uma realidade que, muitas vezes, sufocava e angustiava.

Havíamos alugado dois apartamentos à Rua Gia como Mylla, no Edifício Acaraí. O contrato de aluguel fora firmado no dia 18 de maio de 1981 porque contávamos com a promessa de ajuda da ADVENI-AT. Nossa única segurança e nosso único apoio era esta promessa de ajuda. A promessa dos nossos irmãos alemães devia cumprir-se, mas nós não tínhamos certeza, porque jamais havíamos recebido algu

ma ajuda deles. E assim passamos os primeiros quatro meses sem pagar o aluguel, e enquanto isso a ajuda prometida não vinha. Só veio em outubro. Era tão dura aquela realidade! E se aquela ajuda não viesse?

Finalmente recebemos o que nos fôra prometido, um pouco em outubro e outro pouco em dezembro. Ficamos tranquilos com o aluguel de um ano, e nos foi possível custear as despesas de impressão de material didático necessário à formação dos Aраutos. Foi este o nosso novo começo, do ponto de vista material. Mais tarde a ADVENIAT enviou-nos outras remessas em dinheiro as quais, finalmente, serviram para que construíssemos uma nova estabilidade, com a possibilidade de poder agora conduzir a nossa obra apoiados em nossos próprios esforços.

Tudo, porém, o que havíamos conseguido em Ponta Grossa só serviu para a etapa de "gestação" em Ponta Grossa. Gastamos tudo lá, e o que não gastamos, tivemos que perder. Sim, também fomos obrigados a perder parte daquilo que foram resultado de nossos pobres suores. Refiro-me principalmente à Casa do Caminho, que devia ter-se transformado na Casa de Oração da SEARA, o centro espiritual irradiador da SEARA. Perdemos a Casa do Caminho, construída em parte com o dinheiro da Sra. Cléia Baptista Campos Mello e em parte com algum "dinheirinho" nosso e, principalmente, com nossa mão-de-obra, com o suor do nosso rosto e com os calos de nossas mãos. Foi tão duro perder a Casa do Caminho! Era um lugar privilegiado para Retiros. Tentamos o que nos era possível tentar a fim de salvar o que havíamos construído. A propriedade não era nossa, mas nós a havíamos construído. Foi tão duro! Tentamos o que foi possível, mas não o conseguimos. Por que?

Porque mais uma vez satanaz entrou no meio e, finalmente, conseguiu tirar-nos o que havíamos sonhado para os nossos objetivos, e principalmente para a nossa Casa de Oração. Não foi a Sra. Cléia, a proprietária da terra e finalmente, da

Casa, que nos expulsou; pelo contrário, na sua bondade e admiração para conosco, seu desejo era que ficássemos lá indefinidamente; a propriedade não era nossa, mas podíamos dispôr dela à vontade, embora não pudéssemos dispor da Casa unicamente como "nossa" Casa de Oração, e outras pessoas também tivessem acesso ao uso da mesma.

... Em Curitiba, portanto, tivemos que começar tudo de novo do ponto de vista material, e abandonamo-nos nas mãos do Pai que cuida de nós. E, embora não tendo nada, jamais nos faltou alguma coisa. Sim, o Pai cuidou de nós! Os membros de nossa família não mediram esforços para assumir os sacrifícios de nossas despesas comuns e as ajudas dos nossos irmãos da Alemanha resolveram os impasses de maior vulto.

### E FINALMENTE, NASCEU A SEARA!

E preparamos a "sala e a mesa do parto", isto é, escolhemos a data em que a SEARA seria fundada oficialmente: escolhemos o dia de nascimento daquela nova vida que fôra concebida no dia 28 de janeiro de 1969: seria o dia 8 de dezembro de 1981. E, a partir de julho, começamos os preparativos para a Assembléia de Fundação, ou melhor, para a conclusão da Assembléia de Fundação que já estava instalada desde o mês de setembro de 1979. Em 1981 o pequeno grupo dos 12 que sobraram da longa purificação começou a crescer. A aprovação eclesiástica trouxera-nos repentina fecundidade.

Enquanto se encaminhavam os preparativos para a conclusão da Assembléia de Fundação, meus escritos fundamentais sobre a SEARA eram retocados e impressos: às vésperas da Assembléia, nos primeiros dias de dezembro, estavam prontos: a Constituição da SEARA, o Manifesto Espiritual, o Dire-

tório Espiritual, e mais dois escritos sobre a proposta da SEARA aos Padres e às Pessoas Casadas: Consagração Nova e Especial para Sacerdotes, e Consagração em Sentido Amplo para Pessoas Casadas.

Ficaram prontos também, nas vésperas da Assembléia, os subsídios para aquilo que denominamos "Oração Secular", mediante fascículos semanais intitulados: "Eu devorei tuas Palavras". Começamos a nos servir deste nosso método de oração com o 1º Domingo do Advento daquele ano. Foi como o "leite materno" com que alimentamos o bebê que nascia: um leite integrado por substâncias de alto valor nutritivo - a Palavra de Deus e o dinamismo da Liturgia! Foi este o alimento que se afirmou como alimento próprio da SEARA em seu nascimento e em seus primeiros anos de vida: a abundância da Palavra de Deus e o banquete oferecido pela Liturgia da Igreja, tendo no seu centro a celebração eucarística, especialmente dominical.

Para a conclusão da nossa Assembléia Geral de Fundação, escolhemos os dias 6, 7 e 8 de dezembro de 1981. Terminou o longo período de gestação e nasceu a SEARA no momento em que, celebrando a Eucaristia com o Exmo. Sr. Arcebispo de Curitiba, ouvimos as palavras do texto por Ele escrito para a aprovação da SEARA e, em sinal de nossa especial promessa de obediência aos Pastores da Igreja, pronunciamos a fórmula do "Credo do Povo de Deus", composta pelo Papa Paulo VI. O grupo fundador, que no dia 20 de abril de 1981, isto é, no dia em que recebíamos a comunicação de D. Ladislau aprovando a nossa proposta, era formado por 12 membros, agora, na hora do parto, diante do Exmo. Sr. Arcebispo de Curitiba, subira para 22, sem contar os 4 primeiros membros em sentido amplo (= pessoas casadas) que nesta data foram admitidos. Duplicara em poucos meses!

No final da Celebração Eucarística, com o Sr. Arcebispo, ressoou o hino de Ação de Graças - o "Te Deum" - desta pequena e pobre família que a graça e a misericórdia de Deus fizera nascer. E,

dos lábios de todos os que se sentiam envolvidos por este Dom, brotava esta prece: "Abençoai, Senhor, esta herança, velai sobre ela, guardai-a sempre! Protegei a vinha que vossa mão plantou e o rebento que escolheste! Que vosso amor vele sobre nós, assim como pomos em vós a nossa esperança!"

A conclusão de nossa Assembléia de Fundação, além da leitura do Documento de aprovação arqui-diocesana e a nossa profissão de fé diante do Sr. Arcebispo, contou com estas outras seguintes agendas:

- Renovação da Consagração dos Arautos que já haviam feito votos perpétuos em foro privado diante do confessor;

- Leitura e assinatura do Texto Oficial da Constituição da SEARA, diante do Santíssimo Sacramento exposto;

- Admissão dos primeiros quatro membros em sentido amplo da SEARA;

- Consagração da SEARA ao Imaculado Coração de Maria, conforme o pedido da Virgem de Fátima;

- Eleição do dia 8 de dezembro como dia oficial da Fundação da SEARA;

- Eleição e tomada de posse da primeira Animadora (= Helena Paludo) e do Primeiro Conselho da SEARA;

- Eleição e proclamação dos Santos patronos da SEARA: São João Batista, São Francisco de Assis, Santa Ângela de Mérici e Santa Teresinha de Lisieux.

Palavras centrais do texto de Aprovação da SEARA dada pelo Exmo. Sr. Arcebispo de Curitiba, D. Pedro Fedalto:

*"Considerando o bem espiritual que advém para todos aqueles que se consagram totalmente ao Senhor e considerando todo o apostolado que podem exercer junto aos outros como sinal, fermento e luz, mediante o testemunho pessoal e, depois de*

*longa experiência vivida para Deus e para o aperfeiçoamento espiritual, hei por bem aprovar "ad experimentum" a Constituição do Instituto Secular SEARA.*

*Tenho certeza que, seguindo os ensinamentos de Cristo e as diretrizes da Igreja, a SEARA irá crescer, florir e frutificar abundantemente para o bem do próprio Instituto e da Igreja.*

*Que a bênção de Deus Pai, Filho e Espírito Santo desça sobre o Instituto Secular SEARA e permaneça para sempre. Curitiba, dia 6 de dezembro de 1981. D. PEDRO FEDALTO, Arcebispo de Curitiba."*

## OS PRIMEIROS TRÊS "ANINHOS" DO BEBÊ

Escrevo estas palavras em junho de 1984. Estamos para completar o terceiro ano de vida desde a conclusão da Fundação, e preparamo-nos para a celebração de nossa 2ª Assembléia Geral, que deverá ser instalada no dia 29 de dezembro de 1984 e concluir-se no dia 1 de janeiro de 1985. Estamos vencendo mais uma etapa: nosso primeiro triênio!

Estes primeiros três anos se caracterizaram por várias realizações e concretizações de grande importância e por novas perspectivas abertas, também de grande importância.

1. Foram REALIZAÇÕES e CONCRETIZAÇÕES destes nossos primeiros três anos:

a) o rápido crescimento numérico dos membros da SEARA: estes membros eram 12 no dia 20 de abril de 1981; passaram para 22 no dia 8 de dezembro de 1981; hoje, após quase três anos, estão por

volta dos 70 membros. Prevemos que a SEARA prosseguirá tendo rápido crescimento numérico. Ainda estamos investindo muito na formação de estruturas básicas, porque nos preocupa o despertar de muitas vocações sem que tenhamos ainda as condições necessárias para cultivá-las devidamente. Creemos que este crescimento será bem maior a partir do momento em que sairmos para pregar nas Igrejas sobre a vocação consagrada secular: o povo de Deus, na verdade, ainda não conhece a existência deste caminho.

b) Produzimos CERTA ABUNDÂNCIA de material didático de formação e divulgação da vida consagrada secular em geral, e da vida consagrada na SEARA em particular; esta nossa abundância, porém, está sendo quanto à "espécie" do material, e não quanto ao número de cópias, a tiragem de cada assunto: isso é devido à nossa impossibilidade econômica de fazer grandes tiragens. Imprimimos o nosso material por meio de fotocópias, e nossas tiragens são no máximo de 100 a 200 cópias.

c) Aperfeiçoamos e desenvolvemos muito o nosso MÉTODO DE ORAÇÃO SECULAR através dos fascículos semanais "Eu devorei Tuas Palavras", em anos A, B, e C. Falta-nos apenas a compilação do Ano A, interrompida neste ano devido ao acúmulo de outros compromissos que assumi fora da SEARA.

d) Criamos e fizemos funcionar satisfatoriamente a nossa primeira CASA DE ORAÇÃO, a partir do momento em que transferimos nossa SEDE para a outra casa que alugamos junto à Rua Brasilino Moura, 434. Talvez esteja sendo esta a nossa realização de maior alcance formativo. Acertamos quanto ao método, que fomos buscar na Regra dos Ermitérios, de São Francisco de Assis, e acertamos quanto ao conteúdo de nossa Casa de Oração, feito de oração litúrgica e pessoal, silêncios longos e diálogo fraterno, ação e contemplação, vida doméstica e vida disciplinada. A nossa Casa de Oração vem funcionando regularmente ao longo de quatro meses no ano (= julho, dezembro, janei-

ro e fevereiro) desde o mês de julho de 1982.

e) Finalmente foi e está sendo uma realização de grande importância deste primeiro triênio o funcionamento do nosso Centro de Teologia e Filosofia, o C.T.F., Criado há muitos anos, só agora, na verdade, começou a funcionar. Está apenas no começo, mas já está dando bons frutos.

2. No que se refere às PERSPECTIVAS novas e novas FRENTEs que foram abertas, destacamos as seguintes:

a) A configuração da SEARA como uma família constituída por três Institutos plenamente autônomos entre si em âmbito diocesano ou inter-diocesano - o Instituto Feminino, o Instituto Masculino Leigo e o Instituto Sacerdotal - mas dependente do mesmo governo geral. Em âmbito diocesano e inter-diocesano não deve haver nenhuma interdependência jurídica de um governo em relação ao outro, mas apenas intercâmbio espiritual de vida fraterna e colaboração no apostolado.

b) A configuração da SEARA como Instituto membro da Terceira Ordem Regular de São Francisco de Assis que tem no texto da Regra dos Irmãos e das Irmãs da Terceira Ordem Regular de São Francisco promulgada pelo Papa João Paulo II, como seu Documento Inspiracional.

c) A expansão de núcleos de Arautos fora dos Estados do Paraná e Santa Catarina: em especial destacamos os grupos surgidos em Goiás, na Diocese de Rubiataba e Mozarlândia, e em Portugal, na Arquidiocese de Évora. Estes dois acontecimentos alargaram os nossos horizontes e levam a sentir com mais responsabilidade a missão histórica de que fomos investidos pelo Senhor.

d) A definição mais clara de alguns aspectos de nossa Constituição: referimo-nos em especial à explicitação bem determinada das exigências da vida fraterna, da matéria do vínculo da promessa de Obediência aos Pastores da Igreja e do campo específico e modo de agir apostólico dos Arautos da SEARA.

3. Finalmente, há perspectivas e frentes novas que estão se abrindo e que, bem em breve, estarão sendo concretizadas:

a) O lugar definitivo e estável para o funcionamento da Sede Central da SEARA e da Casa Central de Oração da SEARA. Tudo está praticamente acertado para que isso aconteça partir de janeiro de 1985: conseguimos da ADVENIAT o dinheiro necessário para a compra do terreno em que será construída a Casa de Oração e, quanto à Sede, o Sr. Arcebispo de Curitiba está pronto para criar a Paróquia do Mossunguê que será assumida por nós para que atendamos à pastoral paroquial e, ao mesmo tempo, façamos funcionar aí a nossa Sede Central. Quanto à Casa de Oração, a partir do próximo ano, deverá funcionar a tempo integral durante o ano todo, e não apenas ao longo de quatro meses por ano, conforme aconteceu até agora.

b) A minha situação de frade, ligado à Província e ligado a esta Fundação que nasceu de mim exige ulterior revisão. Estou encontrando muitas dificuldades para satisfazer devidamente às exigências de dois vínculos simultâneos. Mas já comecei a tratar do assunto com meus superiores provinciais, e espero que a partir do próximo capítulo da Província em outubro, tudo estará devidamente esclarecido e terei de meus confrades uma manifestação mais clara de sua compreensão e apoio ao meu trabalho com a SEARA.

c) Outra perspectiva de grande importância que está sendo aberta é a da encardinação de Padres na SEARA e, conseqüentemente, a partir do próximo ano, a possibilidade de ter pelo menos dois padres que, formados pela SEARA para o sacerdócio, de uma maneira ou de outra estarão sendo o meu braço direito na assistência espiritual desta obra.

Concluo esta breve história dos anos de fundação da SEARA dizendo que, se me senti mãe adolescente e mãe solteira durante os anos da gestação, agora, nestes primeiros aninhos de crescimen

to do bebê recém-nascido, eu me sinto como a mulher forte da Escritura: "Quem encontrará uma mulher forte? O coração de seu esposo nela confia e jamais lhe falta coisa alguma. Ela lhe proporciona prazer e não desgosto em todos os dias de sua vida. Procura lã e linho e os trabalha alegremente com suas mãos. É como o navio do mercador que de longe traz os seus víveres. Levanta-se ainda de noite, e prepara a refeição para a sua família. Tendo visto um campo, compra-o, e com o fruto de seu trabalho planta uma vinha. Cinge com energia os seus rins e fortalece os seus braços. Vê com satisfação que seu negócio prospera, e nem mesmo durante a noite apaga a sua lâmpada. Não teme o frio em sua família, porque todos os seus filhos se vestem com vestes forradas. Vigia o proceder de sua família, e não come o pão com ociosidade" (cf. Prov. 31,10-31).

Sim, cultivamos, plantamos e regamos, mas é o Senhor quem produz o crescimento. Ainda alguns anos de muitas canseiras nos são necessários para que dotemos a nossa família de um patrimônio razoável e seguro, de cujas rendas poderão eles viver com tranquilidade. Sentimo-nos fecundos, muito fecundos, esta é a verdade; sentimos que há em nós uma riqueza, uma exuberância de vida; os horizontes são imensos: quanto mais pesquisamos e descobrimos, mais sentimos que restam coisas a ser pesquisadas e descobertas. É uma mina maravilhosa. O tesouro não tem fim. E cada nova descoberta exerce sobre nosso ânimo um fascínio irresistível e energiza-nos. Eu jamais poderia pensar que a esta altura de minha vida iria fazer uma experiência tão rica, tão profunda, tão gratificante e tão vasta como a que estamos fazendo. Por isso, com Maria, minha mãe e alegria serena de minha vocação, eu canto: "A minha alma engrandece o Senhor, e meu espírito exulta em Deus meu Salvador: ele fez maravilhas em mim, porque olhou para o meu nada, e santo é o seu nome. Sua misericórdia para sempre se estende, sobre aqueles que o temem!"



*Segunda parte*

A FIXAÇÃO POR ESCRITO DA PROPOSTA  
DA SEARA



# A FIXAÇÃO POR ESCRITO DA NOSSA

## PROPOSTA

Na primeira parte apresentamos os fatos; agora apresentaremos a história da fixação por escrito da proposta de vida consagrada da SEARA. Atualmente temos esta fixação por escrito no texto da nossa Constituição. Mas antes chegar a este texto que fixa por escrito a nossa proposta, fizemos muitas outras tentativas, tacteamos no escuro, erramos e acertamos. A proposta da SEARA se foi explicitando aos poucos. Fizemos várias fixações por escrito, houve uma história nesta fixação, percorremos um itinerário.

Do dia 28 de janeiro de 1969 até os primeiros dois meses de 1980, nossas várias tentativas de fixação por escrito jamais se apoiaram em outros escritos, nem mesmo nos documentos da Igreja. Foi uma ignorância da nossa parte, mas foi providencial, porque permitiu que nossa proposta antes de tudo fosse elaborada a partir da vida. Dessa forma, quando passamos a nos apoiar também em escritos, principalmente do magistério da Igreja, aquele nosso tactear sozinhos no escuro revelou-se de grande fecundidade.

A fixação por escrito da nossa proposta, portanto, tem uma "história", percorreu um itinerário em que podemos distinguir várias etapas, até chegar ao atual texto da nossa Constituição.

Uma primeira "fixação por escrito" aconteceu entre o dia 3 de fevereiro de 1969 e 1 de janeiro de 1971. A nossa proposta de vida então se explicitou em vários Documentos: o "Diretório Espiritual" (= hoje publicado sob o título "Manifesto Espiritual") foi o primeiro de todos; em seguida elaboramos os "Estatutos Gerais" e o "Regimento interno" da Fraternidade "Vem e Segue-me". O Diretório

rio Espiritual trazia a nossa espiritualidade; os "Estatutos Gerais" e o "Regimento Interno" traziam a nossa estruturação jurídica embrionária. Lendo hoje estes primitivos Documentos, percebemos que, do ponto de vista espiritual, nossa proposta de vida já se articulava de maneira bastante madura desde os nossos começos; não assim, porém, a nossa estruturação e nossa configuração jurídica na Igreja. Esta, de começo, conheceu formulações assaz simplistas, ingênuas... eram "tactamentos" no escuro. Tentávamos a organização de uma verdadeira vida consagrada secular, mas os modelos e esquemas próprios da vida religiosa, e que havíamos assimilado profundamente, pesavam muito sobre nossas disposições mentais.

Uma segunda "fixação por escrito" deu-se em 1974-1975. Continuamos com o Documento Espiritual, agora com seu novo título: "Manifesto Espiritual", mas bastante enriquecido em vários pontos. Em lugar dos Estatutos Gerais e do Regimento Interno elaboramos um documento jurídico com o título de "Esquema Funcional". Com este Esquema Funcional a formulação do nosso direito próprio ganhava uma expressão muito fria, de tipo sociológico... estávamos em plena crise e o vento da tentação sacudia-nos com violência.

A terceira "fixação por escrito" deu-se entre agosto de 1976 e janeiro de 1978. Continuamos com o Manifesto Espiritual ulteriormente aperfeiçoado e seu conteúdo assaz enriquecido, tal como se encontra hoje. Mas superamos de muito a formulação do direito próprio que em 1974-1975 fora fixada no Esquema Funcional. A partir de 1978 o nosso direito próprio passou a se fixar em três Documentos: o "Documento Básico da SEARA", que traçava apenas o perfil da SEARA em suas linhas essenciais, o "Projeto Funcional da SEARA" e a "Regimentação Interna". Tudo, então, já havia conseguido boa maturidade. Mas não despontara ainda em nós, de maneira clara, a nossa consciência como Instituto Secular.

A quarta e última "fixação por escrito" deu-

-se a partir dos inícios de 1980, quando se tornou clara para nós a realidade da consagração secular e tomamos consciência nítida e segura de nossa proposta de vida como proposta de um Instituto Secular. Então todas as oscilações do passado foram superadas, e a pluralidade de todos os Documentos se fundiu num só e decisivo Documento: a nossa Constituição. Nesta última fase, a nossa fixação por escrito passou também a fundamentar-se em outros escritos já existentes, principalmente os documentos pontifícios de Pio XII e Paulo VI.

## PRIMEIRA EXPRESSÃO DE NOSSA FIXAÇÃO POR ESCRITO

Não transcrevemos aqui o texto de nossos primitivos Documentos, mas indicaremos apenas o seu conteúdo sinteticamente. Conforme já dissemos, nos primeiros escritos foram: o Diretório Espiritual, os Estatutos Gerais e o Regimento Interno. Que podemos dizer do "conteúdo" destes três Documentos? Indicá-lo-emos nos seguintes itens:

1. Sentíamos o chamado para a consagração total e ela significava opção exclusiva pelo Senhor Jesus como único necessário, único amor e vontade de não querer outra coisa senão liberar-nos exclusivamente para o seu amor. Reconhecíamos nossa incapacidade diante das exigências deste apelo, mas nossa vontade em segui-lo nascia tão somente da esperança que se funda na força de Deus a qual se manifesta precisamente na fraqueza da criatura humana.

2. Queríamos constituir na Igreja uma Família a cuja lei fosse unicamente o Evangelho. Víamos o

Evangelho principalmente na perspectiva do mandamento de amar-nos uns aos outros como o Senhor nos amou. Queríamos viver uma vida que se confrontasse constantemente com o Evangelho, e queríamos ler o Evangelho de tal forma que este também se confrontasse constantemente com a vida. E encarávamos o Evangelho como fonte inexgotável, sempre ulteriormente aprofundável, algo que só conhecemos na medida em que formos capazes de descobri-lo de novo.

3. Nossa consagração comprometia-nos com a obra de penetração do Evangelho no mundo. Isso exigia de nós conversão contínua ao Senhor crucificado e ressuscitado a qual, por sua vez, faria de nós um sinal de contradição na sociedade, isto é, loucura e escândalo para os sábios e prudentes, aos quais Deus confundirá, mas poder e salvação para todos os que crêem em Deus. "Conversão", para nós, significava "retorno ao espírito de infância". Daí decorria a fundamental exigência de "renúncia"; precisávamos "morrer" para uma "certa maneira de estar no mundo" - a maneira segundo a carne - a fim de renascer para uma "nova maneira", segundo o Espírito.

4. Queríamos seguir o Senhor Jesus incondicionalmente, escolhendo-o pelo que Ele é, aceitando plenamente em nossa vida a sua vida, deixando que nosso destino humano fosse plenamente enxertado em seu próprio destino humano-divino. Este seguimento se concretizava na consagração pela profissão dos conselhos de castidade, pobreza e obediência. Estes três conselhos, pela caridade a que nos conduzem, unem-nos de modo especial à Igreja e seu mistério e, por meio deles, a Igreja em nós manifestava, aos olhos de todos, os bens celestes já presentes no tempo, testemunhava a vida nova e eterna adquirida pela redenção de Cristo e anunciava, em fim, a ressurreição e a vinda da glória do Reino dos céus. Por isso, pela vida segundo os conselhos, queríamos ser Sinal que exerce influência eficaz sobre os membros da Igreja no cumprimento corajoso dos deveres de sua voca-

ção cristã. E queríamos tender com todas as forças a fim de que, por nosso intermédio, em decorrência da consagração total, a Igreja manifestasse o Cristo sempre mais perfeitamente e realmente aos fiéis aos infiéis.

5. Acreditávamos firmemente de que nossa vida consagrada possuía duas dimensões: a dimensão teológica e a dimensão sociológica. A dimensão teológica, ou fidelidade à realidade significada, consistia em viver os valores específicos e definitivos do Reino expressos pela profissão dos conselhos; a dimensão sociológica, ou fidelidade à força significativa do sinal, consistia em viver de tal modo os conselhos evangélicos, isto é, os valores específicos e definitivos do Reino, e encarná-los de tal modo em nossas existências que eles, sendo invisíveis e imperceptíveis em si, se tornassem de uma maneira ou de outra, visíveis, perceptíveis e compreensíveis para os homens do nosso ambiente. Dessa forma, queríamos que a obscuridade própria de nossa vida consagrada pela profissão dos conselhos não fosse a obscuridade de um anacronismo, mas tão somente a obscuridade de um mistério que só se revela aos poucos, e, finalmente, tem sempre algo de novo para ser revelado.

6. Nossa vida consagrada pela profissão dos conselhos possuía três funções: a escatológica, a de serviço e a de testemunho. No exercício da função escatológica aderíamos ao Senhor com todo o nosso ser e por isso nos engajávamos por voto a tender ao máximo do amor, isto é, à perfeição da caridade. Sabíamos que o amor é um dinamismo que necessariamente procura e deseja a posse total e que desde já, na opacidade da fé, graças a esta consagração, nós estreitávamos o mesmo Deus. No exercício da função de serviço escolhíamos servir Cristo na pessoa daqueles com os quais se identifica: os pequenos, os pobres, os doentes, as crianças, os ignorantes e todos os que estão sentados na região das sombras e da morte. No exercício da função de serviço escolhíamos assemelhar-nos ao Cristo feito escravo, ajoelhado para lavar os pés dos discípulos, ao Cristo que cura e

passa fazendo o bem, e que disse de si mesmo."O Filho do Homem veio para servir e não para ser-vido". Finalmente, no exercício da função de tes-temunho, queríamos tornar visível na Igreja e com-preensível para o mundo o mistério invisível das realidades específicas e definitivas do Reino re-presentadas pelos conselhos evangélicos. Para fa-zer isso, o nosso testemunho devia aparecer como sinal de amor: antes de tudo, do amor de Deus e depois do amor pelos irmãos dentro da nossa fra-ternidade, com os quais não queríamos ter "senão "um só coração e uma só alma". Nossas fraternida-des deviam ser "academias de dileção", isto é, lu-gares onde se ama e se ensina o que é amar.

7. Acreditávamos que, pela profissão dos con-selhos, a nossa consagração batismal se precisava e se reforçava a tal ponto que nos separava por completo do existir profano e nos entregava total-mente a Deus e assim atualizava por um título no-vo e especial a nossa consagração batismal. Acre-ditávamos que nossa vida assim se tornava especi-almente consagrada isto é, posta à parte, marcada por esta pertencer exclusivo e indiviso ao Senhor. E acreditávamos que éramos consagrados pela virtu-de do sacrifício de Cristo e, dessa forma, nossã vida consagrada, como o sacrifício de Jesus, ao mesmo tempo era holocausto e consumação. Como ho-locausto, no altar de terra humilde de nossa exis-tência, nossa vida queimava sô para Deus, queima-va de amor na fé, embora o fogo deste amor fosse obscuro e a fé pura pela qual enxergávamos este mistério fosse noturna. Como consumação, a nossa vida, precisamente enquanto consagrada e totalmen-te entregue ao Senhor e sô por ele possuída, erã ao mesmo tempo dada ao mundo. O pão do amor que era dado ao Senhor, agora era também repartido com o mundo.

8. Entre os três conselhos evangélicos desta cãvamos em primeiro lugar a virgindade consagrada ou castidade, porque é este o conselho que mais põe em destaque a dimensão propriamente escatoló-gica de nossa vida. A castidade era para nós a vi-

da eterna já começada no tempo. Realizava em nós a vida angélica de que falaram os Santos Padres. Por ela nós guardávamos nossa lâmpada acesa na noite e esperávamos pelo Esposo que vem. Por ela nós nos comprometíamos a amar sem dividir o coração. E ela era para nós o sinal permanente que, na Igreja, no decorrer do tempo, mantém aquela disposição de expectativa e despreendimento na impaciência do retorno iminente do Senhor. Ela constituía perante o mundo o sinal sensível do mistério da Igreja, como Virgem e Esposa. Este mistério se realizava, graças à castidade, em nossa própria carne e no nosso ser reservado que assim prefigurava a Igreja em sua dimensão escatológica, isto é, como realidade que já pertence à era da glória. Vivendo em verdadeira castidade, nosso coração se libertaria para amar mais nossos irmãos e o mundo; ela nos tornava disponíveis para amar mais, sobretudo os deserdados do amor, aqueles que em geral são rejeitados e excluídos da afeição por serem antipáticos e não amáveis. A castidade exigia que nos educássemos para a maturidade afetiva e para a profundidade do coração. E ela estaria madura em nossa vida no dia em que fôssemos capazes de viver irradiando verdadeira alegria.

9. A pobreza era para nós o voto de pura transparência evangélica. Ela era um mistério de infância e de nudez, impulso secreto do nosso coração que se deixara fascinar pelo presépio, pelas humilhações do Filho de Deus e seduzir pela liberdade de Cristo. Ela voltava nosso olhar unicamente para as realidades definitivas, porque "a figura deste mundo passa" e nós "não queríamos ter aqui morada permanente".

10. Era pela pobreza que mais se destacava a nossa função de serviço. Escolhíamos a pobreza para nos dedicar a Cristo, nosso Amor, na pessoa dos pobres. O que nos motivava não era o abandono dos bens, mas o pensar nos pobres. E, ao pensar nos pobres, procurávamos "vender" os nossos bens, isto é, negociá-los de tal modo que pudessem ser colocados ao serviço dos pobres em maior abundância

cia possível. Por isso queríamos trabalhar a fim de ganhar e repartir, e categorizar-nos para o trabalho a fim de repartir em maior abundância. E, por esta pobreza, queríamos viver modestamente dos recursos que pudéssemos captar, a fim de poder repartí-los em maior abundância possível.

11. Pelo vínculo sagrado da obediência escolhíamos só o que Cristo escolheu, isto é, a vontade do Pai. Ora, era vontade do Pai que ele sorvesse até o fundo o cálice da Paixão e remisse o mundo com o sangue de sua cruz. Por isso, por este vínculo sagrado, prolongávamos em nossa vida a obra da redenção, porque a obediência era para nós o mistério de nosso mergulho na morte de Jesus. Queríamos ver a vontade do Pai antes de tudo em nossa própria realidade pessoal. Por isso a obediência era para nós o compromisso de aceitar com alegria e serenidade a nossa realidade pessoal, inclusive com seus limites. Fazíamos a vontade do Pai também quando aceitávamos a realidade de nossos irmãos e a realidade dos acontecimentos que teciam nossa vida. Em modo particular nós aceitávamos a vontade do Pai ao aceitar tudo o que a Igreja, pela voz de seus Pastores, nos ensina e preceitua. Finalmente nós fazíamos a vontade do Pai pela aceitação das exigências que emergissem de nossa vida em Fraternidade. Em nossa fraternidade haviam os responsáveis e eles eram também, para nós, mediadores da vontade do Pai. E entendíamos que as responsabilidades sobre a nossa Fraternidade deviam ser assumidas e administradas sempre de maneira colegiada, não ficando jamais ao critério de uma só pessoa.

12. No interior de de cada fraternidade devia sobressair o cultivo da vida de oração, que distinguíamos em litúrgica ou comunitária e pessoal. Quotidianamente devíamos reunir-nos em oração comunitária ao redor da Palavra de Deus e da Ceia do Senhor, e o cultivo da oração pessoal devia educar-nos para a experiência íntima de Deus. Quotidianamente queríamos encontrar na oração secreta do coração a pérola preciosa do Evan-

gelho, um oásis de calma em meio à trepidação inevitável do mundo em que vivíamos. A verdadeira oração, para nós, não era a oração feita de muitas palavras, mas de muito silêncio ao redor de poucas palavras. Em nossos relacionamentos com o doce Hóspede de nossa alma, o silêncio tinha mais plenitude do que as palavras.

13. Queríamos procurar Deus para encontrá-lo, e queríamos procurá-lo depois de havê-lo encontrado; sabíamos que, para encontrá-lo, era preciso procurá-lo porque Ele é um Deus oculto; e depois de havê-lo encontrado, sabíamos que era preciso continuar a procurá-lo, porque Ele é Ser inesgotável, que sacia a quem o procura, mas aumenta a sede de quem o encontra, para que o procure de novo a fim de ser saciado. E já falávamos, naqueles começos, de silêncios e Casas de Recolhimento, situadas à distância dos centros urbanos às quais pudéssemos recorrer com frequência para o encontro com Deus em clima de contemplação. E insistíamos muito na maneira de trabalhar e desenvolver nossas atividades: elas deviam ter ritmo e ser bem planejadas, a fim de se tornarem ação interiorizada e não esvasiadas; nossos trabalhos e atividades deviam sempre vir acompanhadas por uma solicitude de reflexão. E desde o começo dizíamos que o nosso era um projeto de pura vida fraterna e não de empresa.

15. Muito pouco determinávamos em matéria de formação para a vida consagrada. Apenas dizíamos que nossa formação devia ser espiritual, teológica, profissional, psicológica e apostólica. Na prática, porém, o que ministrávamos era apenas uma formação espiritual e esta consistia essencialmente no esforço para fazer experiência íntima de Cristo como único necessário e por criar uma sólida estrutura interna de fé. E dizíamos que nossa espiritualidade devia ser bíblica, litúrgica e eclesial.

16. O termo "fraternidade", em nossa realidade de grupo, possuía dois sentidos: em um primeiro sentido, indicava todos os membros desta família, e em outro, apenas um pequeno grupo que resi-

dia num mesmo domicílio ou que pertencia a um mesmo domicílio. Os membros de nossa Família, ao formar sua pequena fraternidade ligada a um domicílio, procediam de acordo com seus próprios critérios de escolha, e ligavam-se entre si por um "Contrato de Fraternidade" que devia ter valor jurídico de vinculação. E assim como cada qual era livre na escolha de sua fraternidade, também era livre para transferir-se de uma para outra fraternidade, de acordo com a negociação que lhe fosse possível fazer. Cada qual também escolhia com livre critério e por iniciativa pessoal o seu trabalho profissional. Cada qual também se responsabilizava pela própria subsistência material e contribuía para a constituição de um Fundo que atendesse às necessidades materiais comuns. Cada fraternidade ligada a um domicílio devia viver em tudo a realidade social das famílias do nosso meio ambiente, mas devia, ao mesmo tempo, informar de tal modo esta realidade com as leis evangélicas do Reino de Deus, que pudessem constituir-se em modelos de vida social e familiar para o mundo, prenunciando para todos a realidade da terra nova conquistada pela redenção de Cristo e que está para vir, na qual não terão mais valor as leis da carne e do sangue, mas unicamente a vontade do Pai que está no céu.

17. Nossa fraternidade, embora contasse com responsáveis em sua faixa interna, contudo não queria outra autoridade e outro governo que não fosse o dos próprios pastores da Igreja: o Papa, para toda a SEARA, e o Bispo diocesano para uma fraternidade local. Não constituíamos um governo acima das várias fraternidades: este era um governo que só competia aos pastores da Igreja. Destacávamos o papel do Bispo neste governo. A ligação com o Bispo e o envolvimento na Diocese era um valor posto em destaque por vários aspectos: nosso voto de obediência vinculava-nos ao Bispo por um título novo; quando o Bispo não podia atender ao governo de uma fraternidade, pedíamos que designasse um presbítero para fazê-lo em seu nome; u-

ma fraternidade local devia ser erigida pelo Bispo; só ao Bispo competia o direito de receber can-  
didatos à fraternidade... Dentro da fraternidade, na sua faixa interna, o andamento social do mem-  
bros era governado pelo contrato de fraternidade, pela frequente reunião de revisão e planejamento e pelo Regimento Interno; haviam os responsáveis por este ou aquele setor, mas quem governava a fraternidade, dentro da fraternidade, era a própria dinâmica da vida fraterna. Isto nos indica a nossa clara opção por um esquema fraterno de vi-  
da, com forte acentuação da eclesialidade.

18. Sempre quisemos que nossos votos fossem públicos, e achávamos supérfluo querer disjuntí-  
-los em perpétuos e temporários. Eles eram opção por Cristo como único necessário e liberação total de nossa vida para os interesses exclusivos do Reino e, como tais, se presumiam como um ato único, absoluto, dom irrevogável de nossa pessoa à pessoa de Cristo. Isto indica claramente a nossa decidida opção por uma vida plenamente consagrada em sentido estrito.

19. Embora só começasse a funcionar a partir de 1972, desde o começo idealizamos o Instituto de Previdência Fraterna, o I.P.F., como Fundo de manutenção destinado à provisão das necessidades comuns. Como no caso da fraternidade local, o I. P.F. também ficava sob o controle do Bispo, que era seu presidente natural. As quotas de contribuição mensal deviam ser fixadas pelo Bispo.

20. Por seu valor indicativo, vamos aqui citar duas disposições do primeiro Regimento Interno de fraternidade elaborado em 1 de janeiro de 1971. A primeira se refere à oração do Ofício Divino e a segunda, à fórmula de Profissão de Fé e compromisso de vida espiritual que devia ser feito quando alguém era admitido à fraternidade. A respeito do Ofício Divino assim foi escrito: "*Nosso ideal seria recitar todos juntos, todos os dias, todas as horas litúrgicas do Ofício Divino. La-  
mentamos porque nem sempre isto será possível, ou*

melhor, porque nossa situação de trabalho (= alusão implícita à secularidade!) raramente o possibilita. Então estabelecemos um mínimo abaixo do qual não compreendemos a vida consagrada e é o seguinte: todos os dias queremos recitar ao menos dois a dois, ao menos uma Hora do Ofício Divino, possivelmente Laudes ou Vésperas. E se nem isto fôr possível - o que desejamos aconteça raramente! - cada um de nós se compromete recitar individualmente ao menos uma Hora do Ofício Divino".

21. Quando alguém fosse admitido à fraternidade, devia ser recebido mediante o seguinte ato de "Profissão de Fé" e "Compromisso de Vida espiritual": "Eu, NN., creio firmemente e professo tudo o que está contido no símbolo usado pela Santa Igreja Romana, a saber: Creio em um só Deus, Pai todo poderoso, criador... etc. (= todo o texto da profissão de fé que fazemos na missa, na fórmula do símbolo Niceno-Constantinopolitano. E prossegue:) Com firme vontade admito e aceito as tradições apostólicas e eclesiásticas, como também aceito as Sagradas Escrituras de acordo com aquele sentido com que sempre foram e são interpretadas pela Santa Igreja, à qual tão somente compete interpretá-las de maneira autêntica. Professo e aceito firmemente tudo o mais que pelos sagrados cânones e pelos concílios ecumênicos, sobretudo aquilo que pelos sacrossantos concílios de Trento, Vaticano I e Vaticano II foi definido e declarado, em modo particular no que se refere ao magistério infalível do Romano Pontífice e ao pastoreio dos Bispos. Ao mesmo tempo rejeito e reprovado tudo aquilo que pela Santa Igreja Romana é reprovado como errôneo ou herético. Esta verdadeira fé da Santa Igreja eu a aceito e professo espontaneamente, e me proponho conservá-la, aumentá-la, defendê-la e ensiná-la até o fim de minha vida. E com a finalidade de cultivar mais intensamente esta minha vida de fé, em modo particular, com a finalidade de cultivar em mim o carisma da vida consagrada, que diante de Deus julgo ter recebido, eu me proponho cuidar com solícitude de minha vida interior, e me comprometo desenvolver o seguinte progra

ma de vida espiritual: 1º prometo cultivar intensa vida sacramental, sobretudo eucarística, aproximando-me com frequência dos santos sacramentos da comunhão e da penitência; 2º prometo diariamente dedicar-me durante certo tempo à meditação pessoal, mediante o silêncio, a leitura da Palavra de Deus ou de outro livro escrito por mestre espiritual aprovado pela Igreja; 3º prometo examinar diariamente minha consciência, analisando minha situação de pecado, suas motivações profundas; 4º prometo recitar diariamente Laudes e Vésperas do Ofício Divino, ou qualquer outra Hora Litúrgica juntamente com os demais membros da Fraternidade; e quando isso não fôr possível, prometo recitá-la individualmente; 5º prometo empenhar-me no cultivo de uma disciplina dos sentidos, pela mortificação cristã dos meus sentidos internos e externos, pela moderação dos costumes e pela programação racional e sóbria da vida diária; 6º prometo cultivar minha vida profissional com amor, dedicando-me com atenção e devoção ao trabalho conveniente ao meu estado de vida; 7º finalmente, prometo recorrer a um sacerdote Diretor Espiritual, abrindo-lhe a minha consciência e deixando que em nome de Cristo me conduza pelos caminhos que me formam para a docilidade interior à ação divina e à doação total de minha vida ao Senhor. Além disso, com este compromisso de vida interior, eu consagro a Deus a minha virgindade, e quero que este ato signifique a expressão de minha vontade de cultivar profunda amizade com Cristo, conveniente afastamento das vaidades do mundo, e sobretudo a minha disponibilidade para seguir Cristo na vida consagrada, se porventura esta minha vocação se confirmar. Tudo isso eu, diante de Deus, e nas mãos de minha fraternidade, declaro e prometo".

Esta é uma síntese do conteúdo dos nossos primeiros escritos: o Manifesto Espiritual, denominado, naquele tempo, "Diretório Espiritual", os Estatutos Gerais e o Regimento Interno. Foi assim que exprimimos, num primeiro momento, por escrito, a proposta da SERA.

# CONCLUSÕES SOBRE A NOSSA PRIMEIRA

## FIXAÇÃO POR ESCRITO

Do relatório que acabamos de expor podemos perceber que desde o começo a nossa proposta de vida consagrada se assentou sobre os seguintes pontos firmes:

1. CONSAGRAÇÃO - O nosso sempre foi um desejo de total consagração a Deus, uma vida consagrada em sentido estrito pela profissão dos conselhos evangélicos. Na determinação da matéria de cada um dos três conselhos, de igual modo, nossas idéias e nossas opções sempre foram muito claras no que se referia à castidade consagrada e à pobreza evangélica:

1.1. Castidade: opção por Cristo como único necessário e único amor, reservação para o seu amor, compromisso de amá-lo com coração indiviso.

1.2. Pobreza: viver com poucas coisas de forma que se pudesse repartir mais com os pobres.

No que se refere à obediência, porém, ainda não havíamos feito a descoberta da nossa maneira típica, conforme aconteceu mais tarde, e que hoje está explícito em nossa Constituição. Nem de longe divisávamos ainda o nosso voto característico de Fraternidade.

2. FRATERNIDADE - O nosso também sempre foi um desejo claro e bem consciente de viver em fraternidade: fraternidade não apenas como mística e ascese própria, mas também como estrutura social. O nosso modelo de vida não era um modelo clerical e nem um modelo monacal ou conventual, mas sempre e irredutivelmente, um modelo fraterno.

3. ECCLESIALIDADE - Esta terceira linha mestra de nossa proposta também foi sempre muito clara e consciente desde os nossos começos: ligamo-nos de modo especial à Igreja e seu mistério, mas também ligamo-nos de modo especial à Igreja em sua dimensão social pela especial obediência que sempre quisemos prestar aos seus Pastores. Neste sentido as nossas primeiras fixações por escrito foram até cheias de exagêros, que aos poucos fomos corrigindo e chegando ao equilíbrio que agora se percebe no texto da nossa Constituição.

4. SECULARIDADE - Embora presente em muitas expressões de nossa primeira fixação por escrito, esta quarta e última linha mestra de nossa proposta não era ainda tão explícita e consciente. Mas já está presente: queríamos uma vida consagrada no meio do mundo, que não nos afastasse das ordinárias condições de vida e estado própria dos demais leigos na Igreja; a estruturação fraterna de nossa vida sempre se inspirou na realidade das famílias no meio do mundo, isto é, o valor da fraternidade devia sempre estar penetrado do valor da secularidade; os valores específicos e definitivos do Reino deviam ser encarnados de tal modo em nossas vidas que se tornassem visíveis e perceptíveis para o homem comum do ambiente em que vivêssemos... etc.

Estes são flashes que já indicavam nossa opção por uma SECULARIDADE. Entretanto, não conhecíamos ainda este termo; nada sabíamos a respeito de Institutos Seculares e de vida consagrada secular. Inclusive nossos primeiros escritos traziam a expressão "vida religiosa": os membros desta nova família eram pessoas "religiosas", a vida delas era uma vida "religiosa". Usávamos algumas vezes esta expressão embora depois, ao indicar o seu conteúdo e sua matéria, já indicássemos claramente nossa opção pela vida secular, e não pela vida religiosa.

Foi a partir de 1972 que começamos a tomar consciência de que a nossa não era uma proposta

de vida "religiosa": não sabíamos ainda usar a expressão "vida consagrada secular", mas descobrimos que não era uma "vida consagrada religiosa". É o que se percebe de um pronunciamento escrito que fiz ao longo do ano de 1972. Este pronunciamento, de fato, começava assim:

*"A vida consagrada que estamos começando não é a vida de um Instituto Religioso, não é a de uma Congregação Religiosa, não é a de uma Ordem Religiosa, não é um movimento de vida religiosa institucional e não é um movimento de vida religiosa conventual. As mulheres que aderem à nossa proposta não são e não devem ser freiras, monhas ou religiosas, não vivem e nem devem viver em conventos, e não dependem umas das outras juridicamente, em fôro eclesiástico".*

Para nós, naquelas alturas, dizer "não dependência jurídica em fôro eclesiástico" era indicar com clareza que não se tratava em absoluto de uma vida religiosa.

Até fins de 1972 nossa Família não havia ainda recebido este nome "SEARA" e era concebida como proposta só para mulheres. Preocupávamos com os caminhos pelos quais poderíamos obter uma aprovação eclesiástica. Já havíamos feito algumas tentativas e percebíamos que, neste ponto, seríamos submetidos ao duro itinerário de um calvário. Por isso, em 1972, talvez levados pela necessidade de encontrar um apoio que facilitasse o conseguimento de uma aprovação eclesiástica, pensamos que as coisas seriam facilitadas se fossem colocadas na perspectiva de uma resposta que estaríamos dando ao Decreto que em 30 de maio de 1970 era emanado pelo Papa Paulo VI, através da Sagrada Congregação para o Culto divino, restaurando o antigo rito da Consagração das Virgens.

Por isso, além de encontrar, segundo nos parecia, um sólido apoio que facilitaria o conseguimento de uma aprovação eclesiástica, o nosso caminho de secularidade foi se precisando e ganhando

contornos firmes. Com efeito, o pronunciamento de que falei há pouco, depois de declarar que a nossa não era uma proposta de vida religiosa, dizia:

*"A nossa é uma resposta ao Decreto da Sagrada Congregação para o Culto divino, promulgado por S. Santidade o Papa Paulo VI aos 30 de maio de 1970, sobre o rito da Consagração das Virgens. A Igreja faz um apelo à consagração virginal de mulheres que levam vida secular. Nós estamos dando esta resposta".*

Na verdade o que estávamos fazendo não era exatamente isto. O que aquele Decreto restaurava era uma forma de vida consagrada secular, mas não associada: a ordem das virgens, na qual só existe um vínculo sagrado, o de castidade. O que nós queríamos, em vez, era uma forma de vida associada, com os três vínculos sagrados dos conselhos evangélicos. Estávamos enganados, portanto, ao pensar que estávamos dando uma resposta àquele Decreto. Mas foi através deste "engano" que começou a se tornar explícita em nós uma opção pela "secularidade". Foi por aí que nossa proposta começou a se distinguir conscientemente e explicitamente da proposta da vida religiosa. O nosso pronunciamento, com efeito, prosseguia com estas palavras:

*"A nossa resposta ao Decreto sobre o Rito da Consagração das Virgens quer ser uma resposta organizada, isto é, que reúne pessoas numa sociedade estruturada, porque: elaboramos uma mística e uma espiritualidade própria; definimos uma figura social de mulher plenamente consagrada na vida secular e seu papel na Igreja; criamos condições materiais para a subsistência e expansão do movimento; liberamos pessoas que estão inteiramente entregues ao trabalho de formação teológico-espiritual daquelas que aderem ao nosso movimento".*

Estas palavras diziam claramente que pretendíamos uma forma de vida consagrada associada, e não individual, como é o caso da ordem das vir-

gens na Igreja. E o pronunciamento prosseguia, manifestando claramente nossa explícita opção pela secularidade plena:

*"As mulheres que aderem ao nosso movimento pedem ao Bispo de sua diocese que lhes dê a Consagração virginal, conforme o rito da Santa Igreja, depois que o mesmo Bispo se tenha certificado da idoneidade espiritual da jovem que a ele recorre; permanecem na vida leiga, e do ponto de vista sociológico vivem a vida secular de seus concidadãos, adotando apenas aquelas rupturas com a vida mundana que são postulados não só da consagração batismal, mas também da consagração virginal, que leva às últimas consequências a consagração batismal; permanecem na família nos seguintes casos: quando ainda não são capazes de se auto-sustentar, quando a família precisa delas porque delas depende economicamente ou quando a família precisa delas para que a filha fique com ela; quando não permanecem na família de sangue, formam pequenas fraternidades, agrupando-se em casas próprias de acordo com os critérios que elas mesmas estabelecem. São incentivadas a aceitar preferentemente esta segunda fórmula, pela maior oportunidade de testemunho de amor fraterno e estímulo mútuo na vivência da própria vocação. Uma casa formada por mulheres consagradas desta nossa família não é entidade jurídica em fóro eclesiástico; depende somente da iniciativa particular de cada mulher consagrada o tratar com outras para viver juntas no mesmo domicílio".*

Como já dissemos, foi através deste "engano" que se tornou explícita e consciente, também do ponto de vista formal, a nossa opção pela secularidade. A nossa proposta "não era" uma resposta ao Decreto sobre a Consagração das Virgens, mas uma proposta de vida consagrada secular. Com isso podemos dizer que já a nossa primeira fixação por escrito foi clara quanto às quatro linhas-mestras do carisma da SEARÁ, a saber: a consagração e a secularidade, a eclesialidade e a fraternidade.

O que ainda não estava formulado devidamente porque ainda não havíamos encontrado o nosso caminho próprio, era o conteúdo ou matéria do voto de obediência. E nesta incerteza ainda iríamos continuar por vários anos, repercutindo diretamente sobre a maneira concreta como tentávamos nos articular enquanto grupo social. Na verdade os esquemas tradicionais da vida religiosa ainda nos condicionavam em demasia e nos mantinham presos em suas formas.

## NOSSA PROPOSTA COMEÇA A SER FEITA TAMBÉM A HOMENS LEIGOS

Foi a partir de uma conversa que tive com D. Paulo Evaristo Arns, Cardeal Arcebispo de São Paulo que mudamos nossa maneira de encarar a nossa proposta como resposta ao Decreto Papal sobre a Consagração das Virgens. Mudamos um ponto de vista, e descobrimos outro: o da plena secularidade!

Esta descoberta, ou seja, esta tomada de consciência formal de nossa secularidade em 1972, permitiu mais um superamento: a proposta de vida consagrada que vínhamos descobrindo começa a ser vista como válida e oportuna não só para mulheres, mas também para homens leigos. Não era vista ainda como válida e oportuna para clérigos, mas apenas para homens leigos. Isso aconteceu a partir do segundo semestre de 1972. Foi um avanço. Começamos, então, a fazer nossa proposta também a homens leigos e começamos a cultivar a vocação de alguns primeiros candidatos. Tudo era muito precário e embrional, mas começamos.

Com isso a nossa primeira fixação por escrito, através de mais um pronunciamento meu, ganhou

alguns enriquecimentos. O primeiro foi a descoberta do nosso nome: o nome dessa família, SEARA, e o nome de seus membros, ARAUTOS! Eram nomes neutros, prestavam-se para designar uma realidade sócio-eclesial que, por vários aspectos, se tornava mista, agrupando pessoas de ambos os sexos. Alguns de nossos conceitos, então, passaram a ter definição mais pormenorizada:

1. FRATERNIDADE - começamos a configurar de maneira mais clara a figura da fraternidade local de um pequeno grupo de pessoas consagradas reunidas em nome de Cristo: a Fraternidade Local é centro (= hoje dizemos "célula") de oração, centro de trabalho, centro de vida e centro de reflexão:

1.1. É "centro de ORAÇÃO": vivemos na presença do Senhor e convivemos com Ele. Levamos o mundo à sua presença e gastamos tempos longos e frequentes de solidão total com Ele;

1.2. É "centro de TRABALHO": desenvolvemos uma ação de caráter missionário e profético no mundo;

1.3. É "centro de VIDA": criamos um clima de lar que nos envolve um no outro, que nos liga um ao outro, como uma verdadeira comunidade de amigos e cavaleiros (= empregávamos o termo "cavaleiros" no documento destinado aos homens);

1.4. É "centro de REFLEXÃO": desenvolvemos uma linha de pensamento, refletimos continuamente sobre nossa história e nossa situação real no mundo em que vivemos, à luz da Palavra de Deus.

2. A MATÉRIA DOS VOTOS - Começamos a enriquecer mais abundantemente a matéria dos votos de pobreza e castidade. Quanto à obediência, além de receber o mesmo enriquecimento que se acrescentava ao conteúdo da castidade e da pobreza, já começamos então a encará-la levemente segundo aquela que será mais tarde uma de nossas mais importantes descobertas: o compromisso de obediência visto na perspectiva do compromisso de fraternidade.

O enriquecimento na maneira de definir a matéria dos votos consistiu no seguinte:

2.1. Para a Castidade: "Ofereço ao Senhor minha vida em castidade como ALAVANCA para proteger e imunizar contra as insídias da concupiscência da carne o amor dos homens e das mulheres que vivem a realidade do sexo no namoro, no noivado e no casamento. Ao mesmo tempo, por este compromisso, quero levantar-me como sinal de contestação, protesto e expiação contra todas as formas de profanação do sexo, contra o materialismo e o hedonismo com que principalmente a mulher é encarada no mundo".

2.2. Para a pobreza: "Ofereço ao Senhor o meu compromisso de pobreza e os sacrifícios que ela comporta como ALAVANCA pelos homens que constroem o progresso material e fazem circular a riqueza, a fim de que sejam imunizados contra as insídias da concupiscência dos olhos a que este progresso material e a circulação da riqueza temporal estão expostos".

2.3. Para a obediência fraterna: "Ofereço ao Senhor minha obediência fraterna como ALAVANCA para proteger contra a soberba da vida as mentes de todos os que cultivam a ciência, que produzem idéias, que divulgam idéias através dos meios de comunicação, em particular as que se referem ao fim último do homem e seu destino sobrenatural".

Estes "enriquecimentos" que acabamos de citar passaram a integrar o texto do "Manifesto Espiritual" a partir de 1973.

3. IDONEIDADE PARA A NOSSA VIDA - Outra novidade que passamos a fixar por escrito a partir de 1972 foi a determinação daqueles sinais em base aos quais devíamos julgar a idoneidade de um candidato para a nossa vida. Estes sinais deviam ser os seguintes:

3.1. Maturidade humana suficiente, isto é, equilíbrio afetivo, personalidade integrada, capacidade para a aceitação serena de si, de sua his-

tória pessoal e das pessoas com quem se deve levar vida quotidiana de fraternidade;

3.2. Fervor de caridade, manifestado pela capacidade de diálogo íntimo com o Senhor e doação desinteressada aos irmãos;

3.3. Fervor de esperança, manifestado pela capacidade de estabelecer certas rupturas com o mundo e abraçar aquela medida de cruz que nos foi confiada por Deus como parte da colaboração que todos devemos dar à obra da redenção do mundo;

3.4. Fervor de fé, manifestado pela capacidade para plasmar o próprio comportamento com os critérios da Palavra de Deus confiada à interpretação do magistério da Igreja. Esta fé se torna adulta quando Deus deixa de ser uma idéia para se tornar centro da vida profunda do homem, nasce e cresce do encontro amoroso entre dois seres e, neste encontro, o homem, por assim dizer, se deixa seduzir pelo Senhor;

3.5. Senso de Igreja pelo qual a pessoa consagrada sente-se particularmente ligada ao destino do Povo de Deus e por isso é levada a se comprometer profundamente com a obra de penetração do Reino de Deus no mundo, e se mostra atenta às necessidades do Corpo Místico e sente dor íntima pelas feridas da Igreja.

4. A PROGRAMAÇÃO DO ATLETA - Finalmente data de 1972 a fixação por escrito do primeiro esboço de programação espiritual diária para os membros da SEARA. Este programa diário de vida espiritual denominamos "Programação do Atleta". Esta programação insistia sobre vida sacramental, especialmente eucarística, vida litúrgica em geral, meditação da Palavra de Deus, um esboço embrional de método de oração, o exercício da presença de Deus, da mortificação cristã e do exame de consciência, de acordo com determinado método.

Foi este o conteúdo de nossa primeira fixação por escrito. Esta formulação da proposta da

SEARA regeu nossa vida até fins de 1974, quando teve lugar uma segunda fixação por escrito, que agora passaremos a relatar.

## SEGUNDA EXPRESSÃO DE NOSSA FIXAÇÃO POR ESCRITO

A segunda expressão de nossa fixação por escrito significou realização de alguns progressos, mas, por outro lado, significou também um regresso. Estávamos em plena crise espiritual. Estávamos em plena noite. Havia um combate, havia em esforço por combater um bom combate, mas também houve, infelizmente, um certo afastamento.

Esta segunda expressão teve lugar a partir do segundo semestre de 1974. O "Diretório Espiritual", agora já com o nome de "Manifesto Espiritual", continuou valendo, mas não influenciando. A novidade da segunda expressão foi o "Esquema Funcional da SEARA". A maior conquista desta fase foi a de começar a nos configurar como Instituto membro da Terceira Ordem de São Francisco.

Entretanto, se valeu o iniciar desta conquista, não foram válidas as motivações que nos conduziram a fazer esta opção, como, de igual modo, não haviam sido válidas aqueles que, em 1972, levou o grupo das mulheres a apelar para o Decreto sobre a Consagração das Virgens. Em 1972 o motivo que nos induziu a agarrar-nos àquele Decreto, era a necessidade que sentíamos de firmar o pé em alguma coisa que facilitasse para nós a aprovação por parte da autoridade diocesana de Ponta Grossa.

Não valeu aquele nosso apelo: primeiro porque a nossa proposta não era e não devia ser simplesmente resposta ao Decreto papal sobre a consagração das virgens; e, segundo, porque mesmo assim a autoridade eclesiástica daquela diocese não se tornou propícia em nos acolher e apoiar.

Em fins de 1974 a mesma autoridade diocesana de Ponta Grossa não só se recusou em acolher-nos e apoiar-nos, mas quis assumir uma posição no sentido de impedir que fôssemos em frente. Por isso fomos obrigados a deixar de insistir sobre o Bispo, e começamos a insistir sobre a Terceira Ordem Secular de São Francisco e buscamos apoio no Ministro Provincial de minha Província. Buscamos e encontramos: diante da tentativa do Sr. Bispo de Ponta Grossa de impedir que fôssemos em frente, o meu Provincial naquela época, Frei Clemente Vendramim, tomou posição e colocou-nos sob o seu patrocínio como membros da Terceira Ordem Secular de São Francisco.

Portanto, nosso apelo à Terceira Ordem Secular de São Francisco foi mais um recurso de que lançamos mão para nos defender diante de um "representante" da autoridade eclesiástica, o Exmo. Sr. Bispo de Ponta Grossa. D. Geraldo Pellanda tomou a iniciativa de impedir que nossa obra prosseguisse e fosse acolhida pela Igreja. Fez isso recorrendo ao meu Superior Provincial. E meu Superior Provincial reagiu dizendo que a SEARA era um movimento dentro da Terceira Ordem Franciscana Secular e, portanto, a jurisdição sobre sua existência competia ao Superior Provincial e não ao Bispo Diocesano. Foi, para nós, uma defesa oportuna, e valeu para aquele momento da nossa história

Procuramos formalizar aquela resposta de meu Superior Provincial à tentativa de intervenção do Sr. Bispo de Ponta Grossa com um pedido formal ao Provincial e ao Definitório de minha Província para que reconhecessem a SEARA como um movimento interno da Fraternidade da Ordem Franciscana Secular e declarasse que se tratava de uma obra não a nas posta sob a responsabilidade de um de seus re

ligiosos, mas da própria Província como tal. E o Provincial, com seu Definitório, respondeu-nos afirmativamente. Ficamos assim, por algum tempo, postos sob esta "cobertura" jurídica.

Em nossa busca de apoio, deixamos de apelar para o Bispo de uma diocese, e passamos a apelar para a Ordem Franciscana Secular. Era, digamos, uma situação de "desespero". Nossa casa precisava firmar-se sobre uma "rocha", e não sabíamos como encontrá-la. Procurávamos esta "rocha" na pessoa do Bispo de Ponta Grossa, mas sua excelência nos dava a entender que não aceitava ser nossa rocha. Em nossa fé, ou, quem sabe, também em nossa simplicidade e ingenuidade, buscávamos "comunhão" com um Bispo, mas o Sr. Bispo se recusava a aceitar nosso anseio de comunhão.

Declarar-nos membros da Ordem Franciscana Secular era, para nós, uma maneira de "safar-nos". Era uma escapatória. E foi o que fizemos. O "Esquema Funcional", de fato, começava assim:

*"A SEARA é uma Fraternidade de homens e mulheres, membros da Ordem Franciscana Secular, que escolhem o celibato pelo Reino na vivência dos conselhos evangélicos de castidade consagrada, pobreza e obediência sem, contudo, separar-se sociologicamente da vida civil, adotando, em relação ao mundo, as rupturas teológicas que são postulados não apenas da consagração batismal, mas também da consagração virginal".*

Para contornar as dificuldades que nos eram movidas pelo Sr. Bispo de Ponta Grossa, tentávamos um subterfúgio que assim se exprimia:

*"Entre os Arautos não se estabelece nenhuma dependência jurídica em fôr eclesiástico, a não ser a que se estabelece pelo fato de serem membros da Ordem Franciscana Secular. A própria SEARA, enquanto Fraternidade de vida consagrada, não possui outra personalidade jurídica em foro eclesiástico à maneira dos Institutos Religiosos ou Seculares, mas enquanto Fraternidade da*

## Franciscana Secular"

"Em sua dimensão social de grupo, do ponto de vista jurídico, a SEARA é apenas uma fraternidade da Ordem Franciscana Secular com estilo e características próprias, porque nela os franciscanos seculares se comprometem por voto privado a viver no celibato pelo Reino mediante a profissão dos conselhos evangélicos de castidade consagrada, pobreza e obediência".

E mais adiante, no mesmo Prefácio:

"A SEARA vive ainda sua fase de fundação, organização e explicitação sócio-teológica. Como fraternidade da Ordem Franciscana Secular pede à hierarquia da Primeira Ordem de São Francisco que a reconheça como tal, assuma o cuidado espiritual da mesma..."

E os Superiores de minha Província, de fato, a assumiram inclusive através de um documento formal de aprovação.

Foi assim que, num momento de não aceitação por parte da autoridade diocesana da Igreja de Ponta Grossa, encontramos uma "provisória" segurança jurídica que nos "concedia" o direito de existir na Igreja. E o "Esquema Funcional" dizia isso explicitamente:

"A SEARA encontra sua segurança jurídica confiando-se aos cuidados da Primeira Ordem de São Francisco e da sua hierarquia pedem o favor do reconhecimento da SEARA como fraternidade, com estilo e características próprias, da Ordem Franciscana Secular. E por intermédio da mesma hierarquia da Primeira Ordem Franciscana, após o tempo de oportuna experiência e amadurecimento dos primeiros frutos, se assim aprouver ao Pai do qual procedem todos os dons, o qual somente nos dá o poder e o querer as coisas que valem para a vida eterna, pede ao Pastor supremo da Igreja, o Papa, o reconhecimento e a aprovação dos vínculos que, de maneira estável e perpétua, os Arautos assumem diante do confessor".

Na verdade não era isso o que queríamos, mas foi isso que nos livrou "dos que nos perseguiram", porque nos colocava sob a proteção de um "poderoso", o Ministro Provincial de minha Província. Nós nada sabíamos a respeito dos Institutos Seculares na Igreja. Não tínhamos nenhum conhecimento dos Documentos da Igreja a respeito dos Institutos Seculares. Não sabíamos que na Igreja já existia um direito para defender a nossa proposta. Só mais tarde fizemos esta descoberta. Por isso buscamos "soluções erradas" traindo, até certo ponto, o Dom que recebêramos do Senhor.

Esta "anexação" da SEARA à Ordem Franciscana Secular, confiada não ao Bispo mas aos Superiores da Primeira Ordem Franciscana, foi a novidade mais saliente do "Esquema Funcional". Mas esta nossa segunda expressão de fixação por escrito trouxe também mais alguns enriquecimentos às anteriores formulações:

1. NA CONSAGRAÇÃO - *"As moradias dos Arautos da SEARA devem refletir a opção teológica de homens e mulheres cujo reino não é deste mundo, mas que neste mundo e em suas realidades terrenas buscam viver já aquilo que todos viverão um dia na era da ressurreição".*

Um dos motivos pelos quais a SEARA nasceu, declarava o "Esquema Funcional", foi o de inculcar o sentido da escatologia não apenas em sentido absoluto (= viver já, embora na opacidade da fé, a realidade que será vivida no mistério da ressurreição da carne), mas também em sentido relativo, isto é, traduzir em instituição social as situações sociológicas já anunciadas nas realidades e exigências do mundo (= aceno implícito à secularidade!), mas ainda não percebidas e assumidas pelos atuais prestadios do bem estar material e espiritual dos povos.

A definição da matéria dos votos também recebeu importantes enriquecimentos no "Esquema Funcional", principalmente o voto de obediência, que então já começou a se configurar com o nosso modo

típico de vê-lo como voto de fraternidade. Dizia  
-se, com efeito:

*"Pelo compromisso de obediência fraterna o Arauto se compromete viver em fraternidade com os seus irmãos de ideal, com os quais não quer ter senão um só coração e uma só alma, formando a própria família, com a qual deverá se constituir em modelo de família, procurando traduzir na realidade da vida grupal a realidade da vida futura, na qual Deus será tudo em todos e todos serão consumados na unidade".*

Emergiu na obediência, tal como também aconteceu em relação à castidade e à pobreza, os aspectos de contestação, protesto e expiação:

*"Pela obediência o Arauto se levanta como sinal de contestação, protesto e expiação contra todas as rebeldias dos súditos e abusos de autoridade dos superiores, contra todas as formas de distorção da verdade, contra o orgulho e a presunção dos que, em nome da liberdade e da ciência, afastam os corações da sã doutrina, em particular dos ensinamentos que nos vêm da Palavra de Deus confiada ao Magistério da Igreja".*

E para a pobreza:

*"Pelo compromisso de pobreza o Arauto compromete-se habilitar-se profissionalmente para levar vida de trabalho ao lado de todos os que lutam para ganhar o pão com o suor do próprio rosto (= outra afirmação implícita de secularidade). Nesta opção de pobreza, o trabalho e a habilitação profissional é, para o Arauto, antes de tudo participação na obra da redenção da matéria, porque toda a criatura geme como que em dores de parto até agora, esperando a adoção dos filhos de Deus, a redenção do nosso corpo. De igual modo o trabalho é também liturgia vital da existência, pela qual o homem se entrega ao desempenho da missão do progresso plasmando a matéria e recriando o mundo, porque procura Deus invisível como que às apalpa-*

*delas no claro-escuro das coisas visíveis.*

Também para a pobreza o Esquema Funcional fazia emergir os aspectos de contestação, protesto e expiação:

*"Pelo compromisso de pobreza o Arauto se levanta como sinal de contestação, protesto e expiação contra todas as formas de injustiça social, contra o egoísmo e a avareza pela qual os povos ricos se tornam mais ricos às custas dos povos pobres que se tornam mais pobres".*

E, finalmente, para a castidade:

*"Pelo compromisso de castidade o Arauto se compromete a uma ascese de purificação do coração em virtude da qual se torna capaz de amar, sem se prender, a todas as criaturas, em especial aos deserdados do amor, e daí é levado a assumir, de modo afetivo e efetivo, a dor dos que sofrem e a alegria dos que se alegram".*

2. NA SECULARIDADE - O "Esquema Funcional" afirmava com mais clareza a nossa opção pela secularidade plena nos seguintes pontos:

*"A SEARA é uma Fraternidade de homens e mulheres que escolhem o celibato pelo Reino na vivência dos conselhos evangélicos sem separar-se sociologicamente da vida civil; apenas adotam, em relação ao mundo, as rupturas teológicas que são postulados não apenas da consagração batismal, mas também da consagração virginal".*

*"Os Arautos da SEARA se organizam em pequenas fraternidades, isto é, em agrupamentos que, no estilo e características sociológicas, se identificam com as famílias civis do ambiente em que vivem".*

*"As moradias dos Arautos refletem a opção teológica de homens e mulheres cujo reino não é deste mundo, mas que NESTE MUNDO, isto é, nas su-*

*as realidades terrenas, buscam viver já aquilo que todos viverão um dia na era da ressurreição".*

O "Esquema Funcional" falava dos motivos pelos quais nasceu a SEARA, e dizia que um deles era o de "encarnar os valores perenes do Reino de Deus, expressos pelos conselhos (evangélicos, nos valores da sociedade industrial e tecnológica". Dizia também que o outro motivo foi o de "ir ao encontro da crise da vida religiosa tradicional determinada, ao que parece, ao menos em grande parte, pela identificação que na sociedade tradicional se fazia entre Família e Empresa, bem como pela influência de uma espiritualidade platônica ou platonizante que bem depressa transformou a necessária ruptura teológica com o mundo em ruptura sociológica quando, segundo o Evangelho, os discípulos de Cristo 'não são do mundo' (= ruptura teológica) mas 'estão no mundo' (= presença sociológica).

O "Esquema Funcional", finalmente, acentuava a secularidade de nossa vida com esta colocação, a atitude do Arauto perante sua família de sangue:

*"O Arauto, no desempenho de sua vocação de promoção de seus irmãos com seus próprios recursos materiais, faz isso a começar pela sua própria família, cujos membros assume agora não mais por motivações derivadas apenas dos laços do sangue, mas porque sua família - em particular os seus pais na velhice, - antes de qualquer outro, são o Cristo a quem escolheu como único amor".*

CONCLUSÃO - O tempo de nossa segunda fixação por escrito foi um tempo "fraco", correspondem ao nosso tempo de "crise" existencial, e sua maior novidade foi a de começar a configurar-nos como Instituto Franciscano, Entretanto, os caminhos pelos quais nos desperávamos para a vida franciscana não eram "autênticos": nós o escolhíamos mais pressionados pela necessidade de nos defender diante do Sr. Bispo de Ponta Grossa. Não obstante

isso, porém, foi por aí que o Senhor nos conduziu a São Francisco, foi por aí, por estes caminhos "não autênticos", que começou a nossa ligação com a Terceira Ordem de São Francisco.

Além deste nosso "iniciar-nos" numa vida franciscana, o que recebemos, neste período, foi apenas alguns enriquecimentos em nossos conceitos de consagração e secularidade. Em nada se desenvolveram os nossos outros dois conceitos-chaves de eclesialidade e fraternidade. Podemos até perceber que na eclesialidade voltamos atrás e regredimos.

Como já vimos na primeira parte, este período "fraco" de nossa fixação por escrito correspondeu ao tempo de "profunda depressão" em que vivemos naquele tempo de laboratório e gestação. Tudo esteve para ruir e fracassar... não fosse aquela intervenção "dura" que fiz a partir do segundo semestre de 1976, com a "revisão crítica" da SEARA da qual agora vou falar e o "novo começo" que então foi dado à nossa obra.

## REVISÃO CRÍTICA DA SEARA EM AGOSTO DE 1976

O NOVO COMEÇO - A partir do segundo semestre de 1976 o "Esquema Funcional", elaborado em fins de 1974, foi remodelado. Passou a receber outro nome: "Documento Básico da SEARA"; foi redigido com outra forma externa, mais verdadeiramente "nossa", mais natural: superamos a "artificialidade" do "Esquema Funcional"; superamos também a sua "frieza". Com este novo texto, ou com esta nova expressão de nossa fixação por escrito:

1. Por nossa própria conta e unilateralmente, rompemos o acordo de filiação à Ordem Franciscana

Secular: a SEARA não é uma Fraternidade da Ordem Franciscana Secular, mas simplesmente uma Fraternidade de Vida Consagrada a Deus e reúne homens e mulheres que buscam viver o mistério da virgindade escatológica em pobreza e fraternidade sem separar-se sociologicamente da vida civil (= afirmação clara do binômio consagração-secularidade). Esta mudança significou nossa decisão para levar em frente a missão que o Senhor nos havia confiado sem fazer "pactuações" e aceitando ser perseguidos e dificultados por todos os que quisessem fazê-lo. Nós precisávamos, antes de tudo, ser fiéis ao nosso apelo interior que pulsava em nossa consciência e banir qualquer medo em relação aos "poderosos" que quisessem servir-se de seu "poder" para barrar nosso caminho. "O Senhor é nossa força, nossa defesa, nossa rocha, e dá aos nossos pés a agilidade das corças e nos faz sentar sobre as alturas"! Estávamos prontos para o combate, mas havíamos aprendido a maneira de combater que nos era ensinada por São Francisco: "se nos expulsassem por uma porta, sairíamos com humildade, mas entraríamos por outra e insitiríamos de novo, sempre com humildade, para que nos ouvissem e acolhessem". Era assim que São Francisco queria "brigar" para "vencer os prelados da Igreja". Nós brigariamos da mesma forma e, confiados no seu exemplo, em sua doutrina e, principalmente, na sua proteção, venceríamos os prelados da Igreja. E venceremos!

2. Rompemos com a "instituição franciscana"; isto é, com aquela ligação jurídica à Ordem Franciscana Secular, mas não rompemos com a espiritualidade franciscana, e ficou em nós a sua marca característica: o vínculo sagrado de Fraternidade; e assim superamos por completo as nossas anteriores oscilações com relação ao conteúdo do vínculo de obediência. Foi este o ponto mais forte da nossa "revisão crítica" e do "novo começo": o nosso, é um modelo de vida fraterna! Deixamos de falar em obediência e entramos em cheio com o conceito de fraternidade. A nossa obediência é a vida em fra-

ternidade que supõe sério e profundo treinamento para a vida fraterna: preparar-se e treinar-se para a vida fraterna será o grande desafio da formação para a nossa vida; percorrer um itinerário de crescimento na vida fraterna será a nossa ascese típica, característica, inconfundível.

3. O Documento Básico da SEARA estruturava com mais simplicidade e clareza o organismo interno da SEARA enquanto realidade social constituída por "fraternidades" de Arautos, as quais deviam distinguir-se em "oficiais" e "experimentais"; as fraternidades de Arautos, em suas Assembléias, que se distinguiam em Ordinárias e Extraordinárias, deviam eleger o Conselho Executivo da SEARA, isto é, a SEARA, como agrupamento de fraternidades locais de Arautos, era governada por Assembléias e por um Conselho Executivo eleito pelas Assembléias.

4. O "Documento Básico" de 1976 também definiu a com mais simplicidade e solidez o programa de formação para a vida na SEARA, as etapas de engajamento na SEARA, e criava a figura do Monitor, como mestre responsável pela formação dos Arautos à vida consagrada na SEARA.

5. A definição da matéria dos vínculos sagrados do Celibato pelo Reino, Pobreza e Fraternidade atingiu, neste Documento, praticamente a clareza e a forma amadurecida que encontramos hoje no atual texto da Constituição; só não se falava, neste Documento, do especial vínculo de Obediência aos pastores da Igreja. Percebe-se como esta lacuna era expressão da "solidão" que então passamos a viver: estávamos sem apoio algum. Havíamos recusado o apoio jurídico oferecido pela Ordem Franciscana Secular e sabíamos que não podíamos contar com o apoio do Bispo diocesano de Ponta Grossa. Pessoalmente, eu me vi também sem o apoio daqueles que me seguiam. A redação daquele Documento Básico foi feita por mim, pessoalmente, foi decisão minha, foi a reação que tive diante do grupo que se havia dividido em dois partidos opostos e, em certo sentido, também se "transviava".

Redigi este Documento básico comuniquei a

todos o "novo começo"; inclusive, em certo sentido "desliguei" a todos os que eram tidos como membros da SEARA: era necessário uma "nova opção" que exigia, por conseguinte, uma "nova admissão"; os que desejassem seguir-me e associar-se comigo na busca deste ideal, tinham aí a nossa proposta reformulada; cada qual era livre para dizer "sim" e para dizer "não". E para os que quisessem dizer "sim" haviam "prazos" e haviam "condições", e estas estavam nos termos do Documento Básico e no Termo de Compromisso Inicial com o "mínimo absolutamente indispensável", aquê<sup>m</sup> do qual não era legít<sup>imo</sup> o "existir" na SEARA.

Já escrevi na primeira parte, e contei como foi dura aquela minha intervenção. Entre eu e o grupo instalou-se uma crise feita de relacionamentos "tensos", e vários deles desistiram. Foi uma "sacudida" violenta. Este Documento Básico, praticamente, até os inícios de 1978, ficou só em minhas mãos, enquanto a "turminha", sacudida pelo vendaval, na sua quase totalidade, demonstrava toda uma gama de constrangimentos para ouvir-me. Foi a época do meu "confronto" com os líderes dos dois "movimentos" - o "pelagiano" e o "luterano" - de que falei na primeira parte. O Documento Básico, cuja redação assinei no dia 22 de agosto de 1976, isto é, no dia em que completei 40 anos de idade, era um "breque" em uns e outros. Como já falei na primeira parte, num primeiro momento de minha intervenção, senti que até os mais dóceis e mais fiéis dos meus alunos ficaram "sentidos" comigo.

Aos poucos, porém, voltaram a ouvir-me e a compreender-me: delineava-se assim o grupo daqueles que, a partir de 1980, iria tornar-se verdadeiramente o grupo fundador da SEARA. E comigo, a partir desta data, começaram a ser "alvos" dos ataques daqueles líderes dos dois supramencionados movimentos, e "sofreram" comigo a prova da solidão e do isolamento.

O Documento Básico de 1976 foi o prelúdio imediato da terceira expressão de nossa fixação escrita, a partir de 1978.

## TERCEIRA EXPRESSÃO DE NOSSA FIXAÇÃO

### POR ESCRITO

A terceira expressão de nossa fixação por escrito teve lugar a partir dos inícios de 1978, mas foi preludiada pelo "Documento Básico" de revisão crítica que publicáramos em agosto de 1976. A nossa nova expressão foi apenas uma "ampliação", "aprofundamento" e "aperfeiçoamento" daquele Documento do "novo começo". Já havia terminado, ao menos para mim, o tempo de crise e "depressão" também em sua "segunda noite", e foi quando tomamos a decisão de que a SEARA haveria de nascer. Foi quando a "certeza" se fez "decisão" e a "segurança" se tornou característica de nossas buscas. Por isso chegamos a planejar as "etapas futuras" da gestação e do parto, e passamos a falar em "anteprojetos", "projetos" e "fundação".

Nossas expressões se mostraram assaz serenas, maduras e equilibradas, espelhando assim a realidade de nossa vida que, depois da prova, se purificara. Aproximamo-nos realmente, em muitos pontos, daquela que seria a nossa expressão definitiva, o atual texto de nossa Constituição.

Nossa proposta, então, ampliando, aprofundando e aperfeiçoando a mesma linha de pensamento do "Documento Básico" de 1976, se fixou em quatro escritos: o "Documento Básico da SEARA", o "Manifesto Espiritual do Arauto", o "Projeto Funcional da SEARA" e a "Regimentação Interna dos Prestádios".

O DOCUMENTO BÁSICO, diferente do que promulgáramos em 1976, continha apenas os dispositivos julgados permanentes e definitivos de nossa vida; era o Documento para o qual pedíamos a aprovação da hierarquia eclesiástica; correspondia ao que hoje chamamos Código Fundamental.

O MANIFESTO ESPIRITUAL foi ampliado e enriquecido com novos capítulos referentes à dinâmica da vocação e alguns outros enriquecimentos e aperfeiçoamentos. Ele continha a "mística" da SEARA, a espiritualidade própria do Arauto, nossas grandes convicções teológico-espirituais. Era documento de espiritualidade.

O PROJETO FUNCIONAL continha a organização jurídica da SEARA, o nosso Direito Próprio e particular, pelo qual nos estruturávamos como grupo social.

A REGIMENTAÇÃO INTERNA era a aplicação de certos pontos genéricos do Projeto Funcional. Trazia as normas mais provisórias e mais pormenorizadas, ao serviço do governo da SEARA e de cada Fraternidade de Arautos.

Foi com esta nova formulação que saímos em público para dialogar com os prelados da Igreja, e pedir para que nos ajudassem a pensar e, se possível, que nos acolhessem e aprovassem nossa proposta. Foi também com esta nova formulação que começamos a compor definitivamente o grupo que seria fundador da SEARA; com efeito, no ano seguinte, em setembro de 1979, constituiríamos o quadro oficial dos membros da Assembléia de fundação.

Os quatro supramencionados Documentos, nossa terceira fixação por escrito, constituía aquilo que designamos como o "ante-projeto" da proposta da SEARA; com a constituição da Assembléia de fundação, os Arautos que a integravam recebiam a incumbência de converter meu ante-projeto em projeto.

A NOVA CONFIGURAÇÃO DA SEARA A PARTIR  
DE JANEIRO DE 1978

Em nossa terceira fixação por escrito a SEARA realmente assumiu uma configuração bem madurecida: foi a base e o ponto de partida para a nossa última e definitiva fixação por escrito, representada pelo texto da nossa Constituição. Os pontos principais desta nova configuração, que vieram superar ou enriquecer os anteriores, foram os seguintes:

1. Na linha da CONSAGRAÇÃO, os Arautos deviam prometer obediência e reverência aos Pastores da Igreja que estão em comunhão com a Sé Romana por causa do Espírito que recebem em virtude do Sacramento da Ordem e, nas mãos deles, deviam fazer os votos de Celibato pelo Reino em Pobreza e Fraternidade. Temos aí os vínculos sagrados próprios da vida consagrada na SEARA já claramente delineados, conforme a forma atual. O conteúdo dos votos de castidade, pobreza e fraternidade também já era descrito conforme o temos no texto atual da Constituição, exceto no caso da Obediência aos Pastores da Igreja. Mas não distinguíamos ainda entre promessa (= para a obediência) e votos (= para a castidade, a pobreza e a fraternidade). Foi a partir daí que se tornou explícita em nós a opção pelo "voto de fraternidade".

2. Na linha da SECULARIDADE ainda não havíamos tomado consciência de que estávamos dando à luz um Instituto Secular, mas já definíamos com muito mais clareza a matéria da vida consagrada própria de um Instituto Secular. Dizíamos, por exemplo:

*"A SEARA é uma proposta de vida plenamente consagrada a Deus, mas vivida não à maneira dos conventos, e sim à maneira civil vivida pelo povo.*

Por outro lado, é proposta de uma vida civil, puramente civil (= isto é, não religiosa), mas vivida de maneira consagrada no Celibato pelo Reino em Pobreza e Fraternidade. Não queremos uma vida religiosa, mas uma vida consagrada no Celibato pelo Reino. Não queremos a vida de um convento ou de um mosteiro, mas queremos viver a vida que foi vivida por Jesus e os Doze encarnada na realidade sociológica do nosso mundo. Ao elaborar a nossa proposta, tivemos três pontos de referência: 1º O Evangelho, na maneira como o lemos sob o prisma da experiência de Jesus e os Doze; - 2º O "modelo fraterno" de vida no celibato pelo Reino descoberto por São Francisco de Assis; - 3º A nova situação sociológica do mundo em que vivemos, inaugurada com o advento da civilização industrial e tecnológica: queremos encarnar os valores do Reino - traduzidos nos compromissos de Celibato em Pobreza e Fraternidade - nesta nova situação sociológica de tal forma que tais valores se tornem perceptíveis e compreensíveis para os homens que nos rodeiam; faremos isso se levarmos a vias de fato a definição que o Vaticano II, na Lumen Gentium, nos dá da vida consagrada, dizendo que ela é 'sinal do Reino para todos os homens, fiéis e infiéis', e purificando, por conseguinte, a mesma vida consagrada, dos adesivos de cosmovisão platônica com os quais, sem perceber, ao longo dos séculos se contaminou".

Era assim que definíamos a nossa "secularidade". Mas estas palavras que acabamos de citar não se encontravam no Documento Básico com o qual pretendíamos apresentar-nos aos prelados da Igreja a fim de obter uma aprovação. Tal Documento nada dizia sobre a nossa secularidade, e tão somente apresentava os valores essenciais e centrais da nossa consagração. Eram palavras que se encontravam em parte apenas no Projeto Funcional, e mais claramente, numa "Síntese" de nossa proposta que elaboramos como apresentação aos prelados da Igreja. Isto indica que, embora já tivéssemos consciência clara de nossa secularidade, ainda havia

- 178 -

algum caminho para percorrer até que chegássemos a uma conscientização plenamente satisfatória.

3. Nossa opção por uma VIDA FRANCISCANA também ficou enriquecida. Já havíamos rompido com a Instituição Franciscana da Terceira Ordem Secular com o Documento Básico de 1976. Havíamos ficado, porém, com São Francisco e sua espiritualidade. Agora, em 1978, assumimos consciência clara a respeito de nossa opção pelo "moderno fraterno" de São Francisco, não só como mística de vida em fraternidade, mas também como organização social segundo uma estrutura social fraterna. O nosso modelo de vida é o modelo fraterno de São Francisco. É o modelo fraterno de São Francisco possui os seguintes valores fundamentais:

Nasce nas MONTANHAS e nas ESTRADAS: a montanha é compromisso com Deus, ou melhor, compromisso para buscar tempos frequentes e longos na solidão total com Deus; a estrada é compromisso com o mundo, vivendo no meio dos homens e partilhando a condição comum a todos na vida temporal.

Mas entre a MONTANHA e a ESTRADA bem depressa surgiu uma CABANA, porque Francisco, a certa altura de seu itinerário, começou a ser seguido por discípulos. E viveram em casas pobres, pequenas e humildes; era uma Cabana, na verdade, e não propriamente uma casa, um lugar pequeno, apertado, que exigia um existir muito próximos um do outro, inclusive exigia uma proximidade física, e um viver com um mínimo de coisas. A CABANA é a vida em fraternidade: é dela que o irmão sai para as suas buscas de tempos longos na solidão com o Senhor, e também é delas que sai a fim de viver no meio dos homens e realizar uma pregação antes de tudo pelo ser, pelo testemunho da vida, do que pelas palavras. É preciso sempre "decolar" da Fraternidade: se isto não acontecer, se o irmão foge da fraternidade e se recusa à convivência profunda com os seus irmãos, São Francisco desconfia seja das buscas de Deus, seja das buscas do mundo: elas podem estar contaminadas por secretas buscas de si mesmo.

Mas a Casa-Cabana (= isto é, a Fraternidade) edificada por São Francisco devia estar alicerçada sobre a ROCHA, ou sobre uma firme SAPATA de concreto armado: a ROCHA ou SAPATA era a obediência e reverência aos Pastores da Igreja, à Igreja Romana, ao Senhor Papa e aos Prelados e Sacerdotes que vivem conforme a Santa Igreja Romana. Os irmãos devem ser "católicos" e professar de maneira ortodoxa a fé professada pela Santa Igreja Romana e os seus sacramentos. E devem ser submissos e obedientes e todos os Prelados da Igreja.

Bebendo nesta fonte de inspiração que encontramos em São Francisco de Assis, conseguimos elaborar nosso conceito de obediência aos Pastores da Igreja e nosso conceito de voto de Fraternidade, porque percebemos que, segundo São Francisco, a obediência, quando se torna consumada, converte-se exatamente em pura vida fraternida, onde cada irmão tem como única preocupação a de agradar ao seu irmão. A "verdadeira e santa obediência de nosso Senhor Jesus Cristo", segundo São Francisco, não é um relacionamento de superiores para súditos e vice-versa, mas uma relacionamento de mãe que ama e nutre o filho segundo a carne, e de filho que manifesta à sua mãe, com muita confiança, as suas necessidades. Ele disse: "Não tenham poder ou dominação sobre ninguém, principalmente entre si; pela caridade do Espírito, sirvam e obedçam voluntariamente uns aos outros; esta é a verdadeira e santa obediência de nosso Senhor Jesus Cristo" (Regra da TOR, n. 25).

3. Quanto à ECLESIALIDADE, ela se afirmava de novo e eloquentemente com nossa promessa de obediência aos Pastores da Igreja. Além disso o Documento Básico de 1978 trazia mais estas expressões:

*"Prometemos cultivar, organizar e redirecionar nossa vida de tal forma que ela seja sempre mais plenamente eclesial e colocamo-nos, na Igreja, ao serviço da hierarquia e dos leigos, prometendo habilitar-nos para que este serviço seja*

prestado com humildade, alegria, despreendimento e tanto quanto possível, com verdadeira e eficiente competência. Mas, ao mesmo tempo, renunciaremos a qualquer poder ou cargo que, na Igreja, envolva e exercício de autoridade visível, seja sobre clérigos, seja sobre leigos".

Dizíamos ainda, no mesmo Documento Básico:

"Pedimos aos Pastores da Igreja que aprovelem para nós este Documento o qual, conforme a escolha que fizemos, contém os compromissos básicos, permanentes e definitivos da vida que queremos viver no seguimento de Cristo, conforme o modelo proposto pelo Evangelho. Entregamos este Documento nas mãos da Igreja e, uma vez recebida a aprovação de sua hierarquia, renunciaremos ao direito de mudá-lo sem o consentimento da mesma hierarquia e de acordo com os critérios por ela mesma estabelecidos. E aos mesmos Pastores da Igreja pedimos, ao mesmo tempo, que ratifiquem a norma segundo a qual, qualquer outra norma na SEARA nunca seja tão básica, permanente e definitiva que não seja emendável, cassável ou substituível por outra, nas Assembléias dos Arautos".

E o Manifesto Espiritual dizia:

"Quero perscrutar os sinais da vontade do Pai antes de tudo na Igreja, pela voz de seus Pastores. Aos Pastores da Igreja, portanto, em virtude do meu compromisso de Fraternidade, prometo obediência e reverência segundo o Evangelho em todas as coisas que foram confiadas ao governo deles. E ao longo de toda a minha vida quero ter sempre meu pai, mestre e pastor na pessoa de um sacerdote, ao qual abrirei com frequência a minha alma e confiarei o governo das vicissitudes do meu itinerário na obscuridade da fé, na combatividade da esperança e na laboriosidade da caridade. Creio que nos sacerdotes da Igreja repousa o Espírito do Senhor para apascentar, ensinar e santificar o povo de Deus, e isto acontece inde-

pendentemente de seus dotes, virtudes ou méritos pessoais".

A respeito do Diretor Espiritual o Projeto Funcional dizia assim:

*"Na área dos assuntos pertencentes ao itinerário interior da vida em Cristo - o itinerário peregrinante da fé, - a autoridade sobre cada Arauto compete ao sacerdote que, em virtude do Espírito que nele repousa pelo sacramento da Ordem, recebeu o ministério para ensinar, santificar e apascentar o povo de Deus. É o governo espiritual, exercido pelos membros da hierarquia eclesiástica. Na SEARA este sacerdote chama-se "assistente pastoral" (= este nome nunca pegou!). Geralmente é um presbítero. Há mais plenitude de significado, porém, se fôr um Bispo. Cada Arauto tem sempre seu Assistente Pastoral, seu Mestre, seu Pai e seu Pastor, e a ele confia o governo de sua vida em Cristo na peregrinação da fé, na combatividade da esperança e na laboriosidade da caridade. Em modo particular compete ao Assistente Pastoral receber, em nome da Igreja, o compromisso que o Arauto faz de Celibato em Pobreza e Fraternidade e cuidar do Treinamento para a vida com Deus ao se tratar de Arautos em fase experimental de Treinamento. É também ele quem dispensa o Arauto dos vínculos contraídos por seus compromissos..."*

5. No que respeita à FRATERNIDADE, a terceira expressão de nossa fixação por escrito representou um grande avanço e se aproximou muito do que seria depois o texto da Constituição. Foi o ponto em que mais registramos novidades. Foi a partir daí que a SEARA ganhou realmente a sua dimensão de vida consagrada secular segundo um Modelo Fraternal.

a) Antes de tudo, como já vimos, foi a esta altura que descobrimos a obediência como vida em Fraternidade e nos propomos fazer "voto de fraternidade" em virtude do qual, inclusive, prome-

tíamos obediência aos Pastores da Igreja. Os Arautos da SEARA, em consequência deste vínculo, deviam agrupar-se em Fraternidades, as quais, naquela altura, passamos a denominar "Cabanas". A "Cabana" era a pequena fraternidade formada por dois ou mais Arautos. Encontramos este nome ao analisar a maneira como surgiu o Franciscanismo: ele surgiu nas MONTANHAS e nas ESTRADAS, entre as quais havia uma CABANA que se assentava sobre a ROCHA firme e SAPATA de concreto armado da obediência e reverência aos Pastores da Igreja. A Cabana, ou fraternidade local, era definida como um lugar onde os Arautos convivem em profundidade, formando uma comunidade de trabalho, de oração e de vida. Os Arautos deviam treinar-se para viver na Cabana, dentro da qual não existem superiores, porque todos são iguais, uma vez que um só é o nosso Pai que está nos céus e um só é o nosso Mestre, Cristo, e a ninguém devemos chamar de Pai ou de Mestre, porque todos somos irmãos.

b) Todos os Arautos deviam formar a sua fraternidade, mas não necessariamente os membros de uma Cabana devia residir num mesmo domicílio. A Cabana podia ser mista, isto é, reunir homens e mulheres, mas não os domicílios. As Cabanas se distinguiam em oficiais e experimentais, conforme reunissem, respectivamente, Arautos que já houvessem concluído sua formação inicial ou não. As Cabanas experimentais deviam ser assessoradas por um Monitor, e este devia ser ou um Sacerdote, ou um Arauto já formado.

c) A Cabana devia ser a célula-mãe da SEARA, e entre todas as Cabanas devia haver uma unidade de inspiração, de algumas exigências básicas e de algumas estruturas fundamentais. Respeitadas estas condições, cada Cabana devia gozar de grande autonomia em relação às outras. O Projeto Funcional previa detalhadamente várias condições para a criação de Cabanas experimentais e oficiais... e não eram condições fáceis de serem preenchidas.

d) A Regimentação Interna dos Prestádios trazia um capítulo sobre a vida interna de uma Cabana, regulamentando basicamente a reunião fraterna e traçando algumas linhas rudimentares de treinamento para a vida fraterna. Alguns destes critérios hoje se acham desenvolvidos e aperfeiçoados no Diretório Espiritual.

6. O GOVERNO DA SEARA - Foi a partir de 1978 que também começamos a esboçar a forma de governo próprio da SEARA, preludivando aquela forma que mais tarde seria endossada pela nossa Constituição.

a) A autoridade sobre a SEARA, em forma solene, competia às Assembléias das Cabanas que ordinariamente deviam ser celebradas de três em três anos e extraordinariamente sempre que ao menos dois terços das Cabanas o solicitassem. As Assembléias deviam eleger os membros do Conselho e atualizar os textos do Manifesto Espiritual e do Projeto Funcional. O Projeto Funcional traçava normas a respeito da voz de que gozavam os participantes das Assembléias, mais ou menos como as que se encontram hoje na Constituição. A Regimentação Interna dos Prestádios, em seguida, regulava o funcionamento das Assembléias, a maneira de proceder no tratamento de suas agendas, desde a convocação até o encerramento.

b) Em forma simples e cotidiana, a autoridade sobre a SEARA era confiada ao Conselho. O Conselho era concebido como uma autoridade de julgamento, pronunciamento e coordenação. O Conselho devia ser constituído no mínimo por três membros. Era missão do Conselho o agir junto aos Arautos e às Cabanas para que as normas do Projeto Funcional, da Regimentação Interna e o ideal de vida do Manifesto fossem traduzidos em fatos. Era o pronunciamento do Conselho que fazia com que os atos ou movimentações dentro da SEARA tivessem valor de legitimidade. O Conselho não impunha que isso ou aquilo fosse feito, mas devia declarar que isso ou aquilo que se pretendesse fazer ou se fazia era feito legitimamente ou não dentro da SEARA.U-

ma das incumbências especiais do Conselho era a de manter diálogo constante com Monitores das Cabanas experimentais e com os Assistentes Pastorais dos Arautos. Devia exercer certa vigilância sobre a atuação dos Monitores e Assistentes. A Regimentação Interna dos Prestadios, em seguida, detalhava todas as obrigações do Conselho em relação à toda a SEARA, em relação às Cabanas, em relação aos Monitores, em relação aos Assistentes e em relação a cada Arauto.

7. A FORMAÇÃO - Outra novidade desta terceira etapa de nossa fixação por escrito foi a do esquema, itinerário e conteúdo da formação inicial, bem como dos critérios de admissão na SEARA.

a) A incorporação do Arauto na SEARA percorria três etapas: a de iniciação, a de confirmação e a de consagração. Não se estabeleciam prazos de tempo em que o Arauto devia permanecer nas duas primeiras etapas. A admissão à primeira etapa e, portanto, à vida na SEARA, era feita mediante um Compromisso Inicial que consistia num programa de vida espiritual; este continha um mínimo de exigências aquês das quais não se concebia a vida na SEARA. A Regimentação Interna estabeleceu a os oito t<sup>er</sup>mos deste Compromisso Inicial. Eram os t<sup>er</sup>mos do "mínimo absolutamente indispensável" que elaborei em 1976, atualizados.

b) O Projeto Funcional previa bem detalhadamente as condições dentro das quais se devia admitir os Arautos a cada uma das três etapas da incorporação na SEARA. Após a consagração perpétua os Arautos homens, que o quisessem, podiam pedir ao Bispo Diocesano a consagração sacerdotal, e os Arautos mulheres, a consagração virginal, desde que fossem observadas algumas condições, estabelecidas pelo Projeto Funcional.

c) Ao longo destas etapas de formação inicial os Arautos deviam ser confiados ao cuidado de um Monitor. Função do Monitor era o treinamento para a vida fraterna e para a convivência com os homens no mundo. A formação para a vida com De

us era confiada ao Diretor Espiritual. O Projeto Funcional detalhava os vários aspectos do programa de formação, que devia abranger estes três setores: vida com Deus, vida com os irmãos e vida com os homens no mundo.

8. PROGRAMA DE VIDA ESPIRITUAL - A última novidade desta nossa terceira fixação por escrito foi a determinação de um método e um programa de vida espiritual, prelúdio daquilo que hoje se acha publicado na primeira parte do nosso Diretório Espiritual. Este programa era apresentado pelo Manifesto Espiritual e pela Regimentação Interna. Tudo, como hoje, era assentado sobre o esforço de assimilação da Palavra de Deus, tempos longos e frequentes de solidão com Deus, vida sacramental (= Eucaristia e Penitência), mortificação e silêncio.

CONCLUSÃO - Nossa proposta de vida já está bastante amadurecida; tem-se dela uma visão serena e assaz consciente. Em muitas coisas, entretanto, ainda pecávamos por simplismos e ingenuidades; pecávamos também por algumas artificialidades; algumas outras coisas eram excessivas.

Ainda nada, ou muito fragmentariamente, determinávamos no que se referia ao apostolado. Dizíamos algumas coisas muito vagas, mas, neste ponto, nossas lacunas eram muito grandes. Ainda estávamos, neste setor, para fazer nossas descobertas.

Entretanto, o que estávamos fazendo era, na verdade, ainda um ante-projeto; sabíamos que as coisas deviam conhecer ulteriores itinerários até chegar à projetada fase de projeto e, finalmente, de fundação. De qualquer maneira sentíamos que nossa barca começava a desenvolver sua rota mais harmoniosamente, mais seguramente e mais decididamente. O Senhor nos preparava e cuidava de nós. Tu do devia ir sendo determinado e definido no seu devido tempo. E foi isso que aconteceu, a partir dos primeiros meses da década de 80, quando fomos dar no atual texto de nossa Constituição.

NOSSA QUARTA E DEFINITIVA FIXAÇÃO POR  
ESCRITO - A CONSTITUIÇÃO

Aconteceu nos primeiros meses de 1980, isto é, coincidiu com o momento em que realmente, com toda a segurança, se consolidou o grupo fundador da SEARA e todas as lutas e ambivalências do passado haviam terminado.

Inventamos este nome: "Constituição", por sugestão do Pe. Jean Beyer, através do bilhete que, por intermédio de Frei Moacir, nos enviou de Roma. Devíamos elaborar o texto de uma Constituição, e inclusive sugería-nos um esquema de capítulos, com seus títulos.

Para elaborar o texto da nossa Constituição, contávamos com nossas precedentes fixações por escrito, principalmente com as de 1978. Elas eram para nós o nosso ponto de partida: servi-nos-íamos daquele material, e passaríamos a compilar, a partir dele, o texto da nossa Constituição, conforme a sugestão do Pe. Beyer.

A esta nossa "matéria prima" ajuntaríamos as nossas pesquisas sobre escritos do Magistério da Igreja, dos canonistas e dos teólogos, principalmente do Pe. Beyer. Por isso começamos a fazer estudos sobre estes escritos: da fusão de ambas as fontes, nasceria o texto da nossa Constituição.

Este texto conheceria quatro redações: a primeira foi publicada no dia 1 de junho de 1980; a segunda, já bem mais enriquecida por nossas ulteriores pesquisas, foi a que entregamos ao Mons. Dorrnsoro, na Sagrada Congregação em Roma, no dia 10 de dezembro do mesmo ano; a terceira foi a redação que recebeu as emendas e as correções que nos foram sugeridas por Mons. Dorrnsoro, pelo

Pe. Beyer e por outros especialistas que, em Roma, nos ajudaram a refletir; o texto que saiu desta terceira redação foi apresentado e aprovado pelo Exmo. Sr. Arcebispo de Curitiba e promulgado pela nossa Assembléia de fundação no dia 6 de dezembro de 1981; finalmente, em decorrência de novas descobertas que viemos fazendo ao longo deste primeiro triênio de vida da SEARA e, principalmente, em decorrência de nossas novas consultas junto à Sagrada Congregação em Roma, estamos elaborando u ma quarta redação, que deverá estar pronta até o final deste ano de 1984 e ser aprovada e promulgada pela nossa segunda Assembléia que será realizada de 29 de dezembro de 1984 a 1 de janeiro de 1985.

Portanto, a redação do texto de nossa Constituição, entre os primeiros meses de 1980 e os últimos de 1984, passa por quatro fases, ou quatro redações: Primeira Redação: Junho 1980; Segunda Redação: Dezembro 1980; Terceira Redação, Fevereiro de 1981; Quarta Redação, janeiro-dezembro de 1984

PRIMEIRA REDAÇÃO (Junho de 1980) - Comparando nossas próprias descobertas, desde o janeiro de 1969 até o começo de 1980 com a doutrina do Magistério da Igreja, dos canonistas e dos teólogos, descobrimos que a nossa é a proposta de um Instituto Secular. Elaboramos, portanto, um texto que devia constituir o código fundamental e o direito próprio, com sua própria espiritualidade, de um Instituto Secular de vida consagrada em sentido estrito. Estes escritos do Magistério, dos canonistas e dos teólogos, revelavam nossa identidade na Igreja; diziam-nos que estávamos situados de uma maneira muito precisa e clara dentro da vida e da doutrina da Igreja; o que buscávamos era uma resposta que a Igreja já vinha dando desde o mês de fevereiro de 1947, com a Constituição Apostólica "Provida Mater Ecclesia"; o nosso carisma particular situava-se dentro de um carisma mais amplo e comum a muitos: o dos Institutos Seculares.

A "novidade", portanto, da primeira redação

de nossa Constituição, era o tomar consciência e o assumir a realidade e a existência de um Instituto Secular. Mas as "novas descobertas", partindo agora de nossos estudos sobre escritos do Magistério, dos canonistas e dos teólogos, levavam-nos a outras "novidades":

a) a definição de nossas três finalidades ou objetivos essenciais e fundamentais: a experiência contemplativa de Deus, a experiência fraterna e a ação de fermento no mundo;

b) os presbíteros na SEARA e sua fisionomia de médicos de almas que se liberam unicamente para as tarefas que, na Igreja, não podem ser feitas pelos Diáconos;

c) as pessoas casadas na SEARA, com o objetivo de formar diáconos e permitir aos presbíteros a liberação para as atividades que só os presbíteros podem exercer na Igreja;

d) a distinção dos membros da SEARA em membros em sentido estrito (=consagrados) e membros em sentido amplo (= casados);

e) a distinção, na formação, entre a etapa de formação inicial e a etapa de formação permanente e, dentro da etapa de formação inicial, os períodos de Postulado, Noviciado e Juniorado;

f) definição do conteúdo das tarefas que o Monitor deve desempenhar junto aos Arautos que lhe são confiados;

g) definição das obrigações da SEARA dos Arautos na Igreja e no mundo: um capítulo à parte inexistente em todas as nossas anteriores fixações por escrito;

h) definição, ainda embrionária, de nosso campo específico e modo de agir apostólico: capítulo também inexistente em todas as nossas anteriores fixações por escrito;

i) os quatro grupos dentro da SEARA (= homens leigos, mulheres, sacerdotes e casados), cada qual com seu Conselho particular que tem à frente

o Animador particular; o Conselho Geral é formado pelos membros dos quatro conselhos particulares e tem à sua frente o Animador Geral; definia-se embrionariamente a tarefa própria dos conselhos e dos animadores; definia-se a natureza e a fisionomia própria da autoridade na SEARA: autoridade colegiada.

SEGUNDA REDAÇÃO (= Dezembro de 1980) - Foi o texto que apresentamos na Sagrada Congregação a Mons. Dorrnsoro, que o submeteu ao parecer de um Censor. Trazia alguns aperfeiçoamentos e aprofundamentos ao texto da Primeira Redação, em consequência de nossos ulteriores estudos:

a) os quatro grupos passam a chamar-se NÚCLEOS, e cada um deles goza dentro da SEARA de uma certa autonomia de vida e de governo;

b) é desejável que na SEARA se constituam fraternidades compostas por Arautos pertencentes aos quatro núcleos nos casos em que se reúnem ao redor de um presbítero;

c) os Sacerdotes membros da SEARA permanecem ou são encardinados nas Dioceses; unem-se, por um novo vínculo, ao Bispo e seu Presbitério; tanto quanto possível devem renunciar ao exercício de encargos e atividades que os impedem de atuar unicamente como médicos de almas, profetas e educadores da fé; liberam-se unicamente para as necessidades propriamente "espirituais" do povo de Deus: pregação da Palavra, pastoral da Eucaristia e da Penitência, Direção espiritual das consciências, assistência aos doentes e a formação de almas, sobretudo dos que são chamados ao sacerdócio e à vida consagrada; devem distinguir-se em modo particular pela prática da Pobreza que consiste no viver com um mínimo de coisas a fim de repartir em maior abundância possível; os Arautos leigos e os Diáconos devem venerar de maneira especial os Arautos Sacerdotes, lembrados das palavras de São Francisco em seu testamento;

d) os Arautos casados: casais que se sentem

chamados por Deus e impelidos pelo Espírito a viver com radicalidade de fé a graça do matrimônio, em pobreza e fraternidade; sobretudo aqueles casais cujos maridos sentem-se chamados ao exercício da Ordem Sacra do Diaconado a fim de permitir a liberação dos presbíteros para as tarefas especificamente "espirituais", sem se envolver nas tarefas de ordem material, temporal e administrativa das Igrejas locais; os Diáconos, além disso, devem assumir também a pastoral do Batismo e do Matrimônio e o serviço da pregação da Palavra; a definição do vínculo sacro próprio dos casais; condições para a admissão de casais na SEARA; o apoio que os Arautos casados devem dar aos Arautos consagrados e vice-versa;

e) a obediência que os Arautos prestam à Igreja no próprio exercício da profissão civil e na vida social com os homens no mundo;

f) no capítulo sobre os deveres da SEARA e dos Arautos na Igreja e no mundo, acrescentam-se os aspectos sobre o "senso" de Igreja e sobre a "consagração do mundo" com as citações de textos extraídos dos discursos de Paulo VI;

g) enriquece-se o capítulo sobre o "campo específico e modo de agir apostólico" com afirmações mas claras e vigorosas sobre a secularidade e o apostolado que deve acontecer no próprio envolvimento da vida secular;

i) o emprego do "tempo livre" por parte do Arauto que deve ser definido segundo uma das três formas: contemplativa, apostólica ou alternada.

TERCEIRA REDAÇÃO (= Fevereiro de 1981) - Foi o texto que trouxe, além de novos enriquecimentos que nós mesmos conseguimos realizar em consequência de novas descobertas, as emendas, as correções, os acréscimos e as sugestões que foram feitas por Mons. Dorronsoró, Pe. Beyer, Frei Optato e Frei Lázaro. Feita esta redação, escrevi a Carta de Apresentação aos Arautos para dizer-lhes que "nossa Constituição está pronta", e após-lhe minha as

sinatura em Assis, na Igrejinha de São Damião, no dia 27 de fevereiro. As modificações introduzidas, os aprofundamentos e enriquecimentos, em relação às duas redações anteriores, foram os seguintes:

a) acrescentamos o Prólogo e denominamos os capítulos com títulos concretos. Por exemplo: em vez de "finalidades gerais", passamos a dizer: "Do nosso carisma"; o capítulo II - "Constituição do grupo", foi desmembrado em dois, sob os títulos: "Dos membros da nossa Família" e "Da nossa articulação fraterna"; o Cap. III, intitulado "Definição dos compromissos", passou a numerar-se capítulo IV sob o título: "Dos nossos vínculos sagrados"; o capítulo IV, "As etapas da formação", passou a numerar-se capítulo V e a denominar-se: "Da formação para a nossa vida"; o capítulo V, "Os deveres da SEARA e dos Arautos", passou a numerar-se capítulo VI sob o título: "Das obrigações de nossa família na Igreja e no mundo"; o capítulo VI, "Apostolado específico e modo de agir apostólico", passou a numerar-se capítulo VII sob o título: "Do nosso campo específico e modo de agir apostólico"; o capítulo VII, "Responsabilidades sobre os Arautos", passou a numerar-se capítulo oitavo sob o título: "Das responsabilidades sobre a nossa família"; o capítulo VIII passou a numerar-se capítulo IX sob o mesmo título: "Dons bens materiais na SEARA"; a conclusão passou a denominar-se "Epílogo";

b) outra modificação na forma: os capítulos mais longos passaram a ser subdivididos em títulos; de 28 artigos na primeira redação, havíamos passado para 31 na segunda redação: agora, na terceira redação, passamos para 33;

c) também os homens leigos consagrados no celibato, e não apenas os homens casados, podem ser admitidos à ordem sacra do diaconado permanente, caso sintam-se chamados;

d) a obediência aos Pastores da Igreja é vínculo sagrado contraído como promessa, não como voto e nem como juramento; o Celibato em castida-

de, a pobreza e a fraternidade são vínculos sagrados assumidos como voto; diz-se "consagração" perpétua, porque feita uma vez por todas, e não consagração "definitiva", sempre renovável; não se diz apenas "celibato pelo Reino" ao principal dos votos, mas se diz sempre "celibato pelo Reino entendido como castidade consagrada ou vingindade cristã";

e) no capítulo VI, "Das obrigações de nossa família na Igreja e no mundo", acrescenta-se o artigo 19 com dois parágrafos: o primeiro sugerido pelo Pe. Beyer, enunciando o carisma específico dos Institutos seculares, que é "manifestar ao mundo o Cristo que é amigo e convive lado a lado com os homens"; o segundo, por sugestão de F. Op-tato, a respeito do papel da B. V. Maria em nossa vida;

f) enriquece-se o texto em vários lugares com citações do Documento de Puebla: cf. art. III § 3; art. 8 § 1; art. 11, § 2 e 4; art. 13 § 2, 2º e 4; art. 17;

g) determina-se quais Arautos devem obrigatoriamente participar das Assembléias, e quais podem se fazer presentes facultativamente; determina-se o direito de voz nas decisões das Assembléias; determina-se que o cargo de Animador Geral não pode ser ocupado por um clérigo ou por um casado, mas sempre por um leigo, homem ou mulher, consagrado no celibato;

i) determina-se o critério de desmembramento futuro da SEARA em unidades autônomas distintas, sob governos autônomos.

QUARTA REDAÇÃO (= de janeiro a dezembro de 1984 - É a nova redação que ainda está em elaboração; deverá estar pronta até dezembro, mas praticamente já está definida. Para tanto convocamos os Arautos a participar o mais ativamente possível: que nenhum deles se omita em oferecer seu contributo à nossa reflexão; e eles estão correspondendo.

Das novidades desta quarta redação, algumas são devidas a novas descobertas, aperfeiçoamentos e aprofundamentos que, durante este primeiro triênio, viemos fazendo, e outras nos são ordenadas ou sugeridas por orientações que estamos recebendo da Sagrada Congregação por intermédio de Mons. Dorronsoro. São as seguintes:

a) com a promulgação da nova Regra dos Irmãos e das Irmãs da Terceira Ordem Regular de São Francisco pelo Papa João Paulo II em 8 de dezembro de 1982, delineou-se para nós a possibilidade de ligar-nos não apenas a São Francisco, mas também à Instituição franciscana da Terceira Ordem Regular com a nova fisionomia que assumiu em decorrência do novo texto da Regra: o Arauto da SEARA, portanto, além do texto de nossa Constituição, que é nosso documento jurídico-espiritual, é que contém nosso Código Principal, nosso Direito particular e a expressão de nosso carisma específico, assumem e professam a Regra dos Irmãos e das Irmãs da Terceira Ordem Regular de São Francisco, como seu Documento inspiracional; com isso passamos a configurar-nos como membros da mesma Terceira Ordem Regular de São Francisco;

b) não dizemos mais que a proposta da SEARA a membros em sentido amplo é uma proposta aos "casais", mas às "pessoas casadas"; estes membros em sentido amplo não constituem um grupo com autonomia jurídica de governo dentro da SEARA, mas se subordina ao governo daqueles que são consagrados em sentido estrito;

c) os outros três "grupos" ou "núcleos" de homens leigos, mulheres e sacerdotes passam a se configurar como três Institutos; segundo orientações que estamos recebendo da Sagrada Congregação, por intermédio de Mons. Dorronsoro, estes três Institutos devem gozar dentro da SEARA de completa autonomia jurídica, sem que o governo de um tenha qualquer dependência em relação ao governo de outro; inclusive cada um dos três Institutos deverá ter sua própria Constituição, ou Código Principal, e deverá ser tratado por três distintos processos

de ereção canônica. Estimulados pelos Bispos de Curitiba, nossos "pais" e "defensores", procuraremos dialogar com a Sagrada Congregação e obter a aprovação de uma fórmula que respeite os seguintes pontos:

1º a SEARA é uma Família que agraga três Institutos plenamente autônomos quanto ao governo em âmbito diocesano ou inter-diocesano, ligados entre si apenas por intercâmbio espiritual de vida fraterna e colaboração no apostolado;

2º todos os Animadores de cada um dos três Institutos, à frente de unidades básicas da SEARA (= diocesanas ou inter-diocesanas), formam a Conferência Geral; esta elege o Conselho Geral, formado por dois membros do Instituto Feminino, dois do Instituto Masculino Leigo, dois do Instituto Sacerdotal, e presidido por um Sacerdote; com isso modificamos a opção da redação anterior: o Animador Geral deverá ser sempre um Sacerdote, e não um leigo, dada a perspectiva de encardinação de Sacerdotes na SEARA, e daí o consequente problema da jurisdição sobre os mesmos; o Conselho Geral da SEARA, portanto, deverá ser integrado por sete membros: quatro leigos e três clérigos; e os conselhos de cada unidade básica dos três Institutos da SEARA deverá ser formado por cinco membros; portanto, tentaremos junto à Sagrada Congregação uma aprovação segundo a qual os três Institutos são governados por um único Governo Geral: que tenham autonomia jurídica de governos independentes em âmbito local (= diocesano ou interdiocesano), e sejam inter-dependentes em âmbito geral;

d) explicita-se no § 2 do art. 4 um aspecto próprio da vida na SEARA que é o cultivo da vocação de um a partir de uma apreciação e valorização da vocação do outro; daí a nossa insistência para constituir um único governo geral com o objetivo de tornar possível o desenvolvimento deste aspecto de nosso carisma;

e) as fraternidades locais de Arautos são formadas dentro de cada Instituto, e por isso não

falamos mais em "fraternidade especial", composta por homens e mulheres que se reúnem ao redor da ação pastoral de um presbítero; as fraternidades de Arautos da SEARA não são mistas, porque não reúnem numa só homens e mulheres, nem clérigos e leigos; passamos a fazer a distinção entre agrupamentos de Arautos que são "fraternidades locais" e agrupamentos que são "equipes de trabalho"; as equipes de trabalho não possuem entidade jurídica nos Institutos da SEARA, como as Fraternidades, e por isso podem ser mistas de homens e mulheres, de clérigos e leigos;

f) a nova redação prevê a instituição de Casas de Oração dentro da SEARA, como uma de nossas formas específicas de prestar serviço à Igreja;

g) os Presbíteros membros da SEARA são encardinados nas Dioceses quando são ou foram promovidos ao sacerdócio pelas Dioceses; podem ser encardinados no Instituto Sacerdotal da SEARA quando são promovidos ao sacerdócio pela própria SEARA e quando são presbíteros que:

1º ou deverão dedicar-se à formação dos Arautos da SEARA, especialmente dos candidatos ao Sacerdócio que são formados pela SEARA;

2º ou se comprometem, em força dos vínculos sagrados contraídos pela profissão dos conselhos, a atuar na cura pastoral sempre juntos com uma equipe de leigos (= não dizemos mais, "com o diácono) aos quais confiam todos os encargos e atividades que, nas Igrejas, podem ser confiados aos leigos e aos diáconos;

3º ou são sacerdotes que desejam dar seu trabalho às dioceses carentes e atuar em meio às populações mais marginalizadas e pobres;

g) define-se a matéria da especial promessa de obediência à Igreja: em relação ao Papa é aos Bispos, e em relação ao Sacerdote assumido pelo Arauto como seu Diretor Espiritual;

- 196 - h) define-se melhor o conteúdo da forma-

ção durante o postulado, o noviciado e o juniorado; elaborase a formula de admissão ao postulado, ao noviciado e à consagração pela profissão dos conselhos (= temporária e perpétua);

i) tentaremos que a Sagrada Congregação aceite que o texto da Constituição seja único para os três Institutos; cada Instituto terá de próprio apenas o Código Fundamental, expresso num Documento ao qual pretendemos denominar de "Estatutos Gerais" (= do Instituto Feminino, do Instituto Masculino Leigo e do Instituto Sacerdotal);

j) determina-se detalhadamente todas as obrigações, atribuições e competências dos conselhos de cada um dos três Institutos, das Assembleias de cada um dos três Institutos, da Conferência Geral e do Conselho Geral;

k) determina-se detalhadamente as obrigações de cada Arauto em relação à SEARA e as iniciativas que são da competência de cada um assumir; determina-se que cada Arauto em fase de formação inicial deverá prestar anualmente um relatório ao seu Conselho de acordo com nove itens;

l) determina-se com muita clareza o campo de apostolado específico dos Aautos e o nosso modo de agir apostólico:

1º vem em primeiro lugar o apostolado que acontece no próprio envolvimento da profissão civil nas obras da sociedade, o apostolado que se faz silenciosamente antes de tudo pelo que se é, e depois pelo que se diz, à maneira do fermento;

2º garantida esta forma de apostolado na SEARA, destaca-se em seguida o apostolado nas obras da Igreja e, entre estas, está aquele apostolado que, para os padres, consiste em atuar na cura de almas entregando aos leigos tudo o que os leigos podem fazer; e, para os leigos, consiste em colocar-se ao redor da cura pastoral dos padres de tal forma que tais padres sejam completamente liberados para aquelas coisas que só os ministros ordenados, em força do sacramento, podem fazer.

# VISUALIZAÇÃO COMPARATIVA DE ALGUNS

## TEXTOS

PRIMEIRA REDAÇÃO  
Junho 1980

SEGUNDA REDAÇÃO  
Dezembro 1980

1. A SEARA é uma Fraternidade de vida consagrada que reúne cristãos fiéis de ambos os sexos, clérigos e leigos, chamados pelo Senhor a viverem o Evangelho com radicalidade de fé em meio às situações seculares da vida civil.

1. A SEARA é uma Fraternidade de vida consagrada a Deus e ao povo mediante a profissão dos conselhos evangélicos que reúne cristãos de ambos os sexos chamados pelo Senhor a viver o evangelho com radicalidade de fé em plena vida secular, isto é, na forma comum "a todos na vida temporal".

2. A SEARA reúne homens e mulheres, clérigos e leigos, que desejam seguir Cristo mais de perto escolhendo-o como único amor no Celibato pelo Reino em Pobreza e Fraternidade, mas dentro da secularidade própria dos

2. A SEARA, como membros em sentido estrito, reúne homens e mulheres, clérigos e leigos que desejam seguir Cristo mais de perto, a fim de escolhê-lo como único amor mediante o Celibato pelo Reino em Pobreza e Fra-

# VISUALIZAÇÃO COMPARATIVA DE ALGUNS

## TEXTOS

*TERCEIRA REDAÇÃO*  
*Fevereiro 1981*

*QUARTA REDAÇÃO*  
*1984*

1.A SEARA é uma Fraternidade de vida consagrada a Deus e ao povo que reúne cristãos fiéis de ambos os sexos, clérigos e leigos, chamados pelo Senhor a viver o evangelho com radicalidade de fé em plena realidade social comum a todos na vida temporal.

2.A SEARA, como membros em sentido estrito, reúne homens e mulheres, clérigos e leigos que desejam seguir Cristo mais de perto, escolhendo-o como único amor no celibato pelo Reino em Pobreza e Fraternidade, mas dentro

1.A SEARA é uma Família de vida consagrada secular em sentido estrito pela profissão dos conselhos evangélicos que agrupa três Institutos - o Feminino, o Masculino Leigo e o Sacerdotal, plenamente autônomos entre si do ponto de vista jurídico, sem qualquer dependência de governo local de um em relação ao governo local, mas governados por um único governo geral e ligados por intercâmbio de vida fraterna e colaboração no apostolado.

2.Os três Institutos da SEARA reúnem, cada um respectivamente, mulheres solteiras e viúvas, homens solteiros e viúvos, sacerdotes seculares e diáconos chamados a seguir Cristo mais de perto, e por isso o esco-

leigos no mundo e dos clérigos nas dioceses, adotando, em relação ao mundo, as rupturas que são postulados não apenas da consagração batismal, mas também da consagração virginal.

3. A SEARA reúne também casais cujos maridos sentem-se chamados e aceitam preparar-se devidamente para o exercício da Ordem Sacra do Diaconado e cujas esposas apoiam esta vocação de seus maridos e aceitam preparar-se a fim de acompanhá-los no exercício desta missão.

4. Os membros da SEARA dizem-se Arautos e estes se agrupam em Fraternidades. Os Arautos em sentido estrito são os que se consagram a Deus e ao povo no celibato pelo Reino. Os diáconos e suas esposas são Arautos em sentido lato, e se comprometem a viver o matrimônio em Pobreza e Fraternidade.

ternidade, mas dentro da secularidade própria dos leigos no mundo e dos clérigos nas dioceses, adotando, em relação ao mundo, as rupturas que são postulados não apenas da consagração batismal, mas também da consagração pela profissão dos conselhos evangélicos.

3. A SEARA reúne também casais como Arautos em sentido amplo, quando se tratam de pessoas que manifestam sinais de um chamado em virtude do qual sentem-se impelidos pelo Espírito a viver com radicalidade de fé a graça do Matrimônio em Pobreza e Fraternidade.

4. Os membros da SEARA dizem-se Arautos e se agrupam em quatro Núcleos: os Sacerdotes, os homens leigos, as mulheres e os casados. Sacerdotes, homens leigos e mulheres são membros em sentido estrito, porque prometem obediência aos membros da Hierarquia eclesiástica, e se consagram mediante voto através do Celibato em Pobreza e Fraternidade. Os casados são Arautos em sentido amplo, prometem obediência aos membros da Hierarquia ecle-

da secularidade própria lhem como único amor e dos leigos no mundo e se comprometem, mediante dos clérigos nas dioceses, adotando em relação voto, a amá-lo com cora-ção indiviso no Celibato ao mundo, as rupturas pos pelo Reino, entendido co- tuladas não apenas pela mo castidade consagrada consagração batismal, mas ou virgindade cristã, em também pela consagração Pobreza e Fraternidade; pela profissão dos conse- mas o fazem dentro da lhos evangélicos plena secularidade dos leigos no mundo ou dos clérigos nas dioceses...

3.A SEARA reúne também, 3.Cada um dos três Insti- como membros em sentido tutos da SEARA reúne tam- amplo, casais que revel- bém, como membros em sen- lam sinais de um chamado tido amplo, mulheres casa- em virtude do qual sent- das, homens casados lei- tem-se impelidos pelo Es- gos e homens casados que pírito a viver com radi- se preparam para ser ou calidade de fé a graça já forma ordenados como do matrimônio em pobreza diáconos permanentes, que e fraternidade. revelam sinais de um cha- mado em virtude do qual sentem-se impelidos..etc.

4.Os membros da SEARA di- 4.Os membros dos Institu- zem-se Arautos e se agru- tos da SEARA dizem-se A- pam em quatro Núcleos: os rautos porque, como João Presbíteros, os homens Batista, no meio do mun- leigos, as Mulheres e os do, são enviados à fren- Casados. Presbíteros, Ho- te do Senhor a fim de mens leigos e Mulheres preparar os seus cami- são Arautos em sentido nhos no interior das es- estrito, porque prometem truturas seculares, sobre- obediência aos Pastores tudo das que mais resis- da Igreja e se consagram tem ao Ingresso do Reino mediante voto pela profi- de Deus no mundo.issão dos conselhos e- vangélicos do celibato pelo Reino em Pobreza e Fraternidade; os Casados são Arautos em sentido

siástica e, mediante juramento, se comprometem viver o matrimônio em pobreza e fraternidade.

5. Os Presbíteros... permanecem ou são encardinados nas dioceses... Apenas renunciam ao exercício de cargos que, por sua natureza, os envolviam com as necessidades de ordem material, temporal e administrativa da Igreja, e se liberam, como profetas e médicos de almas, unicamente para o serviço em prol das necessidades propriamente espirituais do Povo de Deus...

5. Os Presbíteros... permanecem ou são encardinados nas dioceses; pela consagração de sua secularidade se unem mais a Cristo e se vinculam por novo título ao Bispo e seu presbitério. Tanto quanto possível, e na medida em que fôr útil ao Povo de Deus e não diminua de forma alguma a autoridade do Bispo, que é o único responsável por direito divino sobre o rebanho... renunciam ao exercício de cargos que, por sua natureza, os envolveriam demasiadamente com as necessidades de ordem material, temporal e administrativa da Igreja, e se liberam como profetas, médicos de almas e educadores da fé, unicamente para o serviço das necessidades propriamente "espirituais" do povo de Deus, isto é: a pregação da Palavra, a Pastoral da Eucaristia e da Penitência, a direção espiritual das consciências, a assistência aos enfermos, a formação de almas, especialmente...

amplo porque prometem obediência e se comprometem, mediante promessa, a viver o matrimônio em pobreza e fraternidade.

6.0s Presbíteros...permanecem ou são encardinados nas dioceses... pela consagração de sua secularidade unem-se mais a Cristo e vinculam-se por novo título ao Bispo e seu presbitério. Na medida em que a SEARA contar com membros diáconos em número suficiente e devidamente preparados...renunciam ao exercício de cargos que, por sua natureza, os envolveriam com as necessidades de ordem material, temporal e administrativa da Igreja local, e se liberam, como profetas, médicos de almas e educadores da fé, unicamente para o serviço da pregação da Palavra, a pastoral dos enfermos, da Eucaristia e da Penitência, a libertação integral dos pobres, e oprimidos procurada unicamente com critérios evangélicos, a direção espiritual das consciências, a formação de almas, e em especial das pessoas consagradas e dos ministros da Igreja.

6.0s presbíteros...permanecem ou são encardinados em suas dioceses- se são ou foram promovidos ao sacerdócio pela própria diocese; são encardinados no Instituto Sacerdotal da SEARA quando são promovidos ao sacerdócio pelo próprio Instituto e se comprometem a exercer o mistério pastoral confiando aos leigos e, se possível, também aos diáconos, tudo o que nas paróquias pode ser confiado aos leigos ou aos diáconos permanentes. Em decorrência, eles se comprometem a exercer seu ministério unicamente como médicos de almas, pastores, educadores da fé e homens de Deus, liberando-se com total disponibilidade para o serviço da Palavra, a Pastoral da Eucaristia, da Penitência e dos Enfermos, a libertação integral dos pobres, a direção espiritual das consciências, a formação de almas, em especial das pessoas consagradas e dos ministros da Igreja.

7. Na SEARA, a autoridade no plano legislativo compete à Assembléia dos A-rautos; no plano executivo, ao Conselho da SEARA; no plano da formação inicial, ao Monitor de Postulantes, Noviços e Junioristas, e no plano espiritual, ao Diretor Espiritual. As Assembléias dos Arautos distinguem-se, quanto ao tempo, em ordinária e extraordinária, e quanto ao grupo que congrega, em geral e particular. Os Conselhos da SEARA distinguem-se em Geral e Particulares

7. Na SEARA, a autoridade no plano legislativo compete à Assembléia dos Arautos; no plano executivo, ao Conselho da SEARA; no plano da formação inicial, ao Monitor de Postulantes, Noviços e Junioristas, e no plano espiritual, ao Diretor Espiritual. As Assembléias dos Arautos distinguem-se, quanto ao tempo, em ordinária e extraordinária, e quanto ao grupo que congrega, em geral e particular. Os Conselhos da SEARA distinguem-se em Geral e Particulares.

7. Na SEARA, a autoridade no plano legislativo compete à hierarquia da Igreja no que se refere ao Código Principal e às Assembléias dos Arautos, no que se refere às demais normas; no plano executivo, aos Conselhos da SEARA; no plano da formação inicial, ao Monitor de Postulantes, Novíços e Junioristas; no plano espiritual, ao Diretor Espiritual; no plano pastoral, ao Bispo. As Assembléias são celebradas a cada três anos; os Conselhos distinguem-se em Geral (= para toda a SEARA) e Particulares, para cada Núcleo; o Conselho Geral é integrado pelos membros dos quatro Conselhos Particulares, entre os quais elege o Animador Geral, que sempre deve ser um leigo, homem ou mulher, e nunca um clérigo ou um casado.

8. Os três Institutos da SEARA, em âmbito geral, são governados por um Conselho geral composto por 7 membros, presidido por um Sacerdote como Animador Geral. Para preencher os cargos dos seis conselheiros a Conferência Geral elege dois representantes de cada Instituto. O Conselho Geral é o órgão executivo da Conferência Geral, integrada por todos os Animadores dos três Institutos. As unidades básicas dos três Institutos (diocesanas e inter-diocesanas) têm à frente as Assembléias (diocesanas ou inter-diocesanas) como órgão solene de governo e os Conselhos (diocesanos e inter-diocesanos) como forma ordinária e administrativa de governo. Os Conselhos (diocesanos ou inter-diocesanos) dos Institutos são formados por cinco membros dentre os quais elege-se o Animador (diocesano ou inter-diocesano). As Assembléias são celebradas a cada três anos e a Conferência Geral reúne-se de seis em seis anos.

## OUTROS APERFEIÇOAMENTOS NA QUARTA

### REDAÇÃO

A quarta redação do texto de nossa Constituição representa consideráveis avanços em vários pontos assaz importantes. Certamente estes aperfeiçoamentos ainda não terminarão a próxima Assembléia no final deste ano. Nossas descobertas continuarão. Podemos afirmar que já terminou o tempo de primeira inspiração da SEARA? Talvez não! E é preciso que permaneçamos dóceis à ação do Espírito que nos conduz a toda a verdade.

Além dos superamentos e modificações que são trazidos pela nossa quarta redação e que já foram citados, há ainda algumas coisas que, de acordo com uma recente comunicação da Sagrada Congregação para os Religiosos e Institutos Seculares, não podem ficar sem ser determinadas no texto de nossa Constituição. Segundo esta comunicação feita aos Responsáveis Gerais dos Institutos Seculares, o texto de nossa Constituição precisa determinar ainda os seguintes assuntos:

1. Qual dos membros do Conselho tem o direito de admitir os Arautos ao postulado, ao noviciado, à primeira consagração e à consagração perpétua; a Constituição deve determinar também que tipo de voto (= deliberativo ou consultivo) este membro do Conselho, para admitir um Arauto, precisa dos demais membros do Conselho;

2. Quais os efeitos da incorporação perpétua na SEARA;

3. Como deverá ser ministrada a formação permanente;

4. Quais os eventuais impedimentos para a admissão na SEARA; devem ser acrescentados aos que

já são determinados pelo Código de Direito Canônico (cf. cânon 721 § 2);

5. Qual é o Bispo competente para a dispensa do vínculo perpétuo durante o tempo em que os Institutos da SEARA forem de direito diocesano: se o Bispo que faz a ereção canônica dos Institutos da SEARA, isto é, o de Curitiba, se o Bispo do lugar em que reside o Arauto interessado;

6. Quais as causas para a demissão que a SEARA deseja acrescentar às que são previstas pelo Código de Direito Canônico (cânon 729);

7. Qualidades que a SEARA exige para a admissão dos Arautos, além das que já são estabelecidas pelo Código de Direito Canônico (cân. 597 § 1)

8. O modo de entender a participação na vida do Instituto;

9. Indicações precisas sobre retiros, exercícios espirituais etc.

10. Indicações mais precisas sobre como devem ser administrados os bens da SEARA;

11. Indicações mais precisas sobre os estilo de vida dos Arautos nas condições ordinárias.

.

# Í N D I C E

<i>Apresentação</i>	pag.	3
<i>Quero conversar com os meus filhos</i>	"	5
<i>O Dom do qual nascemos</i>	"	7
<i>O texto da nossa Constituição</i>	"	9
<b>1ª Parte: HISTÓRIA DOS ANOS DE FUNDAÇÃO</b>		
<b>DA SEARA</b>	"	13
<i>Como nasceu a SEARA?</i>	"	14
<i>Uma cosmovisão teológica da vida consagrada</i>		21
<i>A pura vida consagrada como tal</i>	"	25
<i>Os longos anos de "gestação"</i>	"	28
<i>As primeiras tentativas de organização</i>	"	30
<i>A situação ingrata de uma mãe solteira</i>	"	33
<i>De que maneira cuidei da vida que havia concebido</i>	"	34
<i>Solidifica-se a organização</i>	"	39
<i>Um verme rasteja na noite</i>	"	41
<i>Como contei "minha história"</i>	"	45
<i>Ferirei o pastor e dispersar-se-ão as ovelhas</i>		53
<i>Como enfrentei a crise do grupo</i>	"	56
<i>As exigências da "nova SEARA"</i>	"	62
<i>As coisas das quais não posso "abrir mão"</i>	"	66
<i>Ouvimos a voz da rola em nossa terra</i>	"	69
<i>Carta aos meus Superiores e Confrades</i>	"	71
<i>Carta a 23 Bispos</i>	"	76
<i>As respostas às minhas cartas</i>	"	78

<i>Rumo ao texto da Constituição</i>	pag. 85
<i>Minha viagem a Roma</i>	" 90
<i>Minhas "movimentações" em Roma</i>	" 96
<i>Meu encontro com Mons. Dorronsoro</i>	" 99
<i>Nuvens côr-de-chumbo nos céus de Roma</i>	" 102
<i>Serenidade azul nos céus de Roma</i>	" 108
<i>Finalmente, tudo pronto para o parto!</i>	" 116
<i>O acerto com minha "casa paterna",</i>	" 120
<i>Havíamos ficado pobres, muito pobres!</i>	" 128
<i>E finalmente, nasceu a SEARA!</i>	" 130
<i>Os primeiros três "aninhos" do bebê</i>	" 133

## 2ª Parte: A FIXAÇÃO POR ESCRITO DA PROPOSTA DA SEARA

<i>A fixação por escrito da nossa proposta</i>	" 141
<i>Primeira expressão de nossa fixação por escrito</i>	" 143
<i>Conclusões sobre a nossa primeira fixação por escrito</i>	" 154
<i>Nossa proposta começa a ser feita também a homens leigos</i>	" 159
<i>Segunda expressão de nossa fixação por escrito</i>	" 163
<i>Revisão crítica da SEARA em Agosto de 1976</i>	" 171
<i>Terceira expressão de nossa fixação por escrito</i>	" 175
<i>A nova configuração da SEARA a partir de janeiro de 1978</i>	" 177
<i>Nossa quarta e definitiva fixação por escrito - A Constituição</i>	" 187

<i>Visualização comparativa de alguns textos</i>	<i>pg.198</i>
<i>Outros aperfeiçoamentos na quarta redação</i>	<i>" 206</i>
<i>Índice</i>	<i>" 209</i>

**Endereço da SEARA no BRASIL:**

Rua Brasilino Moura, 434  
Fone (041) 254.6877  
Caixa postal, 8089  
80.000 - CURITIBA - Paraná  
Brasil.

**Endereço da SEARA em PORTUGAL:**

Estada das Piscinas  
Lote 52, R/c esq.  
7000 - ÉVORA - Portugal